

ainda  
a  
Festa!

Avante!

Proletários de todos os países UNI-VOS



Págs. 16, 17  
e 18

## Imagens e números



Entrevistas com Jon Fromer  
e Hechos Contra el Decoro

## A música e a política no mesmo coração

Págs. 21, 22 e 23

Do discurso

de Carlos Carvalhas

Págs. 19 e 20

## É tempo, e mais que tempo, de mudar de política



**Carvalhas no Funchal**

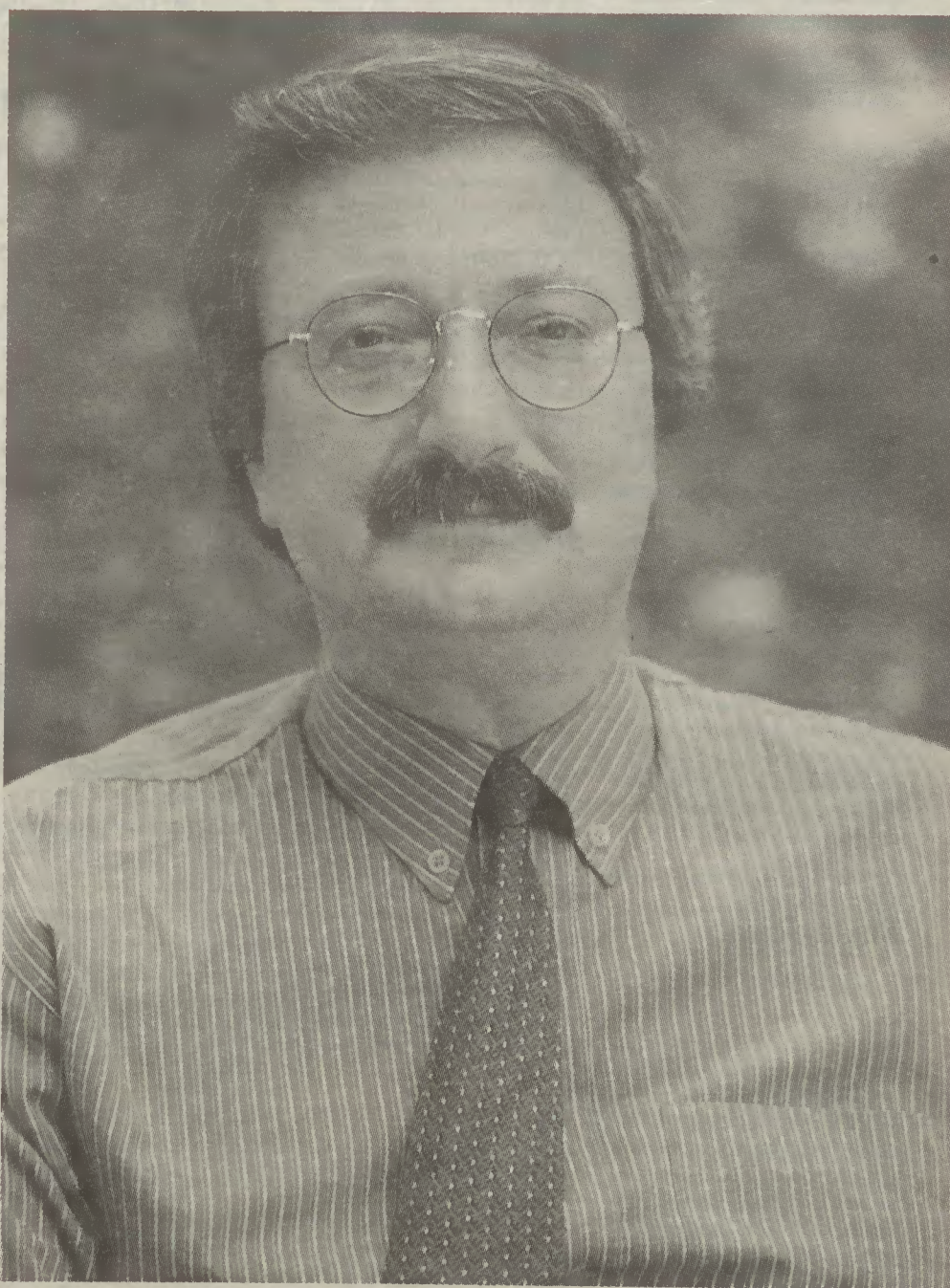
### Mais CDU!

«A Madeira só terá a ganhar em reforçar a CDU», disse Carlos Carvalhas na apresentação das listas de candidatos da Coligação Democrática Unitária, concorrentes às próximas eleições regionais.

Pág. 7

## Decisão do Comité Central

# António Abreu candidato do PCP



António Abreu, membro do CC

e da sua Comissão Central de Controlo, será o candidato do Partido Comunista Português às próximas eleições presidenciais. Tal foi a decisão tomada, por unanimidade, na reunião do Comité Central do PCP de sábado passado.

Pág. 5

**Reivindicações para 2001**

### Seis contos no mínimo

Ao definir as reivindicações para o ano 2001, a CGTP, em documento aprovado pelo seu Conselho Nacional, exige aumentos salariais de 5,5 por cento. Reclama também que não haja aumentos inferiores a seis contos.

Pág. 11

**Jugoslávia**

### Eleições presidenciais

Um ano depois dos bombardeamentos da NATO, os jugoslavos continuam a ser um alvo do imperialismo. Agora é o intenso bombardeamento da imprensa internacional em redor das eleições.

Pág. 14



**Avante!**  
Proletários de todos os países  
UNI-VOS!

**PROPRIEDADE**  
Partido Comunista Português  
R. Soeiro Pereira Gomes, 3  
1600 - 196 Lisboa  
Tel. 21 781 38 00

**ADMINISTRAÇÃO**  
Editorial «Avante!», SA  
Av. Almirante Reis, 90,  
7.º-A, -1169-161 Lisboa.  
Capital social:  
15 000 000\$00.  
CRC matrícula: 47058.  
NIF - 500 090 440

**DIREÇÃO E REDACÇÃO**  
R. Soeiro Pereira Gomes, 3  
1600 - 196 Lisboa  
Tel. 21 781 71 90/91  
Fax: 21 781 71 93  
E-mail:  
avante.pcp@mail.telepac.pt  
Web:  
http://www.pcp.pt

**Director**  
José Casanova

**Chefe de Redacção**  
Leandro Martins

**Chefe Adjunto**  
Anabela Fino

**Redatores**  
Carlos Nabais  
Domingos Mealha  
Henrique Custódio  
Isabel Araújo Branco  
João Chasqueira  
Ligia Calapez  
Manuel Jorge Veloso  
Margarida Folque

**Grafismo**  
José Araújo

**Fotografia**  
Jorge Caria  
Sérgio Morais

**Secretaria da Redacção**  
Ivone Dias Lourenço  
Noémia Presúncia

**DISTRIBUIÇÃO**  
**DISTRIBUIÇÃO ADE'S**  
Editorial Avante!  
Av. Gago Coutinho, 121,  
1700 Lisboa  
Tel. 218 429 836

**Alterações de remessa**  
Até às 17 horas  
de cada sexta-feira:  
Tel. 218 429 836

**DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL**  
**DELTA PRESS**  
Delegação Lisboa:  
Tapada Nova - Capa Rota  
Linhó - 2710 Sintra  
Tel. 21 924 04 47  
**Delegação Norte:**  
Zona Industrial da Maia  
Sector IX  
Rua B Lt. 227 - 4470 Maia  
Tel. 22 941 76 70

**ASSINATURAS**  
Av. Gago Coutinho, 121,  
1700 Lisboa  
Tel. 218 429 836

**TABELA DE ASSINATURAS\***  
(IVA e portes incluídos)

**PORTUGAL**  
(Continente e Regiões  
Autónomas)

50 números: 8 100\$00

25 números: 4 200\$00

**EUROPA**

50 números: 21 850\$00

**EXTRA-EUROPA**

50 números: 30 600\$00

**GUINÉ-BISSAU,**

**S. TOMÉ E PRÍNCIPE**

**e MACAU**

50 números: 23 000\$00

\*Enviar para  
Editorial «Avante!»  
nome, morada  
com código Postal  
e telefone  
a acompanhar cheque  
ou vale de correio.

**Composição e impressão**  
Heska Portuguesa, SA  
Campo Raso  
2710 - 139 Sintra  
Depósito legal n.º 205/85



## Resumo

### 6 Quarta-feira

Milícias pró-indonésia atacam uma delegação do Alto-Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) em Atambua, Timor Ocidental, assassinando três funcionários da ONU. Tem início em Nova Iorque a Cimeira do Milénio das Nações Unidas. Activistas do Direito do Trabalho acusam a MacDonald's de exploração de trabalho infantil na China, onde crianças de 13 e 14 anos trabalham de 16 a 20 horas diárias no fabrico dos bonecos da refeição *happy meal*. Um grupo neonazi no Brasil anuncia publicamente «uma série de acções de destruição de minorias».

### 7 Quinta-feira

Tem início a ronda de encontros do Presidente da República com os representantes dos partidos políticos com assento na AR, onde Carlos Carvalhas, o primeiro convidado por Jorge Sampaio, salienta a necessidade duma reforma fiscal justa e social. Em França o aumento dos combustíveis desencadeia uma onda de paralisações de taxistas e camionistas em várias cidades do país. Ao mesmo tempo a Comissão Europeia anuncia a sua intenção de pressionar a OPEP para aumentar a produção. Fidel Castro discursa na Cimeira do Milénio da ONU, onde critica fortemente a nova ordem político-económica, acusando-a de «não servir em nada os interesses da humanidade» e de ser «insustentável».

### 8 Sexta-feira

António Guterres, após um encontro com o Presidente da República, defende que um chumbo do Orçamento de Estado seria uma «tragédia», ao mesmo tempo que faz um apelo aos restantes partidos para se chegar a um acordo. Durão Barroso acusa o Governo de «permissividade» e de «decadência da autoridade». O grupo de «sábios» encarregados de verificar a validade das sanções impostas à Áustria entrega um relatório final defendendo um levantamento das mesmas. Jorge Rojas, líder da organização não governamental (ONG) colombiana «Consultoria» para o movimento forçado de pessoas e direitos humanos, afirma que o Plano Colômbia «não ajudará a consolidar a democracia» no país e que «vai prestar um magro serviço à paz».

### 9 Sábado

O Comité Central do PCP reúne-se, decidindo por unanimidade a candidatura de António Abreu às presidenciais de Janeiro de 2001. Numa reunião informal dos ministros de Economia e Finanças, os Quinze lan-

çam um comunicado onde exigem à OPEP um aumento da produção a fim de baixar os preços do petróleo. Termina em Nova Iorque a Cimeira do Milénio da ONU, onde foram assinados mais de 300 tratados e 85 países responderam afirmativamente aos apelos do secretário-geral Kofi Annan.

### 10 Domingo

A OPEP decide aumentar a produção de petróleo para 800 mil barris por dia, a fim de baixar os preços da gasolina. Miguel Portas defende uma subida do salário mínimo nacional para 69 mil e 800 escudos, como «condição» para negociar o Orçamento de Estado para 2001 com o Governo. O Conselho Central da Organização de Libertação da Palestina (CCOLP) decide ao fim de dois dias de reuniões em Gaza adiar a proclamação do Estado Palestino para data indefinida. O Chefe do Estado-Maior britânico anuncia a libertação na Serra Leoa de seis dos seus soldados reféns do exército rebelde.

### 11 Segunda-feira

O PCP avança com um projecto de lei para a reforma fiscal e, em carta enviada ao presidente da Assembleia da República, Almeida Santos, pede um adiamento da discussão do diploma para próximo dia 28 deste mês. Os reis de Espanha iniciam uma visita oficial de quatro dias a Portugal, onde deparam com um pequeno incidente com um cidadão português solidário com os presos políticos no País Basco e defensor da sua independência. O Banco Mundial anuncia o apoio do ensino da Língua Portuguesa em Timor-Leste ao financiar manuais escolares do 7.º ao 12.º anos de escolaridade.

### 12 Terça-feira

António Guterres anuncia a remodelação do Governo PS, separando as pastas da Economia e das Finanças com a entrada de Mário Cristina de Sousa para ministro da Economia; o Ministério da Solidariedade é desfeito, Fernando Gomes substituído por Severino Teixeira e Oliveira Martins substituído por Augusto Santos Silva na Educação. Após este anúncio por parte do primeiro-ministro o PCP, em comunicado da Comissão Política, alerta para a necessidade de mudar de política «e não de caras». Paris anuncia o levantamento das sanções à Áustria, pondo assim fim ao corte de relações bilaterais entre este país e os restantes catorze membros da UE. O Movimento dos Sem Terra brasileiro (MST) inicia uma nova acção de ocupação de edifícios públicos, com vista a pressionar o governo a disponibilizar mais recursos para a instalação dos sem-terra.

## Aconteceu Remodelação à vista

Foi concluída e anunciada uma remodelação governamental decidida pelo Primeiro-Ministro António Guterres, dando-se por certas algumas alterações de vulto como a saída pura e simples do ministro da Administração Interna, Fernando Gomes (que será substituído por Nuno Severiano Teixeira, até há pouco tempo ligado ao Instituto de Defesa Nacional), a «subida» de Jorge Coelho para ministro de Estado e mantendo a tutela do Ministério do Equipamento (o

que fará dele um co-responsável da chefia do Executivo, ao lado do próprio Guterres), a substituição de Pina Moura na pasta da Economia por um independente (mas mantendo as Finanças, com declarado agrado das organizações patronais) e a «subida» do ministro da Educação, Oliveira Martins, para a pasta dos Assuntos Parlamentares e da Presidência, sendo substituído na Educação pelo seu secretário de Estado Augusto Santos Silva.

## Reis de Espanha visitam Portugal

Os reis de Espanha, Juan Carlos e Sofia, terminam hoje uma visita oficial de quatro dias ao nosso país, onde cumpriram um apertado programa oficial. Além de encontros com os principais responsáveis políticos portugueses e com a comunidade espanhola residente em Portugal, Juan Carlos e a mulher começaram a sua visita com diversas recepções e cerimónias protocolares ao mais alto nível, realizadas em Lisboa. O segundo dia da visita foi carregada de simbolismo para o monarca espanhol que, após um encontro com empresários espanhóis e uma recepção na Assembleia da República, se deslocou ao Estoril e ao concelho de Cascais onde passou grande parte da sua infância durante o exílio de seus pais, os condes de Barcelona, tendo inclusivamente inaugurado um monumento no Estoril em honra aos seus progenitores. Na terça-feira, após recepções na sua residência oficial no palácio de Queluz e uma visita ao navio-escola *Sagres*, os monarcas espanhóis rumaram para o Porto, onde realizaram um cruzeiro no Douro na companhia de Jorge Sampaio e da mulher. Hoje, último dia da visita, está prevista a sua deslocação à Universidade do Minho, em Braga, onde inaugurarão a exposição «Santiago, um tempo e um lugar», no Salão Medieval do antigo Paço dos Arcebispos.

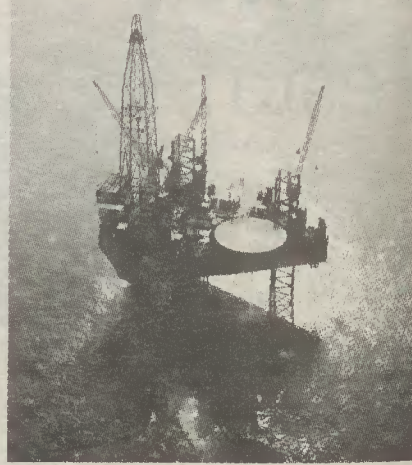
## OPEP decide aumentar produção de petróleo

A OPEP - Organização dos Países Exportadores de Petróleo - decide na sua reunião de Viena aumentar a produção de petróleo em 800 mil barris por dia, o que já foi considerado um «semiêxito» pelos responsáveis dos países importadores, nomeadamente os da União Europeia, que reivindicavam um aumento de produção na ordem de um milhão de barris/dia como condição necessária para que o preço do crude descesse até aos 25 dólares por barril. Com este aumento de 800 mil barris/dia, e segundo analistas internacionais citados na imprensa, os preços apenas estabilizarão um pouco abaixo dos 30 dólares por barril, o que é considerado «insuficiente» para a estabilidade dos mercados ocidentais.

Nesta nova crise petrolífera os EUA e as grandes multinacionais que controlam a comercialização internacional do

petróleo continuam a desempenhar um papel crucial, onde o seu controlo directo de 60% da produção e comercialização mundiais de petróleo (a OPEP apenas produz e exporta 40%) desempenham um papel muito mais determinante na crise do que a própria OPEP, cuja mar-

gem de manobra é muito menor neste novo brutal surto especulativo sobre o petróleo, o que explica a cedência de Aumento de produção agora decidido em Viena.



## Recorde no «buraco» da camada de ozono

A agência espacial norte-americana (NASA) anunciou que, no passado dia 3 de Setembro, o «buraco» na camada de ozono do nosso planeta sobre a Antártida atingiu um novo recorde de 28,3 milhões de quilómetros quadrados (o triplo da superfície dos EUA), quando há dois anos se situava nos 27,2 milhões de metros quadrados. Segundo Diamantino Henriques, especialista em ozono estratosférico do Instituto de Meteorologia citado pelo *Público*, este aumento de mais de um milhão de quilómetros quadrados



em apenas dois anos é surpreendente e preocupante, dado que «já começa a invadir regiões fora do círculo polar», estando já «a roçar a península da América do Sul». Afirma este especialista que «num primeiro momento isto não trará grandes problemas, mas à esca-

la anual é preocupante». Apesar de os especialistas da NASA continuarem a assegurar que, por agora, a destruição da camada de ozono «estabilizou», o certo é que, como recorda Diamantino Henriques, a sua espessura continua a diminuir para valores nunca antes registados.

## OLP forçada a adiar declaração de independência

O Conselho Central para a Libertação da Palestina (CCOLP) anunciou a sua decisão de adiar a declaração unilateral de independência do Estado da

Palestina, marcada para o próximo dia 13, afirmando que o regime interno actualmente

em vigor se manterá em funcionamento até 15 de Novembro. Esta decisão de adiamento tornou-se inevitável após o fraco apoio internacional obtido pela OLP nas intensas diligências protagonizadas por Yasser Arafat. Os próprios países árabes não passaram de declarações retóricas quando o apoio lhes foi pedido, enquanto a União Europeia, sempre atrelada

aos ditames dos EUA, se recusaram liminarmente a apoiar este «acto unilateral», na sequência de o Japão e os EUA a ameaçarem mesmo cortar o seu apoio à autoridade palestina. Mais uma vez, os ditames de Israel e a sua visão leonina do problema palestino contou com o apoio e a cumplicidade internacionais sob liderança dos EUA.





## Crónica Internacional

• Ângelo Alves

# Os «sábios» falaram

4 de Fevereiro de 2000. A coligação entre a extrema-direita (FPÖ) e os conservadores (ÖVP) toma posse como novo governo austríaco. Os dirigentes dos restantes 14 estados membros da União Europeia instauram sanções diplomáticas bilaterais à Áustria.

12 de Julho. O presidente do Tribunal Europeu de Direitos Humanos nomeia uma comissão de três individualidades - «os três sábios» - para avaliar a situação na Áustria.

8 de Setembro. É conhecido o resultado do trabalho dos «três sábios».

A ambiguidade marca o relatório. Confirma «existirem razões para que a descrição do FPÖ como partido populista, de direita, com elementos radicais, seja adequada» e reconhece que «o FPÖ utilizou sentimentos xenófobos em campanhas eleitorais». Mas afirma igualmente que o governo austríaco «cumpre o seu compromisso com os valores europeus comuns» e relativamente aos ministros do FPÖ têm governado «de acordo com o compromisso do governo austríaco com os valores europeus comuns».

Quanto às sanções, por um lado refere que «em caso de se manterem as sanções decididas pelos 14 estados membros o seu efeito seria contraproducente», mas afirma que estas «aumentaram a sensibilidade sobre a importância dos valores europeus comuns».

Com a proposta implícita do levantamento das sanções, o relatório surge como uma saída airosa para uma situação criada por uma solução de cosmética para o problema da ascensão da extrema-direita na Áustria e que ameaçava bloquear o funcionamento das instituições da União Europeia.

Ao mesmo tempo, não põe em causa a decisão dos 14 estados membros poderem interferir em decisões de um estado soberano e do seu povo em nome dos «valores europeus comuns». Pelo contrário, legitima-a com a referência à importância pedagógica das sanções e com a proposta do

**«desenvolvimento de um mecanismo dentro da União Europeia para controlar e avaliar o compromisso e a acção concreta dos estados membros da União relativamente aos valores europeus comuns».**

Estas conclusões agradaram aos dirigentes do FPÖ. Tentando manter alguma coerência na análise da natureza do FPÖ, o relatório fornece argu-

mentos para a regularização das relações entre a UE e o governo austríaco.

Agrada também aos dirigentes da União Europeia que assim encontram as razões necessárias para, mantendo um discurso demagogicamente crítico relativamente ao governo de Viena e ao FPÖ, regularizarem as relações diplomáticas e garantirem as condições necessárias para prosseguir as reformas neo-liberais e de carácter federalista da UE sem perigos de boicotes por parte da Áustria.

Enquanto relatórios se publicam e os hipócritas jogos diplomáticos da UE se processam, importa dizer sem ambiguidades que o FPÖ continua a ser um perigoso partido de extrema-direita de carácter marcadamente racista e xenófobo, que os seus ministros se tentam conter nos seus discursos e acções para se manterem no poder e que este relatório, tal como as sanções, em nada contribuiu para o combate sério à extrema-direita.

Importa ainda dizer que desde Janeiro incidentes com imigrantes tiveram lugar em diversos países da União Europeia. Que os movimentos neonazis intensificaram as suas actividades nomeadamente em Portugal. Que a extrema-direita italiana governa hoje a província de Itália onde se situa Roma. Que a extrema-direita austríaca tem intensificado os seus contactos com os neonazis alemães do NPD. Que as reais causas socioeconómicas e as responsabilidades políticas do crescimento da extrema-direita na Europa são consecutivamente escamoteadas nos discursos dos responsáveis europeus.

Em 5 e 6 de Fevereiro, o Comité Central do PCP abordava a situação na Áustria nos seguintes termos:

«(...) é indispensável não perder de vista as causas provavelmente determinantes do êxito eleitoral daquele partido e em que parecem avultar a exploração demagógica e populista de justas insatisfações em vastos sectores da população provocadas pela política neoliberal dos socialistas (e pelas suas passadas coligações com os conservadores)(...)».

No mesmo comunicado advertia: «(...) não pode deixar de considerar-se como um perigoso precedente e como uma atitude contraproducente que as instâncias da União Europeia ou um conjunto de Estados Europeus se arroguem o direito ou expressem a pretensão de funcionarem como entidade supranacional de tutela de decisões soberanas de cada povo e país».

A vida deu razão ao PCP. As sanções não contribuíram para combater e isolar a extrema-direita austríaca, antes lhe deram mais força. Todo o processo acabou por banalizar e branquear o FPÖ. O perigoso precedente foi aberto e o relatório dos «sábios» confirma o objectivo inadmissível de reforço dos mecanismos de tutela supranacional sobre estados soberanos.

## Editorial

# A CANDIDATURA NECESSÁRIA

A decisão de apresentar uma candidatura às eleições presidenciais, tomada pelo Comité Central do PCP em Junho passado, foi agora complementada com a escolha do candidato e com a definição de algumas grandes linhas de intervenção do Partido nesta importante batalha.

O camarada António Abreu - membro do Comité Central e da Comissão Central de Controlo e vereador na Câmara Municipal de Lisboa - é o nosso candidato, o candidato do Partido às próximas eleições para a Presidência da República. Assim o decidiu, por unanimidade, o Comité Central do Partido na sua última reunião.

Trata-se de uma candidatura que visa garantir a presença do PCP no debate e na batalha eleitorais com as suas opiniões, ideias e propostas e, assim, contribuir para o reforço e o alargamento da luta contra a política de direita e por uma alternativa de esquerda na vida nacional.

Trata-se de um candidato cuja intervenção na campanha eleitoral se traduzirá, seguramente, num contributo singular para o enriquecimento

o futuro, nomeadamente através da pretendida alteração da legislação eleitoral - e sublinhará as equívocas avaliações produzidas pelo actual Presidente da República no que respeita à chamada crise do sistema político. Erguerá a sua voz, com a mesma força e determinação, na defesa de um desenvolvimento económico equilibrado, da justiça social, do combate às desigualdades e exclusões. Trará para a rua e para o debate a defesa dos direitos dos reformados, dos jovens, dos agricultores, das mulheres, dos trabalhadores em geral, designadamente a defesa do direito ao trabalho e do trabalho com direitos - direitos que constituem componente fundamental de uma verdadeira democracia e que sempre têm tido no PCP o mais sólido e coerente defensor.

Da mesma forma, e no prosseguimento de uma postura iniludível dos comunistas nessa matéria, a defesa da soberania nacional e a denúncia de posições e práticas lesivas dessa soberania, constituirá um eixo fundamental da candidatura de António Abreu. O combate aos atentados à soberania nacional, à política subserviente do Governo do PS (na linha dos anteriores governos do PSD) face aos ditames do imperialismo norte-americano e dos responsáveis pelos rumos negativos da integração europeia será imposto pela candidatura comunista como tema de debate na campanha das presidenciais. A agressão militar à Jugoslávia, decidida pelo Governo dos EUA e responsável pela morte e pelo sofrimento de muitos milhares de pessoas - agressão que prossegue, hoje, por outras formas e por outros meios em flagrante violação do direito internacional e dos direitos humanos -, foi servilmente apoiada pelo Governo de António Guterres. E também nesta área haverá que sublinhar e criticar severamente a postura de completo alinhamento do Presidente Jorge Sampaio com a política do Governo do PS - alinhamento que, aliás, foi quase uma constante no seu mandato actual.

A candidatura de António Abreu às presidenciais é, por tudo isto, uma candidatura necessária e indispensável. E a campanha eleitoral que se avizinha constituirá uma importante batalha não só para os militantes comunistas como para todos os portugueses e portuguesas que se revêem na luta por uma democracia que assuma plenamente todas as suas componentes essenciais e que vêem na luta o caminho para a conquista de uma política de esquerda que inicie a resolução dos problemas que afligem a maioria do povo português.

Naturalmente, os militantes e organizações do Partido e da JCP têm nesta batalha um papel determinante. Do seu empenhamento e mobilização, da amplitude e da força da sua intervenção, do entusiasmo, da convicção e da confiança com que travarem esta batalha, dependerá em grande medida o êxito da candidatura comunista. É evidente que a inserção da batalha eleitoral nas múltiplas formas de intervenção do Partido e no desenvolvimento da acção de massas é condição essencial para que a candidatura de António Abreu se traduza num forte contributo para o reforço da luta em defesa dos interesses e aspirações dos trabalhadores e do povo e por uma alternativa de esquerda.

**“Os militantes e organizações do Partido e da JCP têm nesta batalha um papel determinante”**

do debate democrático; para o aprofundamento sério das questões que hoje se colocam aos trabalhadores, ao povo e ao País; para dar expressão e ampliar a corrente dos que lutam por uma política de esquerda para Portugal.

Quanto ao destino da candidatura, a Resolução do Comité Central sublinha que «no actual quadro político e panorama de candidaturas anunciadas, a candidatura do PCP assume todas as prerrogativas e finalidades inerentes à lei eleitoral em vigor e propõe-se claramente sujeitar-se ao sufrágio popular».

A candidatura do PCP é portadora de um conjunto de valores e referências políticas, sociais, económicas, culturais e patrióticas que a distinguem de qualquer das outras candidaturas - inclusive da mais que previsível candidatura do actual Presidente da República, cujas convicções democráticas não são questionáveis mas cuja prática no exercício do cargo é, em muitos aspectos essenciais, passível de severa crítica.

Assente numa clara determinação de defesa da democracia em todas as suas vertentes fundamentais, a candidatura comunista intervirá activamente nesse sentido. Dará combate firme a todas as formas de desvirtuamento e empobrecimento do conteúdo do regime democrático que têm caracterizado a prática dos vários partidos e que continuam presentes nos seus projectos para



## Actual O sonho de Mesquita

• José Casanova

Em Setembro de 1988, por ocasião da Festa do «Avante!», João Mesquita publicou, no «Semanário», um texto no qual procedia a considerações várias sobre o PCP e a Festa. Considerava ele que a Festa seria «o primeiro grande teste ao actual grau de militância comunista». Para Mesquita, a quebra de militância e as suas repercussões na Festa eram favas contadas. Tal certeza decorria não só da sua própria inteligência, mas de dois outros dados de que dispunha: por um lado, as informações de «militantes conotados com os sectores críticos»; por outro lado, o facto, para ele relevante, de «os próprios dirigentes do partido (...) se terem desmultiplicado em afirmações e iniciativas tendentes a desmentir a existência de qualquer diminuição da actividade militante e dos seus efeitos na organização da Festa». Com notável objectividade, concluía Mesquita que se «os próprios dirigentes do partido» diziam

que assim era, isso queria dizer que assim não era..., e sublinhava o facto «significativo» de «o editorial da última edição do «Avante!» (...) apesar de publicado na véspera do acontecimento», apresentar a Festa «como uma concludente resposta aos profetas da desgraça (...) que bordam em vários tons a “canção do ceguinho” da quebra de militância do PCP».

A Festa de 1988 foi o que foi e, pelos vistos, o jornalista não só não se interrogou sobre as razões que haviam levado o editorialista do «Avante!» a escrever o que escreveu, como guardou bem guardados todos os pressupostos que estavam na origem do hilariante texto que então produziu. E vai daí, doze anos depois – desta vez no «Independente» – Mesquita regressa ao passado. Partindo do editorial da revista da Festa, repete-se e copia-se: diverte-o o facto de o dito editorial, «escrito por antecipação» e «mantendo uma tendência» vinda «de edições



anteriores», ter anunciado uma «presença juvenil (que) se faz sentir de forma marcante» na Festa. E é folgação e a voo de pássaro – e vendo, em 2000, tudo o que, em 1988, decidiu ver – que procede a uma penosa avaliação dos jovens presentes na Atalaia. O sonho de Mesquita é, obviamente, o de escrever, com ou sem ironia, sobre a ausência de jovens na Festa... Só que – ai dele! – os jovens estão-se nas tintas para o sonho de Mesquita e cortam-lhe as vazas. E o pobre vê-se, assim, obrigado a recorrer ao velho baú onde, há pelo menos doze anos, se abastecer de «ideias».

## Justiça Social

• Edgar Correia

A série do «novo ciclo da governação» iniciada com o discurso da *rentrée* do Primeiro-Ministro prosseguiu na semana passada com o lançamento do «novo ciclo» agora por parte do Ministro do Trabalho e da Solidariedade.

Restando para a opinião pública o «mistério» de saber porque necessitou o PS de cinco longos anos para reconhecer que «todo o trabalho ilegal é uma falha do nosso sistema de regulação» e para anunciar medidas tão elementarmente imperativas como o «combate à ilegalidade nos contratos a prazo» e ao «abuso dos recibos verdes (falso trabalho independente)», é evidente que se coloca agora na ordem do dia a exigência da efectiva concretização das promessas feitas ou, em caso contrário e mais uma vez, a denúncia do seu carácter demagógico.

Em relação ao incentivo que vai ser dado às empresas, de isenção durante um ano do pagamento da taxa social única por cada trabalhador que depois de terminado o primeiro contrato a prazo seja contratado sem termo certo, para além do conhecimento mais rigoroso desse dispositivo importa ainda esclarecer



algumas questões. Na verdade, constituindo a modulação da taxa social única para a Segurança Social uma política admissível em circunstâncias concretas e definidas, designadamente quando estejam em causa objectivos precisos de promoção do emprego e da qualidade do emprego, importa porém que ela seja assumida como uma política nacional (sustentada pelos impostos pagos por todos) e não como uma medida suportada apenas pelos fundos da Segurança Social.

É conhecida a proposta que o PCP apresentou na Assembleia da República, que integrava a sua proposta de Lei de Bases da Segurança Social, segundo a qual «o estabelecimento de taxas contributivas inferiores à taxa social única, bem como de isenções ou reduções de

outras contribuições ao sistema da segurança social, serão reguladas por lei, devendo o Estado transferir anualmente para o orçamento da segurança social o montante global envolvido na concessão desse tipo de modalidades e de apoios».

Não é só assim que se pode falar neste caso, legitimamente, de justiça social?

## «Remodelação»

• Leandro Martins

A remodelação do Governo do Partido Socialista está aí. Depois das abundantes peripécias e desmentidos, Guterres acabou por antecipar-se - como era de esperar - à moção de censura que o PSD apresentará, diz-se, no próximo dia 20. Veio a público o primeiro-ministro assumir os erros cometidos e confirmar a tão falada remodelação. Não disse Guterres de que erros se tratava, dando campo à imaginação e à presunção de que, se agora se penitencia, resumindo-se a penitência à remodelação do ministério, o que estava mal eram os ministros e não a política do Governo.

Comentada já a remodelação pelo secretário-geral do PCP e por uma nota assinada pelo camarada Vítor Dias, após as declarações de Guterres, não nos vamos alongar na apreciação política desta manobra ataba-



lhada do chefe do Governo. Apenas gostaríamos de deixar algumas notas sobre as eventuais motivações da remodelação e sobre os seus prováveis resultados.

Para além de pretender apresentar-se ao País com um executivo de «cara lavada», esperando que os portugueses assim lhe perdoem as faltas cometidas e a cometer adiante, Guterres terá querido dar sinais inequívocos de que ouviu bem as exigências que à sua direita lhe têm vindo a fazer e mostra hoje corresponder-lhes. Barroso e Portas revezaram-se antes a exigir remodelação e demissões e

revezam-se agora a cantar vitória. O grande patronato, que via com maus olhos a concentração num só Ministério da Economia e das Finanças mas, conforme o «Público» titula,

dá o seu apoio a Pina Moura, sente-se recompensado.

Ficam assim sem efeito as «agudas» críticas que os partidos da direita agitavam contra Guterres acusando-o de pretender negociar «à esquerda». Com a certeza de que o executivo continuará a governar à direita, conseguiram pôr na rua um ministro inábil, desorientado e muito pouco popular, acabar com a «igualdade» - palavra incómoda - de Maria de Belém, e continuam com a garantia de que tudo ficará na mesma enquanto gerem os meses para engordarem à custa do descontentamento e para arrumarem as próprias forças.

A direita, porém, é voraz. Pelo patronato, Belmiro de Azevedo já disse que este Governo é um mal menor enquanto a «oposição» não arranjar uma alternativa. Barroso já acusou o primeiro-ministro de não ter dado sinal de «melhorar». Portas, mais interessado em mostrar que foi quem ganhou na operação, já apontou o dedo às «dificuldades» que Guterres patenteou neste processo. Uns ingratos.

## Frases

“Para ganhar credibilidade como protótipo de um governo mundial [...] a Organização das Nações Unidas não pode ser identificada como propriedade de uns poucos. E menos ainda pode ser confundida com um aparelho à mercê dos interesses da superpotência que resta.”

(Editorial - «Expresso», 09.09.00)

“O cúmulo da originalidade é ver [...] que a remodelação do Governo deixou de ser matéria exclusiva do primeiro-ministro. Entrou no domínio público governamental e passou a ser pré-anunciada ora por Jorge Coelho, que a queria “já em Setembro”, ora por Jaime Gama, sob a forma de um “ajustamento”, ora por António Vitorino, como uma “necessidade política.”

(J.A.L., «O Que Eles Dizem» - «Expresso», 09.09.00)

“É a primeira vez que me acontece, desde que sou líder parlamentar, ir a um comício [em Penafiel] e não ser chamado a usar da palavra. É, no mínimo, estranho.”

(Francisco Assis - «Diário de Notícias», 11.09.00)

“É um erro pressupor que um novo estilo de governação surgirá pela simples substituição dos nomes que se mostraram inábeis na gestão das suas pastas.”

(Francisco Azevedo e Silva - «Diário de Notícias», 11.09.00)

“[...] se a legalidade e a solidariedade fossem os objectivos governamentais, há muito que teria sido possível acabar com a ilegalidade nos locais de trabalho, com a exploração abusiva dos trabalhadores imigrantes e se teria procurado a sua integração na sociedade portuguesa, nomeadamente através do ensino e da sua valorização profissional.”

(Henrique Neto, industrial, deputado do PS - «Economia Pura», Agosto 2000)

“[...] muitas empresas, em particular da construção civil, pretendem sobreviver em condições de laboração típicas do terceiro mundo, sem organização, sem tecnologia, sem segurança e sem quadros e, para tal, necessitam de trabalhadores de baixo custo e nenhum poder reivindicativo, isto é, precisam de trabalhadores ilegais, sendo isso mesmo que o Estado se prepara para lhes oferecer.”

(idem, ibidem)

“[o PCP] não está disponível para discutir no Parlamento a autorização legislativa pedida pelo Governo enquanto tal, mas apenas as leis materiais que forem feitas com base nestas autorizações.”

(Octávio Teixeira, citado em «Expresso», 09.09.00)

“Nunca iria para a casa do “Big Brother”. Não gosto de ver a minha vida observada.”

(José Eduardo Moniz - «DNA», 09.09.00)

“Depois do “Big Brother”, talvez surja a “Big Sister” ou outros programas afins.”

(Jorge Silva Melo - «Diário de Notícias», 10.09.00)

“O próximo “voyeurismo” (o alimento do imaginário do século XXI) será o da morte, último tabu que nos resta dessacralizar, comercializar.”

(Fernando Dacosta - «Visão», 07.09.00)

“A TVI, nascida para servir o Deus cristão, acabou por servir o Deus cifrão.”

(Mário Castrim - «Tal & Qual», 08.09.00)

“Já repararam no mais curioso? É que, exactamente, desde domingo, a RTP tornou-se, pela primeira vez, uma televisão simpática. Por favor não estraguem, porque a gente precisa de sossego.”

(Miguel Gaspar - «Diário de Notícias», 05.09.00)





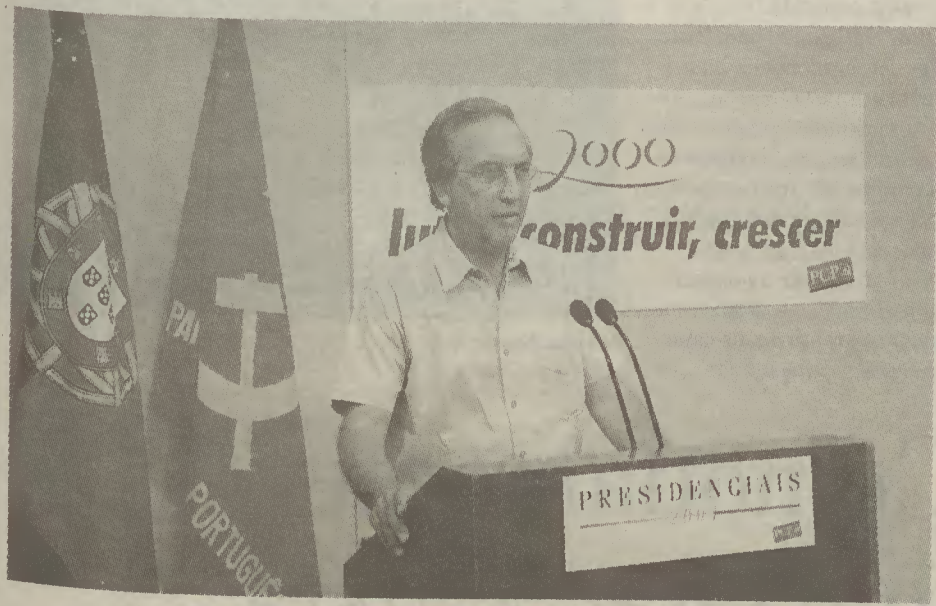
## Reuniu o Comité Central do PCP

# O nosso candidato

**A**ntónio Abreu é o candidato do PCP às eleições presidenciais. Uma decisão tomada por unanimidade na reunião do Comité Central de 9 de Setembro, que igualmente aprovou o documento que aqui reproduzimos.

Na sua reunião de 16 e 17 de Junho passado, o Comité Central do PCP pronunciou-se, tendo designadamente em conta o quadro de candidaturas presentes, pela indispensabilidade da apresentação de um candidato presidencial que assegure a presença no debate eleitoral dos distintivos valores, propostas e projecto do PCP para a sociedade portuguesa e que contribua para o fortalecimento da exigência popular de uma alternativa de esquerda na política nacional.

É neste quadro que o Comité Central do PCP decide a apresentação de uma candidatura às eleições presidenciais que será assumida pelo camarada António Abreu, membro do Comité Central e da Comissão Central de Controlo, com a convicção de que a sua intervenção na campanha e processo eleitoral constituirá não só um factor de enriquecimento do debate democrático, mas sobretudo uma contribuição insubstituível para dar expressão à corrente dos que lutam por uma política de esquerda para Portugal.



## Declaração de Carlos Carvalhas

Na declaração sobre a reunião do CC, Carlos Carvalhas valorizou e explicitou o sentido da candidatura de António Abreu às presidenciais.

«Trata-se de uma candidatura que se apresenta norteadada pela promoção dos valores e pelo rigoroso respeito pela Constituição da República e que sublinha a importância do exercício das funções e atribuições constitucionais do Presidente da República na resposta aos problemas do País» – sublinhou o secretário-geral do PCP.

«Uma candidatura que, na firme defesa da democracia política, se levante contra novas tentativas de empobrecimento democrático de que são expressão as propostas de alteração da legislação eleitoral; que na defesa de um desenvolvimento económico equilibrado e com justiça social para o país ergue a sua voz em defesa de políticas que assegurem a redução das assimetrias regio-

nais e das injustiças e desigualdades sociais; que na defesa de uma democracia com dimensão social dê expressão à luta contra a desregulamentação das relações de trabalho e a redução das obrigações sociais do Estado e afirme o direito ao trabalho e o trabalho com direitos como eixo democrático essencial; que na intransigente afirmação da independência nacional dê combate aos atentados à soberania nacional e defenda uma política liberta das amarras a estratégias hegemónicas dos EUA e da NATO, e um novo rumo para a integração europeia».

A concluir, Carlos Carvalhas afirmou que «a candidatura do PCP assume claramente o objectivo de se sujeitar ao sufrágio popular, pelo que «apela a todos quantos se revêem na luta por uma nova política e por uma alternativa de esquerda para que, com o seu apoio, dêem expressão e força a essa exigência».

## António Abreu

Engenheiro químico, com 53 anos, natural de Lisboa, António Simões de Abreu é membro do Comité Central do PCP e da Comissão Central de Controlo.

Vereador da Câmara Municipal de Lisboa (com o pelouro da Reabilitação Urbana dos Bairros Históricos, Educação e Juventude).

Casado, tem duas filhas.

- Activista do movimento associativo estudantil desde o Liceu Gil Vicente. Participou nas lutas estudantis durante vários anos. No Instituto Superior Técnico foi várias vezes eleito delegado de curso, participou na Secção Pedagógica, no grupo cénico e na redacção do "Binómio" de que foi director em 68/69, ano de encerramento da Escola pelo Ministério da Educação Nacional. Foi dirigente da Associação de Estudantes (AEIST) e seu vice-presidente em 69/70 e participou na coordenação regional e nacional do movimento estudantil.

- Aderiu às organizações do PCP em 1969 e cooperou na fundação da UEC. Foi activista da Comissão de Estudantes Democratas (CEDL), participou na organização de acções anticoloniais, pela libertação dos presos políticos e de solidariedade com a luta do povo do Vietname contra a agressão dos EUA.

- Participou no movimento da oposição democrática desde 1969. Em 1973 participou nos trabalhos do 3.º Congresso da Oposição Democrática e na delegação portuguesa ao X Festival Internacional da Juventude e dos Estu-

dantes (Berlim). Foi dirigente da CDE de Lisboa e seu candidato em Outubro de 1973.

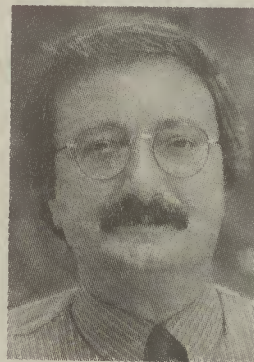
- Passou à clandestinidade no início de 1974, quando era professor no Colégio Moderno, ficando a trabalhar com o Sector Intelectual do Porto do Partido.

- Depois do 25 de Abril integrou a Direcção da Organização Regional do Norte até 1978 e depois a Direcção da Organização Regional de Lisboa, a que pertence. Representou o PCP na Assembleia Municipal de Lisboa e no Conselho de Informação para a RTP.

- Foi mandatário nacional das candidaturas de Ângelo Veloso (1985) e de Carlos Carvalhas (1990) à Presidência da República. Integrou as Comissões Executivas das Coligações "Por Lisboa" e "Com Lisboa" que venceram as eleições autárquicas em Lisboa em 1989 e em 1993, respectivamente.

- Desde Janeiro de 1994, é vereador da Câmara Municipal de Lisboa, responsável pelos pelouros da Educação e Juventude e também, desde 1998, da Reabilitação Urbana dos Bairros Históricos e Festas de Lisboa. Faz parte do Comité Executivo da Associação Internacional das Cidades Educadoras, com representantes de outros municípios de vários continentes.

- É membro do Comité Central do PCP desde o VIII Congresso (1976) e foi eleito para a Comissão Central de Controlo no XIV Congresso (1996).







## Reuniu o Comité Central

### Democracia e justiça social

Só a candidatura apresentada pelo PCP está em condições de assegurar de uma forma coerente na presente campanha e acto eleitoral a afirmação e defesa dos valores, ideias e medidas programáticas presentes no projecto de democracia avançada tal como o PCP a define e corporiza.

Uma candidatura que se apresenta norteada pelo rigoroso respeito e promoção dos valores da Constituição da República e que sublinha a importância do exercício das funções e atribuições constitucionais do Presidente da República na resposta aos problemas do País.

Uma candidatura que, na firme defesa da democracia política, se levanta contra novas tentativas de empobrecimento do regime democrático de que são expressão as propostas de alteração da legislação eleitoral; que na defesa de um desenvolvimento económico equilibrado e com justiça social para o país ergue a sua voz em defesa de políticas que assegurem a redução das assimetrias regionais e das injustiças e desigualdades sociais; que na defesa de uma democracia social dá expressão à luta contra a desregulamentação das relações de trabalho e a redução das obrigações sociais do Estado e afirma o direito ao trabalho e o trabalho com direitos como eixo democrático essencial; que na intransigente afirmação da independência nacional dá combate aos atentados à soberania nacional e defende uma política liberta das amarras a estratégias hegemónicas dos EUA e da NATO, e um novo rumo para a integração europeia.

### Concepções diferenciadas e juízo crítico

Ao definir a sua intervenção nas eleições presidenciais, o PCP não questiona as convicções democráticas do actual Presidente da República, nem a correcção do seu relacionamento institucional com os partidos, incluindo com o PCP.

A candidatura do PCP tem, sim, como principais pressupostos, quer concepções diferenciadas das do actual Presidente da República, quer um juízo fortemente crítico sobre aspectos do seu desempenho, considerando-se que poderia e deveria em muitas ocasiões ter adoptado uma atitude mais distanciada ou crítica face a políticas e decisões do Governo do PS. Correspondendo a orientações, concepções e posicionamentos sobre os quais o PCP, ao contrário de actuais candidatos que integraram as estruturas da candidatura de Jorge Sampaio em 1996, já tinha expressado frontal discordância na última campanha presidencial, merecem uma menção fortemente negativa as posições do actual Presidente da República de completo alinhamento com o Governo em matéria de política externa e de defesa nacional (conceito estratégico da NATO, agressão militar contra a Jugoslávia, etc.), de integração europeia assim como noutras questões de política interna com destaque para o processo de privatizações a par de avaliações equívocas sobre as razões da chamada crise do sistema político.

### Por uma política de esquerda

Em coerência com as suas responsabilidades na vida nacional o PCP continua a considerar indesejável que um candidato de direita conquiste a Presidência da República (o que a manter-se a actual divisão de candidaturas da direita não parece provável) e, intervirá nas eleições presidenciais para um debate sério e profundo dos problemas nacionais, uma afirmação de valores e propostas de esquerda e uma mobilização de vontades e aspirações progressistas que pese na evolução da vida política nacional.

No actual quadro político e panorama de candidaturas anunciadas, a candidatura do PCP assume todas as prerrogativas e finalidades inerentes à lei eleitoral em vigor e propõe-se claramente sujeitar-se ao sufrágio popular.

E, por essa mesma razão, apela a todos quantos se revêem na luta por uma política de esquerda para que, com o seu apoio à candidatura de António Abreu dêem expressão e força a essa exigência.

Ao anunciar a candidatura do PCP, cujo acto para apresentação da Declaração Pública se realiza no próximo dia 21 de Setembro, o Comité Central apela a todos os membros e organizações do Partido e da JCP para o seu empenhamento e mobilização na batalha das eleições presidenciais de Janeiro próximo, que convergentemente com outras formas da acção política do Partido e com o desenvolvimento da acção de massas, contribuirá para dar mais força à luta em defesa dos interesses e aspirações dos trabalhadores e do povo, por uma alternativa de esquerda para Portugal.

CDU/Açores debate vida política regional

# Problemas a exigir resposta

As quotas de leite, o financiamento da Universidade e a questão da reconstrução, foram os temas abordados por José Decq Mota, coordenador do PCP/Açores, em conferência de imprensa realizada na passada segunda-feira, na Horta.

«A vida política regional continua marcada por diversas questões de grande importância, cuja resolução é essencial ser bem encontrada», afirmou Decq Mota, em declaração à imprensa em que começou por abordar o sensível problema das quotas de leite.

Em 1999 a CDU/Açores apontou, como proposta de resolução para este problema, a necessidade de ser invocado o Estatuto da Ultraperiferia.

Entretanto, na prática, nada foi feito e a questão de fundo mantém-se em aberto, pelo que a proposta da CDU se mantém de pé.

Em síntese, esta proposta aponta para a anulação de quaisquer multas para a época de 99/2000. A criação, para a presente campanha, e ao abrigo da ultraperiferia, de um tecto excepcional sobre a quota de 400 milhões de litros, que permita uma gestão adequada dos aumentos da produtividade nas próximas campanhas. E ainda a indexação da quota de produção de cada ilha às indústrias instaladas nessa mesma ilha.

Nesta perspectiva, a CDU apela a todos os lavradores para que, continuando a produzir, criem uma ampla movimentação de defesa do seu

direito de produzir em termos modernos e com os níveis de produtividade hoje possíveis.

### Universidade e reconstrução

Os cortes anunciados pelo Governo da República na proposta de investimento da

Universidade dos Açores, a incluir no PIDAC do Orçamento de Estado para 2001, irá afectar os três pólos - Ponta Delgada, Angra e

Horta, prejudicando o desenvolvimento desta Região Autónoma.

Face a esta situação, a CDU/Açores solicitou já aos Grupos Parlamentares do PCP e do PEV na Assembleia da República e considera ser muito urgente que os órgãos da Região Autónoma desenvolvam os esforços ao seu alcance para que esta situação seja resolvida.

Por último, Decq Mota abordou um problema particularmente sensível - o arrastamento do processo de reconstrução derivado do sismo de 98, que «nasceu mal e está a ser mal conduzido».

«Centralismo, governamentalização e autoritarismo são três das principais características negativas que

enquadram o processo de reconstrução», denuncia o dirigente comunista que refere, nomeadamente, o esbanjamento de dinheiro para a reconstrução na edição de luxuosos boletins de propaganda, como que se procura «iludir a opinião pública sobre a forma como o processo está realmente a correr».

A CDU/Açores, que tem propostas concretas, já apresentadas, considera que a correcção do processo de reconstrução, nomeadamente no que toca à estrutura organizativa e ao ritmo de financiamento, é «condição essencial» para que venha a viabilizar um futuro programa de Governo.



As quotas de leite são um problema sensível a exigir resposta urgente

## Comodamente a navegar à vista

• Mário Abrantes

Quere-se um Governo dos Açores na Europa ou um capataz da Europa no Governo dos Açores?

Até salsa importada já aparece nos armazéns... e ela mesmo ali à mão no canto do pátio.

Batata pré-frita da Espanha... e ela enterrada no Nordeste.

Uma fábrica, a SINAGA, capaz de produzir 80 000 toneladas de açúcar... e Bruxelas a obrigá-la ao limite máximo de 7500, mandando, por tabela, fechar a Fábrica de Álcool.

Leite empacotado a abarrotar nos armazéns... e Cabo Verde tão perto a comprá-lo a França.

Bacias leiteiras com capacidade para produzir 700 milhões de litros de leite de qualidade... e o Governo e o PSD a dizerem que 300 milhões é para deitar fora senão a Europa vai em cima de cada litro com uma multa quase no dobro do valor que a fábrica paga por ele.

Não se podem cortar infestantes das paisagens... porque na Europa são plantas protegidas.

Sobe (e vai continuar a subir) a taxa de juro porque agora quem impõe é o banco Alemão..., desculpem o Banco Central Europeu. E o Banco de Portugal? Esse, apenas diz que sim!

Sobe (e vai continuar a subir) o gasóleo... porque tem que ficar igual aos preços da Europa.

Sobem (e vão continuar a subir) os salários, porque têm que ser iguais aos da Europa... Ai!, desculpem, lá me enganai outra vez (é a minha inteligência que deve estar abaixo da média europeia).

Ah!, dirão os discordantes, mas vem muito dinheiro da Europa para orientar o desenvolvimento dos Açores.

De facto, para orientar o desenvolvimento de certas aldeias, ele não tem faltado. Aí está, por exemplo, a PJ a retomar o inquérito ao antigo IIPA (do Governo anterior) depois deste Governo afirmar que estava tudo bem, envolvendo toda a espécie de tramóias com os fundos comunitários.

Mas, dirão os outros, nem todo o dinheiro tem sido mal aproveitado. Veja-se de facto, e temos de reconhecê-lo, o êxito da sua aplicação para cessações de actividade agrícola; para arrancar vinha; para abater barcos de pesca... E veja-se, já agora, o muito que pode vir para continuar as cessações de actividade e para a extensificação da produção agrícola (como se os Açores não fossem ilhas e a produção já não fosse extensiva) e... para a florestação (como se os Açores não tivessem já área suficiente).

Chama-se a isto aplicar mecânica e comodamente orientações que, não nos prejudicando visivelmente no início, podem comprometer seriamente o nosso futuro produtivo. E, sem produção, não há postos de trabalho, nem riqueza, em qualquer parte do mundo.

É muito fácil ficarmos barricados, no exercício das funções governativas, pelo chavão das imposições de Bruxelas. Só que, assim, essas funções tornam-se dispensáveis, até porque representam uma grande despesa pública...

Isto é navegar à vista. Isto é pouca vontade para ser (mesmo) Governo dos Açores, e para os Açores. Hoje e amanhã.



Carvalhas na apresentação das listas

# Contra o poder absoluto, *Mais CDU*

A necessidade e a confiança no reforço da CDU, «uma força que serve de contrapeso ao poder absoluto», como disse Carlos Carvalhas no Funchal, é o grande objectivo da CDU/Madeira nas eleições para a Assembleia Regional, que terão lugar em Outubro.

O secretário-geral do PCP deslocou-se, sexta-feira passada, à Madeira, para participar na apresentação dos candidatos da CDU, que teve lugar, à noite, num jantar realizado num restaurante do Funchal.

**Erguer barreiras ao poder asfixiante do partido maioritário**

Ao longo do dia, Carvalhas cumpriu um programa de contactos e acções de rua no Caniçal, Machico e Funchal. Um percurso que incluiu encontros com pescadores, uma passagem pelas barracas de

venda de produtos agrícolas no Almirante Reis e no Mercado dos Lavradores e um passeio pela baixa madeirense.

O secretário-geral do PCP manifestou particular preocupação pelos problemas com que se debatem os pescadores, e cuja solução passaria pela atribuição de uma compensação financeira, quer aos profissionais da pesca quer aos pequenos armadores.

A situação dos produtores agrícolas foi igualmente denunciada por Carvalhas que sublinhou não haver apoios «para aqueles que aqui criam a riqueza».

O secretário-geral do PCP apelou ao voto na CDU, também como forma de erguer barreiras ao «poder asfixiante» do partido maioritário. E sublinhou que «muitas pes-



Carvalhas na Madeira, em contacto com as populações

soas têm elementos da sua família empregados no Governo e depois têm o receio de perder o seu posto

de trabalho, tanto mais que não há empregos alternativos».

De recordar que, há quatro

anos, a CDU elegeu dois deputados para a Assembleia Legislativa Regional pelo círculo do Funchal.

## Candidatos da CDU

A CDU/Madeira apresenta às eleições legislativas regionais de 15 de Outubro um total de 127 candidatos. O maior número de candidatos concentra-se no Funchal, e ainda em Santa Cruz, Câmara de Lobos e Machico.

Pelo círculo do Funchal, os primeiros candidatos efectivos são: Edgar Silva, professor, 38 anos; Leonel Nunes, recepcionista, 50 anos; Hélder Freitas, biólogo, 27 anos; Marco Gonçalves, advogado, 26 anos; Maria Nunes, advogada, 31 anos; Maria Afonseca, escriturária, 41 anos; Filipe Andrade, estudante, 20 anos.

Pelo círculo de Santa Cruz, são primeiros candidatos efectivos: Vítor Martins, técnico de manutenção, 41 anos; Fátima Gonçalves, professora, 43 anos; Agostinho França, operador de rampa, 33 anos.

Pelo círculo de Machico, são primeiros candidatos efectivos: Pedro Vieira, trabalhador-estudante, 24 anos; Pedro Carvalho, técnico de telecomunicações, 37 anos; Maria Silva, agricultora, 41 anos.

Pelo círculo de Câmara de Lobos, são primeiros candidatos efectivos: Mário Figueira, professor, 66 anos; José Costa, empregado de hotelaria, 26 anos; José Sousa, agricultor, 37 anos.

Pelo círculo de Santana, são candidatos efectivos: David Gouveia, técnico de gestão, 41 anos; António Gomes, motorista, 36 anos.

Pelo círculo da Ponta do Sol, são candidatos efectivos: Agostinho Rosário, electricista, 51 anos; José Murzelo, ajudante de motorista, 38 anos.

Pelo círculo de Porto Moniz, são candidatos efectivos: José Freitas, auxiliar de serviços gerais, 48 anos; Valéria Rosa, psicóloga, 35 anos.

Pelo círculo de São Vicente, são candidatos efectivos: José Maria, operador de tratamento de águas, 37 anos; Inês Fonseca, agricultora reformada, 77 anos.

Pelo círculo de Porto Santo, são candidatos efectivos: Francisco Patrício, empregado bancário, 73 anos; Carlos Serão, pintor, 42 anos.

Pelo círculo de Ribeira Brava, são primeiros candidatos efectivos: Abílio Gomes, motorista, 24 anos; Augusto Rocha, carpinteiro, 31 anos.

Pelo círculo de Calheta, são primeiros candidatos efectivos: João Coito, pedreiro, 48 anos; João Santos, professor, 68 anos.

## A Madeira só terá a ganhar

Extractos da intervenção de Carlos Carvalhas

(...)

Caros amigos e camaradas

Em nome do meu Partido e da CDU, quero saudar todos os presentes e dirigir uma palavra aos candidatos da CDU, homens, mulheres e jovens com provas dadas, conhecedores dos problemas da Região e com uma estreita ligação às populações e ao mundo do trabalho.

É uma lista que dá todas as garantias de defender os interesses do povo e da Região Autónoma e de promover o seu desenvolvimento e de contribuir para o aprofundamento da democracia nos seus diversos planos: político, económico, social e cultural.

Quero também dirigir uma palavra muito especial a todos os independentes que muito nos honram aceitando fazer parte da lista que hoje apresentamos bem assim como todos aqueles e aquelas que já fizeram chegar o seu apoio e disponibilidade para connosco intervirem na importante batalha que vamos travar.

Permitam-me também que saliente a significativa presença de mulheres e de jovens.

A Madeira só terá a ganhar em reforçar a CDU.

### Mais CDU

«Mais CDU» não é só do interesse da Coligação. É sobretudo do interesse do povo, da Região Autónoma e do País.

Porque «Mais CDU» será dar mais força a uma voz interveniente, que não se cala, que não adormece nas cadeiras da Assembleia Regional, uma voz de proposta e de projecto que apresenta soluções, mas também uma voz incómoda e inconformista que se baterá pelo progresso económico com a sua dimensão social e ambiental.

Como as provas dadas pelos eleitos da CDU na Assembleia Regional o comprovam.

A eleição de mais deputados pelo PSD ou pelo PS, nada altera em relação aos anseios e justas reivindicações da população na Assembleia Regional, nem no plano da fiscalização nem do combate às prepotências nem no campo da proposta e das soluções. Bem diferente é a eleição de mais deputados da CDU.(...)

### Não há paz sem justiça social

Como temos afirmado não há verdadeira paz social sem justiça social.

É conhecida a «paz» dos cemitérios ou a «paz» amordaçada pela coacção imposta pelos poderosos, em relação ao emprego, ao ganha-pão, às perspectivas de futuro; a «paz» das perseguições e das discriminações.

A paz social que desejamos é a paz do progresso económico, com respeito pelo ambiente, com equidade na repartição do Rendimento Regional, com a promoção do bem-estar da população e das camadas mais desfavorecidas.

Os baixos salários, o trabalho precário, a exclusão social, a acentuação das desigualdades, as carências habitacionais e do saneamento básico são infelizmente uma dura realidade na Região Autónoma da Madeira. Só no Funchal, cerca de 35% da população não tem acesso ao saneamento básico. E isto numa região em que a indústria do turismo tem a importância que tem.

E permitam-me que das diversas propostas contidas no Manifesto da CDU sublinhe entre outras a ideia de se criar um amplo e conseqüente movimento de defesa dos interesses regionais destas ilhas distantes quer em direcção ao Estado Português, quer em relação à União Europeia visando a defesa dos direitos dos povos insulares tendo em consideração a desvantagem da insularidade e de modo a garantir a integração económica desta região no Quadro Comunitário.

### Por uma mudança política

Mas a vida da região e do país é tributária da política seguida pelo Governo da República. O agravamento da situação económica e as dificuldades que atingem tantos e tantos portugueses exigem uma mudança de política.

Confrontado com os desfavoráveis indicadores económicos e sociais um deputado do PS dizia há dias, na Assembleia da República, que este ano foi o ano em que houve maiores reposições do IRS. Só se esqueceu de dizer que isto se deve ao facto de o Governo ter aprovado as propostas fiscais do PCP. É que na verdade tais reposições têm a marca da intervenção, da proposta e da luta do PCP.

Mas já que falou de reposição faria bem em indicar ao seu Governo a reposição do aumento dos salários que já foram devorados pelo aumento dos preços, ou a reposição da taxa de bonificação a Abril, como o PCP insistentemente tem exigido, aliviando a grave situação de tantos jovens casais que se lançaram na compra de casa própria.

Na Festa do Avante avançámos com 10 reclamações ao Governo que faria bem em as ouvir e atender, pois são uma exigência forte e funda que vem da realidade nacional.

Essas grandes reclamações estão em cima da mesa. Quanto ao Orçamento, relembramos também ao PS que, como o PCP de há muito e com carácter pioneiro defende e propõe, é tempo e mais que tempo de concretizar uma verdadeira reforma fiscal que, no seu conteúdo real e não em vagas palavras de início de Guterres, ponha termo a uma escandalosa injustiça fiscal que o PS manteve durante cinco anos, alivie a carga fiscal sobre os rendimentos dos trabalhadores que são os grandes pagadores de impostos, combata a evasão e a fraude fiscal e tribute devidamente especulação financeira, o grande capital e os grandes patrimónios e fortunas. (...)



A situação dos pescadores é um dos graves problemas que se fazem sentir na região



DORP avalia situação de pobreza e exclusão social no Norte

## A pior situação na União Europeia

No Norte do País e, em particular, no Distrito do Porto, a situação de pobreza é muito elevada, numa percentagem muito superior à média nacional. Um dado importante recolhido pelos comunistas do Porto numa iniciativa para aprofundar o conhecimento desta realidade.

No passado dia 8, uma delegação do PCP, com a deputada Ilda Figueiredo e José Timóteo, do CC, Isabel

Nogueira e Anabela Mota, da Direcção da Organização Regional do Porto, promoveu diferentes encontros com o

Conselho Directivo e a Comissão de Trabalhadores do Centro Regional de Segurança Social do Norte.

O objectivo destes encontros foi o aprofundar do conhecimento da realidade social do Norte do país, na perspec-

tiva de preparação da discussão que se vai realizar em 19 de Setembro no Parlamento Europeu, em Bruxelas, sendo Ilda Figueiredo relatora da proposta de «Programa Comunitário de Acção e Incentivo à Cooperação entre Estados

**No Norte há cerca de 211 mil pessoas a receber o Rendimento Mínimo Garantido**

membros em Matéria de Luta Contra a Pobreza e a Exclusão Social».

De entre os muitos elementos recolhidos nestes encontros registam-se factos particularmente preocupantes e significativos.

No Norte há cerca de 211 mil pessoas a receber o Rendimento Mínimo Garantido, o que corresponde a cerca de 40% do total do País, sendo 139 mil só no Distrito do Porto. Factos que reflectem uma situação de pobreza superior à média nacional, a qual, por sua vez, é a pior da União Europeia (quase um quarto do total dos portugueses tem rendimentos inferiores a 60% do rendimento mediano nacional, base a partir do qual se consideram pobres).

Neste quadro, outras questões abordadas em nota de imprensa sobre os encontros realizados foram casos de obrigatoriedade de reposição de subsídios, por parte de famílias anteriormente abrangidas pelo Rendimento Mínimo, e que continuam a viver em condições económicas muito difíceis, ou ainda as muitas dificuldades que continua a haver no que se refere à reinserção social.



O Distrito do Porto regista um elevado nível de pobreza

## CDU/Porto quer debater situação da Porto 2001

O vereador da CDU na Câmara do Porto vai propor a realização de uma reunião extraordinária para analisar aprofundadamente a situação da Porto 2001 em termos de requalificação urbana e de recuperação de espaços culturais.

«O objectivo é estudar as medidas a adoptar para ultrapassar problemas», refere a CDU em comunicado emitido na sequência da entrevista de Teresa Lago, presidente da Porto 2001, ao semanário «Expresso».

A CDU considera que das palavras daquela responsável se pode concluir que «há um conjunto significativo de obras cujo prazo de execução vai ser dilatado e várias outras ainda não se iniciaram devido a intervenções autónomas que a Câmara do Porto está a fazer nos mesmos locais».

«Há diversas intervenções em perigo em virtude de os respectivos orçamentos

terem sido subavaliados e não haver compromissos formais relativamente à cobertura das despesas adicionais e há uma efectiva descoordenação entre a Porto 2001 e a Câmara, como se depreende do facto de Teresa Lago apenas ter tomado conhecimento do projecto da ponte pedonal entre Porto e Gaia pelos jornais», acrescenta.

Para a CDU são situações «muito graves», não só porque «põem em causa os objectivos traçados para o Porto Capital Europeia da Cultura 2001», mas também porque, a verificarem-se, se traduzirão num «inadmissível prolongamento das obras na cidade com o consequente aumento dos transtornos e prejuízos para os moradores, comerciantes e visitantes».

Para esclarecer a situação, o vereador comunista, Rui Sá, pretende que a comissão executiva da Porto 2001 participe na reunião extraordinária que vai solicitar.

### CAMARADAS FALECIDOS

#### Carlos Alberto Oliveira Vicente

Faleceu no dia 6 de Setembro, com 47 anos de idade, Carlos Vicente, presidente da Junta de Freguesia da Pena.

Militante do PCP desde 1975, Carlos Vicente dedicou muita da sua vida à intervenção cívica e social. Era presidente da Junta de Freguesia da Pena desde 1989 e exerceu, entre outros, os seguintes cargos: presidente da União Progressiva de Sobral Valado (Pampilhosa da Serra); presidente da Escola Portuguesa; presidente da Cooperativa de Habitação Habidigna; vice-presidente da Fenache.

#### Domingos Rocha Mano

Faleceu no passado dia 23 de Agosto, o camarada Domingos da Rocha Mano.

Com 91 anos de idade, Domingos Mano era 2.º sargento do Exército, reformado, e pertencia à organização do PCP da Freguesia de Matosinhos. Figura prestigiada, era um activo participante e organizador de iniciativas democráticas, como as comemorações do 25 de Abril promovidas pelos sargentos.

#### José Maria Pais Jordão

Faleceu no dia 4 de Setembro, com 77 anos de idade. Estava organizado no Bairro 6 da Freguesia do Barreiro. Operário da CP, destacou-se na luta antifascista. A sua residência foi sede do MDP no Barreiro em 1972. Após o 25 de Abril foi presidente da Comissão Administrativa da Junta de Freguesia.

#### João Caeiro de Sousa

Faleceu no dia 5 de Setembro, com 76 anos de idade. Estava organizado no Bairro 5 da Freguesia do Barreiro. Enquanto operário da CP, foi destacado militante antifascista. Foi impulsionador de várias exposições sobre a conquista do espaço e efectuou visitas de estu-

do sobre *esperanto* a vários países. Foi homenageado pela Câmara Municipal do Barreiro com a entrega, em sessão pública, do galardão «O Barreiro reconhecido».

#### António da Conceição Pinho

Faleceu, com 80 anos de idade. Aderiu ao PCP em 1944, tendo sido funcionário do PCP na clandestinidade.

No anos 60 implementou um programa de crónicas na Rádio Renascença onde conseguiu divulgar as biografias de Barbosa de Magalhães e Magalhães Vilhena, destacados intelectuais antifascistas.

Depois do 25 de Abril foi funcionário das Edições «Avante!».

Foi sócio fundador da Sociedade Portuguesa de Filosofia e membro dos corpos sociais da Sociedade de Língua Portuguesa. Pertenceu à Universidade Minhoto do Autodidacta e da Terceira Idade, em Viana do Castelo.

Tem obra publicada, como poeta e jornalista, sob o pseudónimo de André Vargas.

#### Ezequiel de Sousa

Faleceu no passado dia 15 de Agosto, com 81 anos de idade. Era membro do PCP desde 1975 e estava organizado na Freguesia do Lavradio, Barreiro, onde realizou com empenho variadas tarefas.

#### Manuel da Conceição Gomes

Faleceu, com 73 anos de idade. Fez parte da direcção do Sindicato de Hotelaria e da Comissão de Moradores de Cacilhas. Actualmente militava na organização da Freguesia de Cacilhas.



Aos familiares e amigos dos comunistas falecidos, o colectivo do «Avante!» manifesta sentidas condolências.

### Por melhores condições de trabalho

Estas dificuldades na reinserção social prendem-se em grande medida à necessidade de mais meios, designadamente de pessoal técnico, de que a Segurança Social não dispõe.

Registe-se, por exemplo, que o total de horas extraordinárias actualmente efectuadas na Segurança Social permitiria a integração de mais 189 funcionários.

Acresce que, como se sublinha na nota de imprensa, «a política de luta e prevenção contra a pobreza e a exclusão social tem de ser multidimensional, e implica a luta por melhores reformas, salários mais elevados, emprego com direitos, serviços públicos de qualidade – designadamente nas áreas

da protecção social, da saúde, da educação e da habitação, quer no plano local e regional quer no nacional e europeu».

No que respeita a condições e perspectivas de trabalho, algumas medidas que estão a ser tomadas, designadamente com a criação e proliferação de Institutos, suscitam a apreensão dos trabalhadores da Segurança Social.

A adopção, por parte da Administração Pública, de um modelo vertical e centralizado, «que estando mais afastado dos utentes não será, com certeza, o mais ajustado às suas necessidades», é outra das críticas dos trabalhadores da Segurança Social que denunciaram, ainda o elevado montante (200 milhões de contos) da dívidas das empresas à Segurança Social.

## Defesa Nacional e Forças Armadas Militares de Abril de novo punidos

Como todos se recordam, foi em 1999 - no quadro dos 25 anos do 25 de Abril - aprovada uma Lei pela Assembleia da República, visando fazer justiça aos militares prejudicados nas suas carreiras pelo seu envolvimento no processo de transição pós-25 de Abril.

Só em Agosto deste ano saiu a regulamentação dessa Lei. Este facto é, por si só, já revelador da falta de vontade política do Governo relativamente a esta matéria.

Mas acontece que o regulamento que acabou de sair introduz limitações à Lei quando exclui os militares que tenham tido processos transitados em julgado. Assim mesmo!

Portanto, por um lado, o regulamento introduz um factor de exclusão que a Lei não tem.

Por outro lado, esse factor de exclusão poderá afastar da reparação das carreiras, objectivo fundamental pela qual a Lei foi feita, muitos militares que à época recorreram para os Tribunais.

Por fim, ao não definir o tipo de processos transitados em julgado, tanto pode ficar arredado um militar que tenha recorrido aos Tribunais por não ter sido credenciado NATO (recordemos que este foi um expediente muito usado para afastar muitos militares de cursos e cargos) ou um outro qualquer militar sentenciado por qualquer outra razão.

Ou seja: ficam afastados todos os militares que na altura, com coragem, usaram os direitos possíveis para tentar fazer valer a justiça e poderão servir-se desta Lei, em resultado deste regulamento do Governo PS, no essencial, os que ficaram quados e mudos e foram, legitimamente é claro, tratar das suas vidas.

Esta atitude do Governo PS relativamente a muitos militares de Abril não espanta, necessariamente. Mas necessariamente que indigna e repugna.

● Rui Fernandes



## PCP EM TIMOR No primeiro aniversário do referendo

Regressou, de Timor-Leste, Domingos Lopes, membro do CC e da Secção Internacional do PCP, que naquele novo país representou Carlos Carvalhas, Secretário-Geral do PCP no 1.º aniversário do referendo que confirmou por uma imensa maioria a vontade do povo timorense em querer ser independente. Durante a sua estadia, Domingos Lopes teve oportunidade de transmitir as saudações do Secretário-Geral do PCP a Xanana Gusmão. Teve ainda vários encontros com diversos dirigentes timorenses, designadamente com o comandante Lu Olo e Mário Alkatiri, Presidente e Vice-Presidente da FRETILIN, respectivamente. Visitou o quartel onde estão estacionadas as tropas portuguesas em Mambissi, tendo almoçado com os diversos oficiais presentes.

## BRAGA Agostinho Lopes - suspensão de mandato

A suspensão temporária do mandato do deputado do PCP pelo distrito de Braga, Agostinho Lopes, e a sua substituição por Cândido Capela Dias foram anunciadas esta segunda-feira, em conferência de imprensa promovida pela Direcção da Organização Regional de Braga do PCP.

Em nota distribuída à imprensa, sublinha-se que Agostinho Lopes é também membro da Comissão Política e do Secretariado do CC, pelo que, «face às exigências do trabalho de direcção no quadro do XVI Congresso do PCP, a realizar em Dezembro, e à possibilidade de alargar o conjunto de quadros do PCP no distrito com experiência parlamentar», será substituído pelo segundo candidato da lista CDU nas eleições de Outubro passado, Cândido Capela Dias, actualmente vereador da CDU na Câmara Municipal de Guimarães. Na mesma nota, a Direcção da Organização Regional de Braga do PCP informa que a sessão parlamentar 2000/2001 se iniciará com a retoma de algumas grandes questões do distrito, nomeadamente as taxas extraordinárias pagas pelos utentes do Serviço Nacional de Saúde, em Riba de Ave, Vila Verde, Esposende e Fão, no acesso aos cuidados hospitalares prestados pelas Misericórdias, as questões surgidas com os traçados da A11 e da A7 e a conclusão da audição sobre problemas laborais do distrito.

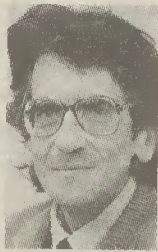
## VIANA DO CASTELO Reunião alargada de militantes

O Secretariado da Direcção da Organização Regional e da Comissão Concelhia de Viana do Castelo do PCP decidiram, conjuntamente, realizar no próximo dia 22 de Setembro uma reunião alargada de militantes da Organização Regional, com o objectivo de debater o plano de Campanha de Fundos de 20 mil contos para a reconstrução do Centro de Trabalho e a actual situação política.

A campanha de fundos, que decorre durante um ano, tem várias iniciativas como suporte, incluindo a do próximo dia 4 de Outubro - um Arraial Minhoto no Santinho, a realizar a partir das 20 horas, e que contará com a presença de Carlos Carvalhas.

# Trocós ou talvez não

**E**sperando compreensão por, neste tempo, ainda nos ocuparmos do que podem parecer meros trocos, propomos-nos comentar quatro fragmentos colhidos na onda de palavras dedicadas ao PCP nos últimos dias. Assim:



Vítor Dias  
Membro  
da Comissão  
Política

## Viagem à volta de angústias, «fontes», colheres na sopa alheia e azedumes

panha presidencial, «criticar os socialistas e a orientação política de Guterres». Se esta angústia fosse séria, responder-se-ia que fazendo exactamente o que o PCP, que é pai ou mãe da coligação, faz todos os dias, semanas e meses. Mas como não o é, arrumemos a questão dizendo que ela só pode surgir para quem tenha acima do nariz não o que é normal, mas um bloco de granito. E anotando que ainda não vimos esta jornalista divulgar a angústia sobre como vão Basílio e Rosas criticar Sampaio, depois terem estado os dois, em 1995, na sua Comissão de Candidatura.

**Ponto dois:** no «Público» de 10/9, o Provedor do Leitor lembra, a propósito de notícias sobre o PCP, que o «Livro de Estilo do PÚBLICO» recomenda que só sejam reproduzidas opiniões

«atribuíveis a fontes claramente identificadas» precisamente «para não abrir caminho (...) a uma certa irresponsabilidade que advém da circunstância de se querer ter opinião mas não se querer ter a frontalidade de dar a cara por ela». Saudamos a vigilância ética de Joaquim Fidalgo e registamos o facto de levar a sério o «Livro de Estilo» da casa. Mas tenha-se uma certeza: no dia-a-dia do «Público» prevalecerá a ideia mais pragmática de que não é possível «fazer política» (porque é disso que se trata) com tais regras e recomendações.

## A colher na sopa alheia...

**Ponto três:** não resistindo a meter atrevidamente a colher na sopa alheia, Miguel Portas lá debitou no «DN» de 7/9 umas coisas sobre a alegada mania do PCP de não discutir conteúdos e preferir reprovar a divulgação de documentos internos. Mas como, quanto ao seu Bloco, até hoje continua a não se saber quem é que afinal era contra a apresentação de uma candidatura presidencial; e como não vemos notícias nenhuma nos «media» sobre as diferenças ou divergências que por lá haja, das duas uma: ou o Bloco é uma monolítica pasmaceira ou os seus dirigentes adoptam para si próprios uma ética e um comportamento que «estalinizam» noutros. Por nós, só ficamos à espera que, quando os dirigentes

do Bloco receberem uma carta de certo tipo de algum membro do seu partido, Miguel Portas vá logo a correr metê-la nos jornais. A bem da transparência e do debate de ideias, pois então.

## ... e o boião de azedume

**Ponto quatro:** fresco como uma alface porque conservado em boião de azedume, João Paulo Guerra assinou no «Diário Económico» de 10/9 mais uma venenosa crónica sobre o PCP, a quem, com deslumbrante espírito inovador, chama de «Parque Jurássico». O consagrado autor de obras como «Os Flechas atacam de novo» (identificação da UNITA como corpo combatente criado pela PIDE), o «Dossier terrorismo» e o «Dossier comunicação social» deve estar plenamente realizado: despeja agora sobre outros os baldes de ácido sulfúrico que terceiros, em tempos idos, despejaram também sobre ele próprio. E, assim, lá vai malbaratando o seu talento (é a vida!) na assalariada obrigação de ser cruel todos os dias.

**Para fechar,** a meio de Setembro de 2000, ainda escrevemos sobre pretensos trocos porque não há distância de esquematismos de variado celofane, de diversas afirmações e atitudes pouco ponderadas e de espirais de crispação, que nos façam abdicar do combate a ressuscitadas falsificações, sofismas e preconceitos contra o PCP. É que não só querem colocar na penumbra do debate o papel e propostas do PCP na sociedade portuguesa como se servem de todos os pretextos para desfigurar o rico e denso património identitário do PCP que sucessivas gerações de comunistas construíram, renovaram e enriqueceram e a que, em regra, sempre deram uma função e um destino bem mais arejados do que o enoval na arca ou as pratas no cofre.





Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil do Norte denuncia ilegalidades e apresenta propostas

# Estado perde 44 milhões com clandestinos



Numa situação em que o Estado é altamente visado, os sindicalistas pedem legislação que impeça a admissão nos concursos a empresas com pessoal insuficiente para a concretização das obras.

O Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil do Norte revelou que o Estado português perde anualmente 44 milhões de contos só na região Norte devido ao trabalho precário e clandestino.

«Num universo de 500 mil trabalhadores do sector da construção civil e obras públicas há cerca de 145 mil trabalhadores clandestinos e precários, o que significa que a segurança social e o fisco estão a ser altamente defraudados», afirmou em conferência de imprensa o presi-

dente do sindicato, esta semana.

Albano Ribeiro lembrou que os empresários e os trabalhadores que cumprem as suas obrigações são também prejudicados - porque são vítimas de concorrência desleal - e desafiou o ministro do Trabalho e da Solidariedade Social, Ferro Rodrigues, a visitar os principais estaleiros do país para tomar contacto com a realidade.

No Norte do país, os distritos onde se regista situações

mais graves são Braga, Viana do Castelo e Viseu. As principais vítimas são os trabalhadores estrangeiros, particularmente os cidadãos de países de Leste, que vivem muitas vezes em verdadeira escravidão.

O sindicato promete não baixar os braços, até porque as intervenções conjuntas que manteve com a Inspeção Geral do Trabalho já permitiram a integração de centenas de trabalhadores de Leste.

Ontem, representantes sindicais reuniram-se com o secretário de Estado do Trabalho, Vítor Ramalho, para

apresentar um pacote de medidas visando o combate ao trabalho precário e clandestino.

Entre outras propostas, destacam-se a integração dos trabalhadores de Leste e a criação de legislação que impeça que possam ser admitidas nos concursos empresas ou consórcios cujo quadro de pessoal seja insuficiente para a concretização das obras. O aumento da fiscalização, a redução da carga fiscal incidente sobre os rendimentos do trabalho e da taxa social para os trabalhadores são outras medidas exigidas.

**As principais vítimas são os trabalhadores estrangeiros**

## Mineiros de Aljustrel levam protestos a Guterres

Mais de meia centena de trabalhadores das Piritas Alentejanas foram segunda-feira ao encontro de António Guterres, em Beja, para lhe exigir a reabertura das minas, encerradas desde 1993, e a concretização das outras promessas então feitas aos mineiros e quanto ao futuro

do concelho. O primeiro-ministro deslocou-se a Beja para o lançamento do programa Polis na cidade, que até Junho de 2004 prevê um investimento de cerca de sete milhões de contos em reabilitação urbana.

Depois de um plenário em Aljustrel, os mineiros foram a

Beja e levaram o seu protesto ao chefe do Governo, empunhando cartazes com palavras de ordem como «queremos trabalho e pão, desemprego não» e uma faixa negra exigindo a reabertura da mina. Querem também ser esclarecidos sobre o papel do Estado no futuro da mina e

ver solucionado o problema do congelamento dos salários. A partir de 1993, apenas alguns trabalhadores asseguraram serviços mínimos de manutenção e os salários encontram-se congelados.

**Também na Pontinha**

Estudantes do ensino secundário, utentes do centro de saúde da Pontinha e moradores do Bairro Mário Madeira manifestaram-se anteontem em frente à Escola Secundária Braancamp Freire, durante a visita de António Guterres e do ministro da Educação, Oliveira Martins, na «abertura oficial» do ano lectivo.

A população reivindica a construção de um novo centro de saúde, a resolução dos problemas do Bairro Mário Madeira e a anulação da reforma curricular do secundário.



Mais de meia centena de mineiros foram a Beja

### Vida de clandestino

O Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil do Norte refere que os clandestinos:

- são transportados como gado em camiões e tractores;
- são postos a trabalhar nos locais mais perigosos;
- chegam a dormir mais de 10 trabalhadores em barracões com 12 metros quadrados;
- muitos trabalham há mais de 15 anos com contratos a prazo. No fim de cada 3 anos, ficam 3 meses a trabalhar na mesma empresa recebendo à hora e sem fazer quaisquer descontos.

### Fogo nas áreas protegidas é «vergonha e tragédia»

Só como «uma vergonha e uma tragédia» é que a Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública «pode classificar o que se está a passar este Verão nas áreas protegidas do País, boa parte delas alvo das chamas dos fogos florestais».

Gerês, Montesinho, Serra da Estrela, Malcata, Serra d'Aire e Candeeiros, Sintra-Cascais, Arrábida e Caparica integram um rol, divulgado sexta-feira pela FNSFP/CGTP, de áreas que «foram já atingidas, nalguns casos de forma muito significativa, pelos incêndios florestais, que destruíram importantes áreas de ecossistemas de manifesto interesse natural».

Para a federação, «esta situação é o claro resultado do abandono a que estão a ser votadas por parte do Ministério do Ambiente as áreas protegidas, a braços com uma manifesta falta de meios humanos que permitam uma eficaz vigilância». Actualmente, denuncia a FNSFP, «para os cerca de 508 mil hectares correspondentes às áreas protegidas, existem 150 vigilantes da natureza, que se desdobram em tarefas de protecção ambiental, sem os necessários meios logísticos». Nas contas da federação, e «para se perceber qual a real situação em que se encontra o processo de protecção das áreas protegidas», existe um vigilante para cada 3386 ha de território.

### Desvalorizados

O esforço exercido por estes trabalhadores, salienta a federação, não é reconhecido pelo Governo, que deve aos mesmos uma actualização do suplemento de risco desde Outubro de 1998. Ao mesmo tempo, o ministro do Ambiente não dá execução plena ao diploma que definiu o novo regime de trabalho dos Vigilantes da Natureza, ao não apresentar para discussão com a FNSFP os projectos de regulamentos relativos a formação profissional, uniformes e armamento.

«Tal como noutras áreas que directamente têm a ver com a problemática dos incêndios florestais, também aqui a «aposta» do Governo não é na prevenção», comenta a federação, afirmando que, «de outro modo, já teria sido efectuado o descongelamento das 250 vagas, anunciado em Novembro pelos responsáveis do Ministério do Ambiente, para o ingresso de novos vigilantes da natureza».

## «Inacreditável promiscuidade» no Hospital Amadora-Sintra

A administração do Hospital Dr. Fernando da Fonseca (Amadora-Sintra) «impõe, por razões economicistas primárias, uma inacreditável promiscuidade de doentes de diferentes sexos, idades e condições, na mesma enfermaria», denunciou a União dos Sindicatos de Lisboa. Para a USL/CGTP, esta é «uma inqualificável situação» que merece «o mais veemente protesto», tanto mais que «desrespeita direitos essenciais de privacidade, respeito, dignidade e humanismo, que são devidos aos doentes, cidadãos em pleno uso dos seus direitos».

O modelo de gestão privada, aplicado naquele hospital, «mais uma vez demonstra unicamente visar o lucro, mesmo

que a coberto de pretensa «melhor gestão de recursos», afirma a União. «Os doentes maltratados como atrás se denuncia; os doentes transferidos em condições de alto risco para outros hospitais porque «os exames complementares para o SNS já se esgotaram»; os doentes internados compulsivamente no sector privado porque «estão muito mal, mas não há vagas para os utentes do SNS, só se pagar para o particular, ou então vão para outro hospital, e podem morrer no caminho», são alguns exemplos de como este modelo de gestão é inaceitável numa sociedade democrática», protesta-se numa nota distribuída dia 6 à comunicação social.

A USL admite que a qualidade da prestação de cuidados de

saúde, neste hospital, «tem algumas condicionantes que lhe são exteriores, nomeadamente carências de profissionais qualificados», mas afirma que essa qualidade «também é muito prejudicada pelo próprio modelo de gestão, que tem outros objectivos prioritários, que não são a formação de equipas de saúde qualificadas ao serviço das populações que servem». É que «o recrutamento e contratualização dos profissionais de saúde condicionam o resultado final do trabalho, que não é optimizado por este modelo de gestão, mesmo que à partida os profissionais tenham as qualificações necessárias», diz a USL, realçando que «é graças a eles que alguns serviços colhem os louvores dos

utentes, e não à gestão em si». Apesar disso, as listas de espera existem, com mais de um ano, sem que haja qualquer justificação credível para tal.

Num officio enviado à ministra da Saúde, a USL reclamou medidas para que o Hospital Amadora-Sintra, «que foi pago, montado e posto a funcionar pelo Serviço Nacional de Saúde, possa rapidamente voltar a ser disponibilizado para populações que o pagaram, com serviços eficientes e humanizados, de qualidade e eficácia comprovadas, e uma gestão pública, rentabilizando a capacidade instalada e a qualidade dos profissionais que o servem, de modo a ser o hospital-modelo que todos sonhámos e a que temos direito».



## Tribuna em Lisboa

Hoje à tarde, a partir das 14.30 horas, a União dos Sindicatos de Lisboa leva a cabo, na Praça do Comércio, uma «tribuna pública», com o objectivo de «debater a intervenção do movimento sindical unitário no actual quadro político, económico e social e apresentar as suas reivindicações para o próximo ano». Estas questões serão abordadas, adianta uma nota da USL, por Manuel Carvalho da Silva. Simultaneamente, serão debatidas outras matérias, como a situação no hospital Amadora-Sintra, a supressão de comboios nas linhas suburbanas da CP, os sucessivos aumentos das taxas de juro e as suas repercussões na degradação do nível de vida dos trabalhadores do distrito.

## Sem pausas

No calçado de Aveiro há 50 empresas que ainda obrigam os trabalhadores a compensar o tempo das pausas, numa clara violação do contrato colectivo de trabalho e da Lei. A denúncia consta de um relatório pormenorizado que a estrutura sindical da CGTP do sector anunciou divulgar num plenário marcado para anteontem, esclarecendo que na reunião também seria debatida a estratégia a adoptar nas negociações para revisão do contrato colectivo. O Sindicato do Calçado de Aveiro tem acusado a estrutura patronal de intransigência, quer em matéria de aumento salarial quer na revisão dos enquadramentos profissionais. Objectivo dos representantes dos trabalhadores é também conseguir o aumento do período de férias de 22 para 25 dias e a redução da semana de trabalho para 35 horas.

## Bombeiros

O suplemento de pensidade, insalubridade e risco continua por regulamentar e o Governo continua a não responder às reivindicações dos bombeiros profissionais, enquanto faz «show-off» com a distribuição de carros a algumas corporações. «Promessas e compromissos são letra vã para um Governo que ofende a dignidade dos bombeiros profissionais e dos seus representantes», acusam os sindicatos representativos da classe. O Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Administração Local e o Sindicato dos Trabalhadores do Município de Lisboa convocaram para hoje uma conferência de imprensa onde pretendem expor o seu protesto contra o facto de o Governo ter publicado, a 24 de Agosto, 5 decretos-leis relativos aos bombeiros, sem ouvir previamente os sindicatos (ao contrário do que tinha prometido).

# CGTP define reivindicações para 2001 Seis contos no mínimo

**A política reivindicativa global coloca como objectivos «dignificar o trabalho, melhorar os salários, combater as desigualdades».**

No documento aprovado dia 7 pelo Conselho Nacional (e cujo texto integral pode ser consultado na Internet, em <<http://www.cgtp.pt>>) exige-se aumentos salariais de 5,5 por cento para o próximo ano. A Intersindical Nacional reclama ainda que nenhum trabalhador tenha um aumento salarial inferior a

seis mil escudos, pelo que o salário mínimo nacional deverá fixar-se nos 69 800 escudos.

Estes valores têm em conta a inflação, a produtividade e a evolução dos salários e do nível de vida durante o ano 2000, «sem prejuízo de adaptações a realidades sectoriais e de empresa», como

referiu Manuel Carvalho da Silva. Na conferência de imprensa que se seguiu ao Conselho Nacional, o secretário-geral da CGTP reafirmou que «o actual modelo, de baixos salários e mão-de-obra não qualificada, está esgotado» e «já não há argumentos convincentes para continuar com a moderação salarial».

Nas pensões mínimas, os sindicalistas da *Inter* exigem um aumento de 5,6 por cento, para 36 mil escudos, e

o compromisso de uma actualização média anual de igual valor até 2003. Pretende assim a central que as pensões mínimas de invalidez e velhice atinjam os 40 mil escudos até Dezembro de 2002 (como prevê a nova Lei de Bases da Segurança Social). A CGTP defende igualmente que o subsídio de assistência de terceira idade «deve ser valorizado», e avança com a proposta de criação de três novos escalões nas pensões de regime geral.

«Se tivermos em conta a produtividade horária e não a produtividade por pessoa, verificamos que aumentou 3,1 por cento entre 1995 e 1999, pelo que não vemos razões para esperar uma baixa de eficiência», esclareceu, citado pela Agência Lusa.

«O patronato continua a defender a moderação salarial com base num modelo gasto: se não há produtividade, não se podem subir os salários. Os nossos valores mostram que isto é totalmente falso», contrapôs o sindicalista, reagindo a declarações de Nogueira Simões, vice-presidente da CIP (Confederação da Indústria Portuguesa), que criticou qualquer proposta para um aumento salarial acima dos cinco por cento.

O cálculo da produtividade e as suas implicações nos salários são questões que vão estar em discussão no dia 29 de Setembro, no Conselho Permanente de Concertação Social.

**Os portugueses continuam a ser os mais mal pagos da Europa comunitária**

## Produtividade distorcida

A baixa produtividade, que tem sido utilizada como argumento para travar o aumento dos salários em Portugal, decorre de cálculos que são falseadores da realidade. O secretário-geral da CGTP afirmou mesmo, perante os jornalistas, que o alegado baixo crescimento da produtividade é totalmente fictício.

Carvalho da Silva garantiu, na conferência de imprensa, que a produtividade por pessoa, usada para medir a pro-



Com a luta foi possível obter alguns ganhos, «comidos» pelo embuste da inflação prevista para o ano 2000 (foto de arquivo)

## Salários e preocupações em números

O documento da CGTP salienta que houve «**uma evolução preocupante do nível de vida dos trabalhadores em 2000**» e apresenta um rol de números a mostrar as dificuldades sentidas por milhares de famílias onde os salários são o rendimento único ou determinante.

A actualização média dos salários acordados na contratação colectiva é apenas de **3,3 por cento**, e de apenas **2,5 por cento** na Administração Pública. Estes aumentos poderão não se afastar substancialmente dos salários efectivos, já que o índice do custo do trabalho, calculado pelo INE, indica uma variação de **2,9 por cento** no 1.º trimestre.

Os aumentos salariais estão a ser «comidos» pelo efeito conjugado do agravamento da inflação com o aumento das taxas de juro e da repercussão destas no

crédito à habitação. Com o agravamento da inflação (que deverá atingir **2,7 a 2,8 por cento** no final do ano) muitos trabalhadores não aumentam o seu poder de compra e outros sofrerão mesmo uma redução.

A taxa de juro à habitação passou de **4,6 por cento**, em Junho de 1999, para **6,4 por cento** este ano e, neste momento, está já nos **7 por cento**. Isto significa que o custo com um empréstimo bancário de 10 mil contos passa de **56,2 contos** em Junho de 1999 para **67 contos** este ano. Para muita famílias o rendimento disponível, após as despesas com os juros, tem uma forte contracção.

### Europa mais longe

No plano comunitário, salienta a CGTP, Portugal apresenta os mais baixos

salários e a promessa do Governo de uma aproximação progressiva aos salários comunitários tem sido letra morta.

Em 1998, um casal de trabalhadores na indústria, em que os dois trabalham, tinha um salário mensal de **146 contos**, após pagamento de impostos e de contribuições para a segurança social. Na comparação com os países abrangidos pelo Fundo de Coesão (ver quadro), os salários portugueses são **substancialmente mais baixos** (metade no caso da Grécia) e **a distância relativa não encurtou desde 1986, antes se agravou** (com a excepção de Espanha). «Estes dados traduzem um nível de vida dos trabalhadores portugueses muito inferior aos destes países, mesmo considerando as diferenças do custo de vida», protesta a central.

## Evolução dos salários líquidos

Na indústria, considerando um casal com dois salários e sem filhos, nos países abrangidos pelo Fundo de Coesão

	1986	Comparação com Portugal	1998	Comparação com Portugal
Grécia	760	1,9	1490	2,1
Espanha	1140	2,8	1885	2,6
Irlanda	1328	3,3	2591	3,6
Portugal	407	-	726	-

Valores mensais em ECUs, segundo dados do Eurostat

30 anos com os trabalhadores  
**CGTP**  
INTERSINDICAL NACIONAL

## Aniversário em marcha

Subordinadas ao lema «30 anos com os trabalhadores – um sindicalismo de classe no século XXI», estão em curso as comemorações do 30.º aniversário da fundação da Intersindical Nacional, em 1 de Outubro de 1970.

«Três decénios são um período curto em termos da luta histórica dos trabalhadores e das suas organizações, pela melhoria das condições de vida e de trabalho, pela justiça social, pelas liberdades, pela democracia, o progresso e a paz», afirma a *Inter*. Na informação que divulgou sobre o programa dos festejos, sublinha-se que, «todavia, no seu percurso de vida e de luta, a CGTP-IN atravessou uma época invulgar de transformações políticas, económicas, sociais, culturais e científicas, de profunda dimensão no nosso país, na Europa e no Mundo, acompanhando a evolução dos tempos, como grande central dos trabalhadores portugueses, representativa, reivindicativa, combativa e coesa, sempre presente e activa em prol das causas dos trabalhadores».

Este período «riquíssimo de vivências e experiências, de conquistas fundamentais, mas também de reflexos», é assinalado com diversas iniciativas, promovidas aos vários níveis da estrutura sindical, nomeadamente plenários nas empresas com mais de 100 trabalhadores, no período entre 15 de Setembro e 15 de Outubro, e encontros regionais de activistas sindicais.

A central adianta que as comemorações «terão o seu ponto alto» numa sessão marcada para o Centro de Férias do INATEL, na **Costa de Caparica, a 30 de Setembro**, às 18.30 horas, seguida de jantar de confraternização entre sindicalistas e amigos da CGTP-IN e que contará com a participação do Presidente da República. Na **manhã** desse sábado realiza-se, na **Academia Almadense**, um **plenário de sindicatos**, onde serão apresentados depoimentos sobre os 30 anos da Intersindical e uma discussão sobre «os desafios imediatos para a melhoria das condições de vida e trabalho – acção reivindicativa da CGTP-IN».



Sindicatos de Setúbal apontam os números oficiais e a realidade do distrito

## Desemprego não desce

A USS/CGTP não vê « nenhuns motivos de satisfação », ao contrário do Governo, quando em Setúbal mais de 33 mil trabalhadores procuram emprego.

Por um lado – refere a nota de imprensa divulgada pela União dos Sindicatos do Distrito de Setúbal –, este continua a manter uma taxa de desemprego bem mais elevada do que a média nacional (10,3 por cento em Junho), há mais de 33 mil desempregados inscritos nos Centros de Emprego e tem vindo a agravar-se durante este ano a estrutura do desemprego.

Tem aumentado a percentagem de desemprego feminino, tem aumentado

o desemprego de longa duração, têm aumentado os desempregados com mais de 55 anos, mantém-se « praticamente na mesma » o valor dos desempregados com habilitações literárias iguais ou superiores ao 12.º ano de escolaridade.

O documento – emitido após a reunião da Comissão Executiva da USS, no dia 6 – acrescenta que, por outro porque o emprego que tem sido criado « é, na sua esmagadora maioria, emprego precário ». A União cita, a propósito, um relatório do Mi-

nistério do Trabalho, onde se diz que « os contratos a prazo aumentaram 10,6 por cento no primeiro trimestre de 2000, relativamente ao período homólogo do ano passado », enquanto a evolução dos trabalhadores com contrato permanente se manteve « praticamente estacionária, com um aumento de apenas 0,6 por cento ».

A juntar aos números oficiais, a USS recorda a realidade do distrito, nomeadamente o recente anúncio do

despedimento de 600 trabalhadores da Indelma, que « mostra à evidência a falência das políticas de emprego deste Governo e a necessidade de rapidamente as alterar ».

### Moderação com inflação

Após as férias, o agora remodelado ministro das Finanças e da Economia veio reconhecer que a inflação atingirá no fim do ano valores

superiores aos previstos no último Orçamento de Estado, mas isso « não veio causar nenhuma admiração » na estrutura distrital da Inter. « Admiração e espanto causavam as afirmações e as promessas do ministro, que até às férias sempre disse que iria ser cumprida a meta da inflação, já que a economia estava bem controlada », recorda-se na nota de imprensa.

A Executiva da USS « rejeita as teses, entretanto postas a circular, sobre a necessidade da moderação salarial » e contrapõe que, « bem pelo contrário, os próximos aumentos salariais têm que ter em conta a derrapagem da inflação, o aumento do produto interno, a melhoria do nível de vida e a aproximação dos salários portugueses à média comunitária, conforme o prometido no Programa do actual Governo ».

A União e os sindicatos do distrito vão realizar um conjunto de plenários com os trabalhadores no sentido de aprofundar os critérios e os valores a apresentar nas próximas acções reivindicativas.

A Comissão Executiva congratulou-se com a decisão de realizar no distrito de Setúbal as iniciativas centrais das comemorações do 30.º aniversário da CGTP-IN.



Sobe a inflação, mas Governo e patrões insistem em « moderar » os salários

## « Deslocalização » ataca na Indelma

Seiscentos operários do distrito de Setúbal ficarão desempregados caso se concretize a transferência para a Lituânia de um pavilhão da fábrica da Indelma (do Grupo Siemens) no Seixal, alertou José Brita. O dirigente do Sindicato das Indústrias Eléctricas do Sul e Ilhas disse à Lusa que a empresa está a desactivar um dos pavilhões da fábrica do Casal do Marco e a proceder a uma deslocalização dos equipamentos para outro país, provavelmente a Lituânia.

O Governo devia utilizar a pretensão da Siemens de fornecer material circulante para o Metro do Sul do Tejo como um « factor de pressão » para evitar os despedimentos na Indelma, defende o SIESI/CGTP.

A Associação de Municípios do Distrito de Setúbal solidarizou-se prontamente com a causa dos trabalhadores da Indelma, pela preservação

dos postos de trabalho, considerando que o despedimento teria « consequências negativas para o emprego e desenvolvimento ». A AMDS pretende levar o problema ao Governo Civil e ao Ministério da Economia, e pediu uma audiência à administração da Indelma.

O Grupo Siemens garantiu no dia 6 que não vai despedir 600 trabalhadores da Indelma no Seixal, mas o Sindicato das Indústrias Eléctricas continua preocupado com a deslocalização das cablagens da marca Renault para a Lituânia. Um porta-voz do grupo Siemens desmentiu à Lusa a extinção de 600 postos de trabalho na fábrica de cablagens do Casal do Marco, reafirmou a « gestão segura e encomendas » para a Autoeuropa, que « garantem o futuro da fábrica nos próximos quatro anos ». Mas, ressaltou Hans Muller, « é evidente que estamos a falar do mercado

automóvel e que as encomendas dependem do sucesso dos veículos ».

Esta versão foi também transmitida pela administração da Indelma ao Governador Civil de Setúbal, que a comunicou a uma delegação do sindicato, na quarta-feira da semana passada.

Contudo, os representantes dos trabalhadores saíram desta reunião « com as mesmas preocupações, porque neste momento já há menos 200 postos de trabalho na Indelma ». A sindicalista Maria do Rosário Silva lembrou que « a empresa tinha 2100 postos de trabalho e neste momento já só tem 1900, porque os outros 200 ou não renovaram o contrato ou rescindiram por mútuo acordo », acrescentou. « O que é facto é que o sector da Renault na Indelma vai mesmo ser transferido para a Lituânia », disse a dirigente do SIESI.

## Comunistas solidários na Arco-Têxteis

A Direcção da Organização Regional do Porto (DORP) do PCP manifestou a sua solidariedade com os trabalhadores da Arco-Têxteis.

Em comunicado, distribuído quarta-feira, dia 30 de Agosto, aos trabalhadores desta empresa e à população em geral, o PCP denunciou a « inaceitável » conduta da Administração ao enviar cartas de despedimento a 25 trabalhadores ainda durante o seu período de férias. Esta acção foi classificada como um ataque aos direitos de organização e acção sindical, reconhecidos por lei, que visou apenas dividir e amedrontar os trabalhadores da Arco-Texteis. O comunicado, distribuído por um grupo de camaradas, entre os quais o deputado do PCP eleito pelo círculo do Porto, Honório Novo, denuncia também que a empresa, extremamente rentável e que recebeu milhões de contos de benefícios no âmbito do PEDIP, paga salários miseráveis de 67.700\$00 à maioria dos trabalhadores, sobretudo na área da produção.

Para o PCP tratou-se de um « despedimento selectivo, uma tentativa de ferir os trabalhadores e a sua organização de classe e de eliminar qualquer foco reivindicativo dentro da empresa, só possível num clima político em que o Governo e as forças de

direita relegam para segundo plano os direitos dos trabalhadores em benefício dos lucros do capital. »

O PCP, que acompanhou desde início este processo, apela a todos os trabalhadores e à população do concelho de Santo Tirso para que não se abstenham nesta luta pela justiça, que pode ser também a sua no futuro. O PCP reafirmou que dará o seu apoio a todas as medidas e soluções que os trabalhadores da Arco e a população venham a encontrar nesse sentido: « Faremos tudo o que estiver ao nosso alcance, nomeadamente nas instituições onde temos assento, para que seja reposta a legalidade. »



Na acção participou o deputado Honório Novo

## Transgás não cumpre

O Sinqifa/CGTP acusou sexta-feira a Transgás de não respeitar a lei sindical, bloquear a negociação colectiva e não aumentar os salários há quatro anos.

Num comunicado do Sindicato dos Trabalhadores da Química, Farmacêutica, Petróleo e Gás do Centro, Sul e Ilhas (citado pela Lusa), denuncia-se ainda que a Transgás não permite reuniões sindicais na empresa, não consulta os trabalhadores sobre a elaboração do Balanço Social (que não envia ao sindicato, tal como o Quadro de Pessoal), não consulta os representantes dos trabalhadores sobre os horários de

trabalho e não aplica qualquer convenção colectiva.

A empresa é acusada de não querer negociar com o sindicato, de pagar o subsídio de turno mais baixo do sector e de quase não ter aumentado os trabalhadores nos últimos quatro anos.

Um elemento da empresa, Gonçalves da Cunha, disse à Agência Lusa que o Sinqifa apenas representa 13 dos 231 trabalhadores da Transgás, onde nem sequer existe comissão sindical porque o outro sindicato existente na empresa também representa pouco mais de 20 trabalhadores.

Mas Delfim Mendes, dirigente do Sinqifa, assegurou

que o sindicato da CGTP tem muito mais sócios na empresa (mais de 30), e contrapôs que, mesmo que os números patronais fossem reais, não justificavam a falta de cumprimento da lei sindical.

Delfim Mendes garante que o Sinqifa e seus associados não vão ficar parados, prevendo nomeadamente o recurso à Inspeção-Geral do Trabalho e, se necessário, à greve.

A Transgás foi criada formalmente em 1993 e começou a laborar cerca de dois anos depois. É uma empresa do grupo Galpenergia e a principal distribuidora de gás natural no País.



## Frutas e hortícolas

## Manter o preço mínimo

A CNA instou o Governo português a apresentar uma contraproposta de reforma da Organização Comum de Mercado das Frutas e Hortícolas.

A Confederação Nacional da Agricultura considera que a actual proposta da Comissão Europeia, apesar de alguns aspectos positivos, irá penalizar um conjunto de produtos que representam 160 milhões de contos na produção final agrícola.

Entre os aspectos mais criticados está a extinção do preço mínimo do tomate para a indústria, que tem funcionado como uma garantia para os produtores; a baixa dos limites da ajuda de 4,5 para três por cento do valor da produção comercializada para os fundos operacionais; uma baixa «cautelosa» de 9,1 por cento nas ajudas para a primeira campanha após a reforma da OCM; a redução da quantidade passível de ser objecto de «retirada» nos citrinos; a diminuição do valor das ajudas em 10 por cento.

Esta última medida acaba por reduzir o impacto da deci-

são considerada positiva de aumentar em 10 por cento da quantidade de produção de tomate sujeita à ajuda. A CNA acolhe ainda favoravelmente a proposta de pagamento directo da ajuda às organizações de produtores, em vez de, como agora acontece, ser efectuado através de intermediários, nomeadamente pela indústria.

Por outro lado é ainda positivo o estabelecimento de um limiar por Estado membro por forma a evitar que países que não ultrapassem a sua quota nacional sejam penalizados devido a excesso de produção por outros estados.

## Ouvir os agricultores

Na passada terça-feira, a proposta da Comissão Europeia foi analisada pela Comissão da Agricultura e Desenvolvimento do Parlamento Europeu, devendo ser subme-

tida a Plenário na semana de 23 a 27 de Outubro. Entretanto, a deputada comunista Ilda Figueiredo disse ao «Avante!» concordar com o essencial das propostas da CNA e alertou para o facto de a Comissão pretender reduzir em oito por cento a quota nacional de tomate. Das actuais 996.526 toneladas relativas à campanha de 1999/2000, o nosso país passaria a estar limitado às 920.810 toneladas, valor da produção obtida na campanha de 1998/99.

A deputada, que critica esta proposta acusando a Comissão de não levar em conta as reais potencialidades da produção nacional, propõe-se ouvir as organizações de agricultores portugueses, tendo já agendado para amanhã um encontro com a Federação de Agricultores do Distrito de Leiria. Para Outubro, Ilda Figueiredo quer encontrar-se com a Associação de Produtores de Tomate de Santarém. O objectivo destes contactos é a elaboração de propostas de alteração a incluir no projecto final de reforma.

## Estrangeiros dominam fusões

Portugal é o país da União Europeia com mais operações públicas de aquisição (70 por cento) dominadas por capitais de países comunitários e extracomunitários.

A tendência para o crescimento do número de operações de fusão e aquisição envolvendo pelo menos uma empresa da União Europeia foi confirmada por um relatório da Comissão Europeia, que estudou o período entre 1996 e 1998. Em 1997, nos estados membros registaram-se 7100 OPA e, em 1998, este número passou para 7600, ou seja um crescimento de 7,3 por cento (em 1987, o número de OPA ficou-se pelas 2800). A grande maioria destas fusões ocorreu no sector dos serviços (destacando-se a fusão da MCI com a Worldcom).

Em 1998, cerca de 50 por cento das OPA eram entre empresas do mesmo estado membro (OPA nacionais), cerca de 17 por cento envolviam uma empresa de outro estado membro (OPA comunitárias) e outros 17 por cento envolviam uma empresa não comunitária (OPA internacionais).

Para se ter uma ideia do crescimento deste tipo de operações, refira-se que na década anterior, em 1987, as OPA nacionais representavam cerca de 71 por cento, as comunitárias cerca de 10 por cento e as internacionais apenas de cinco por cento.

Nos últimos anos tem-se verificado a tendência para a diminuição das OPA nacionais e conseqüente aumento das comunitárias e estrangeiras. Neste relatório o nosso

país afasta-se da média comunitária, apresentando entre 1996 e 1998, uma grande vulnerabilidade ao capital estrangeiro. De facto, naquele período, as OPA nacionais representaram apenas 18 por cento; as comunitárias 55 por cento e as internacionais cerca de 15 por cento.

Assim, com excepção do Luxemburgo, Portugal é o país que apresenta o mais baixo índice de OPA nacionais, o que significa que as empresas estrangeiras têm sido as principais responsáveis pela compra da totalidade ou de parte do capital de unidades nacionais, aproveitando, entre outros, as sucessivas privatizações para levar por diante estratégias de concentração e centralização.

## Clonagem proibida

O Parlamento Europeu aprovou na passada semana uma resolução que condena a clonagem de embriões para fins terapêuticos e apela aos Estados membros que aprove legislação no sentido de proibir a sua investigação e aplicar sanções para as infracções.

O texto, que pretende ainda que o Reino Unido reveja a sua posição sobre esta matéria, não faz nenhuma distinção entre este método e a clonagem para fins reprodutivos. A resolução teve o apoio do Partido Popular Europeu, Verdes, União para a Europa das Nações,

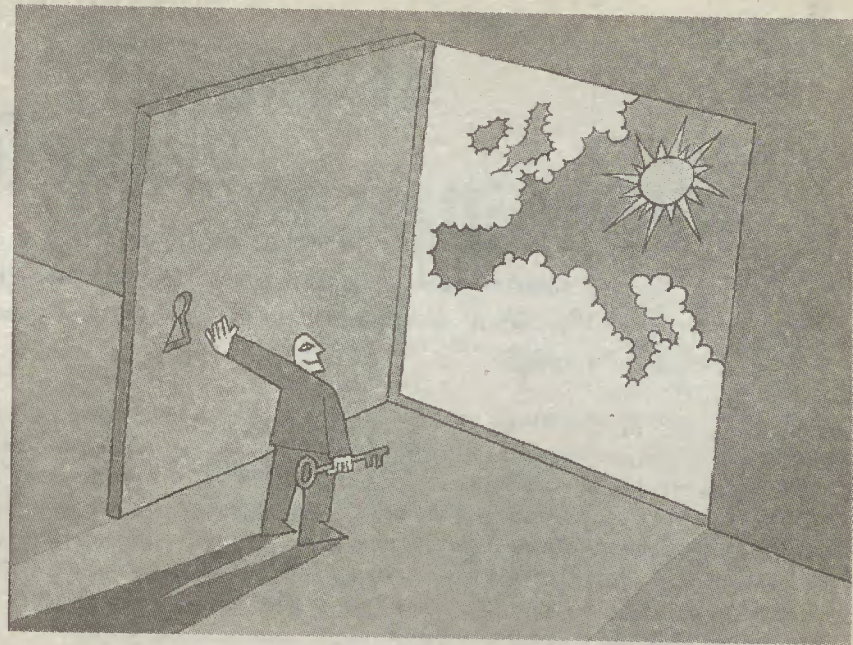
Europa das Democracias e das Diferenças e Grupo da Esquerda Unitária, sendo no entanto aprovada à tangente por 237 votos a favor, 230 contra e 43 abstenções, o que espelha bem as grandes divisões que esta matéria provocou no seio dos grupos do Parlamento Europeu.

Os deputados do PCP não participaram na votação, sendo que o Partido reserva para mais tarde uma posição oficial. No entanto, a deputada Ilda Figueiredo disse ao «Avante!» que «é necessário evitar a todo o custo que a clonagem de embriões se transforme em mais um negó-

cio florescente para as empresas de biotecnologia».

Neste sentido, e por forma a esclarecer dúvidas e reunir toda a informação necessária sobre esta complexa temática que permita o aprofundamento do debate, a deputada vê como positiva a proposta de criação de uma Comissão de Estudo no Parlamento Europeu.

Apesar desta resolução proibicionista ter sido aprovada, tudo indica que a curto ou médio prazo a clonagem para fins terapêuticos volte a ser discutida no Parlamento Europeu, tanto mais que os deputados se encontram profundamente divididos.



## O alargamento de novo na ordem do dia

• Joaquim Miranda

O alargamento, questão maior da União Europeia, foi colocado na primeira linha da agenda comunitária com a afirmação do comissário social-democrata Verheugen no sentido da realização de um referendo sobre o mesmo na Alemanha. Pouco importarão agora as declarações mais ou menos solenes que se seguiram a tal afirmação, nomeadamente do referido comissário, e em geral no sentido de uma reafirmação dos compromissos assumidos e do calendário anunciado para o efeito. Mais importante do que elas é o sentimento, que se generaliza, sobre as dificuldades inerentes a um tal processo e, essencialmente, as dúvidas e os receios que ele suscita nas opiniões públicas, em especial dos actuais países membros da UE, mas também nas dos países candidatos. Tais afirmações, e outras que mais em surdina mas sucessivamente se vão fazendo ouvir, mais não são, com efeito, do que o reflexo daquele sentimento de reserva que crescentemente se faz sentir.

Sendo certo que ele decorre, fundamentalmente, da ausência ou, ao menos, da falta de divulgação de estudos aprofundados sobre as incidências económicas e sociais de um tal alargamento (quer nos países candidatos quer no interior da União Europeia), da falta de meios financeiros para fazer face ao processo, das conseqüências que do mesmo poderão decorrer ao nível institucional e também das políticas que se querem impor aos países candidatos. A que acrescem ainda os posicionamentos e as movimentações de natureza xenófoba e nacionalista, obviamente reprováveis, que ele ocasiona.

## Ligeireza e irresponsabilidade

Tais factos confirmam totalmente a razoabilidade da análise e das orientações cedo fixadas pelo PCP sobre esta matéria. Assim como evidenciam a ligeireza e a irresponsabilidade das que sobre a mesma têm sido seguidas por outras por outras formações políticas nacionais e, em particular, pelo governo. Sempre afirmámos, com efeito, que a questão não se resumia a um sim ou a

um não ao alargamento da União Europeia.

E referimos mesmo que ele não nos suscitava objecções de princípio. Porém, sempre sublinhámos também que a respectiva consideração positiva ou negativa decorria da natureza dos objectivos que lhe estivessem subjacentes e das condições concretas em que ele se concretizasse.

E, em especial, sempre sublinhámos que nunca admitiríamos, como decorria e decorre da Agenda 2000, que os custos de um tal alargamento fossem essencialmente suportados pelos Estados-membros de menor desenvolvimento, sendo certo que as principais vantagens dum tal processo reverteriam/reverterão a favor das grandes empresas das principais potências; como nunca aceitaríamos que em nome do mesmo se concretizasse uma revisão dos Tratados essencialmente orientada para garantir e reforçar o poder de decisão destas últimas.

Estranhamente (ou talvez não...) outras forças políticas e nomeadamente os governos do PS tentaram resumir a questão a uma mera atitude de «solidariedade» para com os países candidatos, sem curar de propósitos ou incidências, quaisquer que fossem uns e outras. Ao ponto de se manifestarem indiferentes aos estudos realizados no país e de que resultou que seria Portugal, nas actuais circunstâncias e nos planos económico e financeiro, o país mais afectado com o alargamento. É até indiferentes quanto às muito negativas orientações que se preconizam para a própria revisão em curso dos Tratados, também ela realizada em nome do alargamento e da adequação da União Europeia ao mesmo.

## Seguidismo e subserviência

Veremos agora, quando as apreensões surgem até da parte dos países de maior desenvolvimento, qual a posição dessas forças e particularmente do governo!

Não estranharíamos se uma nova «atitude solidária» da sua parte, com os habituais contornos seguidistas e de subserviência, voltasse a marcar os seus discursos, mas desta vez revelando uma grande compreensão para com os problemas e dificuldades que o alargamento coloca a esses países...



## Luto na Colômbia

A guerra suja na Colômbia fez mais uma vítima: Eliodoro Durango, dirigente regional do Partido Comunista Colombiano (PCC) e membro da Junta Nacional da União Patriótica (UP) foi assassinado no passado dia 8 de Setembro por mercenários ao serviço das forças reaccionárias.

Eliodoro Durango encabeçava a lista da UP para a Assembleia Regional de Antioquia para as eleições de 29 de Outubro.

Segundo um comunicado do PCC, «este assassinato teve lugar perante a passividade oficial face às constantes denúncias do PCC e da UP respeitantes às ameaças e provocações que recebem diariamente em todo o país». O documento recorda que Jaime Caycedo, secretário-geral do PCC, enviou em 9 de Agosto uma carta urgente ao ministro do Interior, Humberto de la Calle, em que denunciava o incremento das situações de perigo, solicitava uma declaração pública do governo nacional e exigia a imediata implementação do «Programa Especial de Protecção» acordado perante a Organização dos Estados Americanos (OEA). A carta não teve resposta e o Programa continua a não responder às necessidades, quer por motivos burocráticos quer pela falta de meios que o governo se havia comprometido a disponibilizar. O Programa de Protecção devia ter começado a funcionar em pleno em 30 de Abril último.

Face a esta situação, o PCC considera que o assassinato de Eliodoro Durango e as ameaças contra militantes comunistas e da UP «são da total responsabilidade do governo de Andrés Pastrana que não tem nenhuma política para enfrentar a guerra suja contra a oposição e permite que a impunidade encubra as suas acções criminosas».

O PCC e a UP apelam às organizações política e sociais democráticas para se unirem na exigência ao governo de plenas garantias para a sua existência e actividade, e pedem «à comunidade internacional para condenar e denunciar esta onda de violência reaccionária que está a ser estimulada pelo agressivo Plano Colômbia».

Quase ao mesmo tempo do bárbaro assassinato de Eliodoro Durango, morria, vítima de doença cardíaca, Raul Valbuena, membro do Comité Central do PCC e lendário dirigente agrícola.

Ao lamentar a perda dos dois camaradas que dedicaram a sua vida à causa do povo colombiano, o PCC lembrou as palavras que um dia alguém proferiu: «Depois de tantos mortos só nos resta a vida.»

Um ano depois dos bombardeamentos da NATO os jugoslavos continuam a ser um alvo do imperialismo

## Eleições na Jugoslávia

As eleições presidenciais na Jugoslávia, no próximo dia 24, estão a ser alvo na imprensa internacional de uma intensa campanha de desinformação.

Desde que o regime de Belgrado foi transformado pelos EUA no «império do mal», todas as iniciativas das autoridades jugoslavas são apresentadas em

certa imprensa internacional como parte de um plano maquiavélico de eternização no poder. É o caso das próximas eleições presidenciais e das recentes alterações constitucionais, tidas como perfeitamente normais e desejáveis em qualquer outro Estado de direito.

Porque para os planos do imperialismo era muito mais cómodo afastar Slobodan Milosevic, substituindo-o por uma figura dócil aos interesses norte-americanos, sem qualquer consulta popular, chegou-se ao ponto de apresentar a eleição do Presiden-

**O presidente vai ser escolhido por voto directo, secreto e universal**

te por sufrágio directo, secreto e universal, como sucede por exemplo em Portugal, como uma tenebrosa manobra para

Milosevic se manter no poder.

Também a alteração constitucional consagrando o Presidente da República como chefe supremo das Forças Armadas - a exemplo dos EUA e de tantos outros países do mundo, incluindo o nosso - foi rotulada de inadmissível concentração de poderes e exemplo acabado da malvez de Milosevic. A este propósito, o chanceler alemão Gerhard Schröder, social-democrata, chegou a afirmar em Tóquio que a reforma da lei eleitoral jugoslava se assemelhava à lei que outorgou plenos poderes a Hitler!

## Processo contra agressores

O processo contra 14 presidentes e ministros das potências ocidentais acusados de crimes de guerra cometidos durante os bombardeamentos da NATO, em 1999, na Jugoslávia, terá início a 18 de Setembro, anunciou sábado o tribunal jugoslavo encarregue do caso.

«Os acusados Bill Clinton, Madeleine Albright, William Cohen, Tony Blair, Robin Cook, George Robertson, Jacques Chirac, Hubert Védrine, Alain Richard, Gerhard Schroeder, Joschka Fischer, Rudolf Scharping, Javier Solana e Wesley Clark serão julgados à revelia, porque não são acessíveis à justiça jugoslava», precisa o comunicado do tribunal, citado pela agência Tanjug.

O ministro da Justiça da Sérvia, Dragoljub Jankovic, tinha anunciado, na passada quinta-feira, a abertura de um processo a 18 de Setembro, em Belgrado, contra «os autores da agressão da NATO» sem no entanto os nomear, recorda a Tanjug.

## Turquia Violência contra mulheres

Dezenas de mulheres turcas e curdas foram detidas no sábado, em Istambul, quando procuravam denunciar à imprensa a violência contra as mulheres na Turquia. O grupo de mulheres estava concentrado junto da principal estação de correios da capital turca, onde se deslocou para enviar um postal ao secretário-geral da ONU, Kofi Annan, protestando contra a violência de que são alvo no país.

«Dizemos não à guerra, queremos paz. Dizemos não à violação (contra as mulheres) e ao assédio sexual nas prisões», podia ler-se no postal.

Segundo a Lusa, a polícia entrou em acção quando as mulheres procuravam fazer uma declaração à imprensa,

tendo obrigado 35 mulheres, muitas das quais foram agredidas a pontapé e murro, a entrar à força para viaturas policiais. Uma das manifestantes teve de ser levada para o hospital com um braço partido.

«Queremos tratamento igual para todas as mulheres em todo o mundo. Somos contra a violência, mas hoje estamos a ser espancadas pela polícia», gritou uma das detidas a partir da carrinha policial.

O protesto foi organizado por partidos de esquerda.

No mesmo dia, 63 pessoas foram detidas pela polícia quando levavam a cabo o seu protesto semanal contra os planos do governo de transferir presos de celas grandes



No dia 24 o jogo não é de xadrez mas apaixonam igualmente os jugoslavos

### Apoio incómodo

Os dois exemplos referidos são elucidativos do nível a que chegou a desinformação no que toca à Jugoslávia. Sem escamotear a pertinência de críticas legítimas, é sintomático que a imprensa internacional dita democrática e pluralista apresente como «compreensível» o bloqueio das eleições por parte do governo do Montenegro e a obstrução da ONU ao escrutínio no Kosovo, partes integrantes da República Federal Jugoslava, ao mesmo tempo que faz passar a mensagem que uma eventual derrota do candidato da oposição, Vojislav Kostunica, só será possível com uma fraude eleitoral.

Vale a pena lembrar que o governo do Montenegro ameaça convocar um referendo para romper definitivamente a sua ligação à federação jugoslava, para o que conta com todo o apoio das potências ocidentais.

O despautério é tanto que o próprio Kostunica, apoiado por 18 partidos da oposição, se viu obrigado nos últimos tempos a demarcar-se da

campanha em seu favor: apresenta-se como um nacionalista sérvio convicto; critica os EUA; condena as sanções à Jugoslávia; garante que caso seja eleito não entregará Milosevic ao tribunal de Haia. Trata-se, ao fim e ao cabo, de uma tentativa para se distanciar dos que há um ano aplaudiram sem

pudor os 78 dias de bombardeamentos da NATO contra o seu próprio povo.

De acordo com as sondagens insistentemente divulgadas pela imprensa internacional, Kostunica terá uma vantagem de 20 por cento sobre Milosevic. No dia 24, o sufrágio popular dirá de sua justiça.

## Ameaças romenas

A campanha para tentar isolar a República Federal da Jugoslávia (RFJ) prossegue em várias frentes. Desta vez a iniciativa partiu do governo romeno que, a pretexto de alegados entraves das autoridades jugoslavas à navegação internacional no rio Danúbio, ameaçou Belgrado de apoiar a iniciativa norte-americana visando a sua exclusão das Nações Unidas.

Os armadores romenos dizem-se «discriminados» pelo facto de os barcos que navegam sob pavilhão de outros países serem autorizados a utilizar um canal secundário, não internacional, que permite circundar o sector bloqueado pelos destroços das pontes destruídas pela agressão da NATO, o que não acontece com os navios romenos.

«A Jugoslávia está a violar a legislação internacional ao recusar desbloquear o Danúbio», afirmou o ministro dos Negócios Estrangeiros romeno, Petre Roman, citado pela agência Mediafax. «E deve saber que isso não pode continuar sem castigo.»

«Actualmente, os Estados Unidos reclamam que a República Federal Jugoslava (RFY, Sérvia e Montenegro) não seja reconhecida como sucessora da ex-Jugoslávia no seio da ONU e se Belgrado continuar a violar a legislação internacional sobre o tráfego no Danúbio nós apoiaremos essa iniciativa», precisou Roman.

### Contradições

Recorda-se que actualmente a RFJ tem um representante na ONU, mas não tem direito de voto nem de intervenção nas Assembleias das Nações Unidas. Segundo a Lusa, que cita fontes diplomáticas não identificadas, as repúblicas saídas das ex-Jugoslávia - Croácia, Eslovénia, Bósnia e Macedónia - apoiam a iniciativa dos Estados Unidos.

É curioso registar que a Roménia não se manifestou tão ciosa do respeito pelo direito internacional por ocasião dos bombardeamentos da NATO que destruíram várias pontes na Jugoslávia, sobretudo na região da cidade de Novi-Sad, e de que resultou precisamente a interrupção da navegação no Danúbio. Não menos singular é o facto de a Roménia acusar Belgrado de protelar a limpeza do Danúbio, que a União Europeia diz querer financiar. Trata-se, mais uma vez, de pretender impor a um país soberano as condições e prioridades de terceiros, como se num país tão dramaticamente destruído pela agressão da NATO não houvesse sequer lugar para a definição de critérios de reconstrução.

A boa maneira da NATO, a que tanto anseia aderir, a Roménia privilegia a ameaça e a chantagem nas relações com a RFJ.



## Crime no Brasil

# Reforma sangrenta

Dois militantes do Movimento dos Sem Terra do Brasil foram torturados e assassinados a semana passada em Mato Grosso do Sul.

Pelas suas características, o crime é paradigmático das dificuldades da luta pela reforma agrária naquele estado brasileiro. De acordo com informações do MST, os seus militantes - Sívio Rodrigues de Souza, de 25 anos, e Romildo da Silva, de 36 anos - tinham ido visitar uma fazenda já desapropriada pelo INCRA (organismo oficial responsável pela distribuição de terras), mas onde o processo de ocupação estava a ser protelado. O carro em que se deslocavam foi alvo de uma emboscada, com a conivência do motorista. Sequestrados às 10 horas da manhã, os militantes do MST foram amarrados a uma árvore, torturados e finalmente executados a tiro no final da tarde.

Depois, ainda com as mãos amarradas nas costas, foram deixados dentro do veículo que os transportara.

O motorista, cúmplice dos agressores, foi preso e confessou toda a trama: os autores do crime são funcionários de uma empresa de segurança - COES Segurança Ltda - aparentemente criada pelos fazendeiros da região para dar cobertura às suas actividades criminosas. A referida empresa pertence a Cláudio Penhavel, sob quem impende um mandato de prisão, casado com a fazendeira Laura Costa Brito, sobrinha do senador Ludio Coelho (PSDB-MS), conhecido como um dos maiores fazendeiros do estado. Segundo o MST, ao longo da sua história o sena-

dor conseguiu acumular mais de cem mil hectares de terras públicas.

Preso pela polícia na noite da passada sexta-feira, o motorista, Cláudio Penhavel, acusou Laura Brito, que lhe terá oferecido dois mil reais para que ele armasse a emboscada, como sendo a mandante do crime. As investigações policiais levaram já à prisão preventiva de oito pessoas, incluindo o empresário Cláudio Penhavel, mas a sobrinha do senador foi posta em liberdade depois de prestar declarações na delegacia de Rio Brillante.

Para os dirigentes do MST, a responsabilidade de mais este crime cabe, em última análise, ao INCRA. Segundo Edilson Sarate, membro da coordenadora do Movimento, «enquanto a demora [no processo de reforma agrária] persistir, ninguém vai ter sossego».



Os assassinatos continuam. Na foto, funeral de um agricultor morto pela polícia em Pernambuco em 25 de julho

## Indonésia ignora missão da ONU

O Governo indonésio decidiu não receber a missão do Conselho de Segurança da ONU que chega a Jacarta na próxima semana para investigar as mortes de três membros do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), ocorridas dia 6 em Atambua, Timor Ocidental.

De acordo com informações veiculadas pela agência Lusa, o ministro da Defesa indonésio, Mohammad Mahfud, afirmou à imprensa que «o Governo decidiu não receber esta missão», porque estão já em curso as «próprias acções» do executivo de Jacarta. Aparentemente, a decisão foi tomada numa reunião especial do governo indonésio que deveria discutir as medidas a tomar para resolver o problema das milícias nos campos de refugiados de Timor Ocidental, e o dos refugiados de Timor-Leste em Timor Ocidental.

Os três funcionários do ACNUR - um americano, um etíope e um croata - foram mortos na fronteira entre as duas metades da ilha, por milícias pró-indonésias. Na sequência deste reactivar da violência, o Conselho de Segurança, reunido dois dias depois, adoptou uma resolução exigindo a Jacarta o desmantelamento e desarmamento as milícias que continuam a semear o terror nos campos de refugiados. A decisão de enviar uma missão a Jacarta insere-se neste contexto, mas mais uma vez as autoridades indonésias parecem optar por manter a questão «em família». Desconhece-se qualquer reacção do Conselho de Segurança às declarações de Mohammad Mahfud.

### Novo exército

Entretanto, em Timor-Leste, o governo transitório

aprovou antontem o modelo do futuro exército, que vai ser composto por 3.000 efectivos, metade dos quais soldados profissionais recrutados entre as Falintil e 1.500 reservistas voluntários. Não haverá serviço militar obrigatório. Esta decisão vai ser sujeita ainda a discussão entre a administração transitória das Nações Unidas (UNTAET), as chefias militares das Falintil e o CNRT/Congresso Nacional.

Este modelo foi recomendado por um estudo feito pelo King's College do Reino Unido como sendo a opção mais equilibrada financeiramente, possibilitando satisfazer as necessidades de defesa de Timor-Leste a «custos acessíveis e sustentáveis». Segundo o estudo, só em 2003 se atingirá a totalidade dos efectivos, com prioridade de treino dada aos soldados das Falintil.

## Na morte de um camarada

● Sérgio Ribeiro

Nesta manhã de dia de Festa, sentei-me ao computador para «fazer tempo». A necessidade que a companhia tem de dormir mais umas horas para recuperar do dia anterior deram-me «tempo livre» que, na ocasional falta de vontade de ler, me encaminhava para um joguinho/paciência daqueles que descontraiem, que preparam para trabalhos que exigem concentração ou nos repousam depois deles realizados com o apoio das teclas onde estou a passar os dedos. De repente, sem como nem porquê lembrei-me do Vassilis Ephremidis, o camarada grego com quem durante uma década trabalhei no Parlamento Europeu, cada um de nós representando o seu povo, eleitos nas listas dos nossos partidos. Há poucos dias (semanas?) a Rita telefonou-me, da Soeiro, a dar a notícia da morte do camarada. Senti alguma emoção e, desligado o telefone, depois daquela paragem de recuperação, pensei se deveria fazer alguma coisa, um telefonema, um

estava há largos anos. Foi o Carvalhas quem nos apresentou, traçando em duas penadas um perfil de que alguns contornos eram por de mais visíveis. Um «velho comunista», de todas as lutas (da classe) e de todas as contingências partidárias, uma firmeza inquebrantável, um gosto pela vida transparente. Um camarada. E grego como as amêndoas, o azeite, a aguardente que nos oferecia! Foram dez anos de convivência, em que muito me fez rir e sorrir, em que muito me fez pensar. Sobretudo pela sua lição quotidiana de como a participação, respeitada, prestigiada, no plano institucional, em nada é incompatível com a clara opção de prevalência da luta de massas, da ligação aos trabalhadores e ao povo. A posição de classe a escorar todas as atitudes.

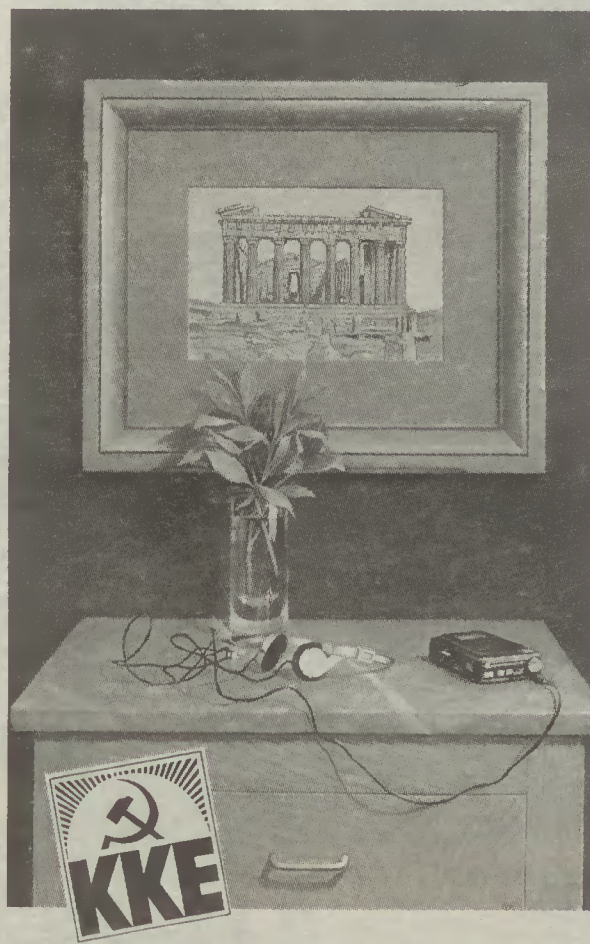
Nos últimos tempos, antes das eleições de 99, estava, evidentemente, a ser incómodo. Por vezes falava com um lucidez e uma capacidade de desmascaramento de

ambiguidades que feriam, e havia quem reagisse às suas verdadeiras «pedradas» de coerência, menosprezando as intervenções, até mostrando a falsa ternura pelos que se etiquetam de ultrapassados quando são os que, com as suas advertências, prevêm e previnem o que a vida vem confirmar. Um dia, em Salónica, passeava eu pela cidade, respirando o ambiente eleitoral, entrei num dos centros do PCG, observador e curioso. Os camaradas gregos olharam aquele intruso com alguma desconfiança. Vi o que quis ver, sempre atentamente observado, pelo que resolvi tentar comunicar. Não encontrei melhor que dizer, em voz alta,

Vassilis Ephremidis. Foi como que uma chave, como se uma língua comum tivesse nascido entre o grego e o português. Foi um quarto de hora de camaradagem!

Encontrei-me pela última vez com o Vassilis em Bruxelas, num cruzamento de corredor quando ele e eu arrumávamos os últimos papéis dos nossos gabinetes. Foi, como era inevitável, um encontro diferente. Dirigiu-se-me, abraçou-me fortemente e, num francês que não gostava de usar mas que, dessa vez, saiu impecável, disse que a minha não eleição o deixara preocupado e muito triste. E disse mais coisas, comovido e comovendo-me, com as lágrimas a quererem saltar. Coisas que guardo bem fundo e que, hoje, vieram à tona de mim.

**Do Vassilis me lembrei hoje. Como de um dos homens imprescindíveis. Dos que lutam toda a vida a vida toda.**



telegrama, sei lá..., e para quem e em nome de quê. Não tenho qualquer estatuto, não conheço a família, talvez uma palavra para os camaradas gregos com quem dividimos tarefas no PE e que lá continuam. Hesitei, adieei, outros trabalhos me tomaram. Passados estes dias, a lembrança do Vassilis vem visitar-me. Porquê? Ao fim e ao cabo, a sua morte foi natural. A idade era muito avançada e quase parecia estranho que tanto «durasse» quem tão pouco se poupava, a não ser que houvesse uma inesperada curva nas nossas vidas nunca mais nos veríamos, não nos escrevíamos porque as nossas línguas não ajudam à comunicação e o escasso domínio de outras não convida à escrita. Porquê então esta lembrança e esta vontade de escrever sobre o Vassilis, hoje, assim?

Quando cheguei ao PE, já ele lá



# A dimensão da Festa

## imagens e números

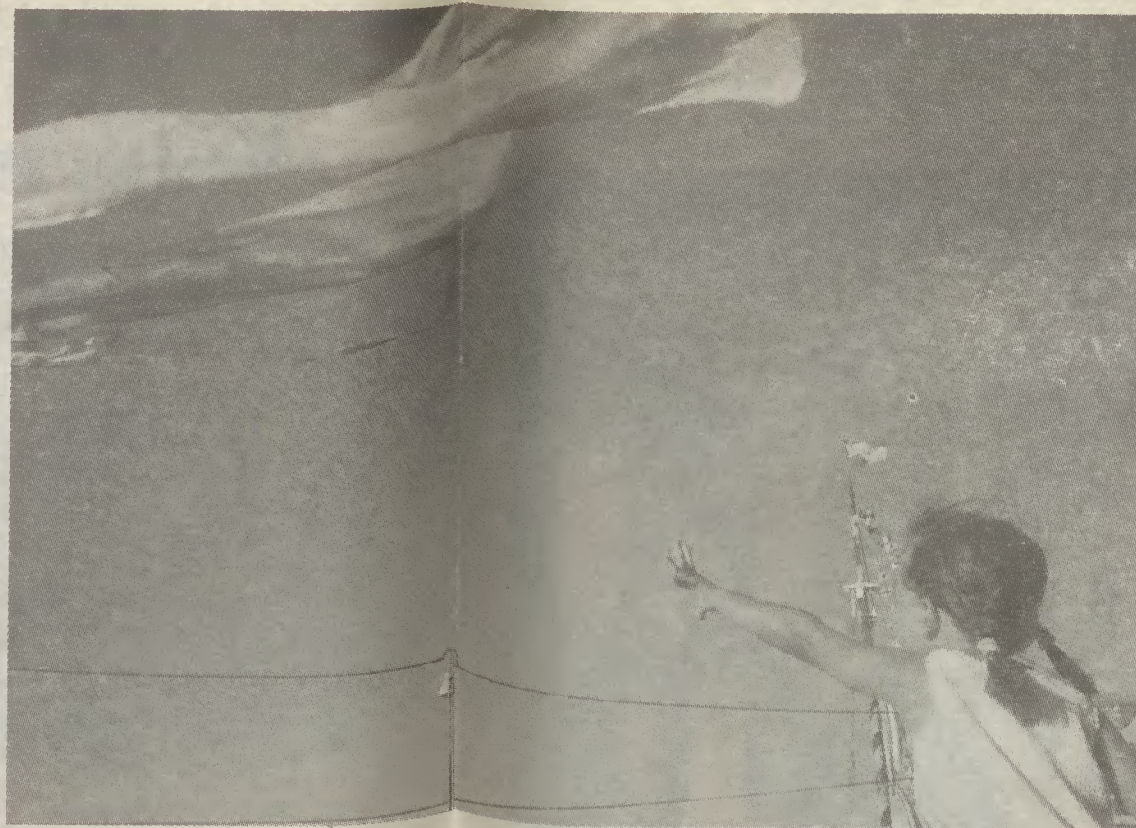


Recordar as grandes lutas é também pensar nas próximas

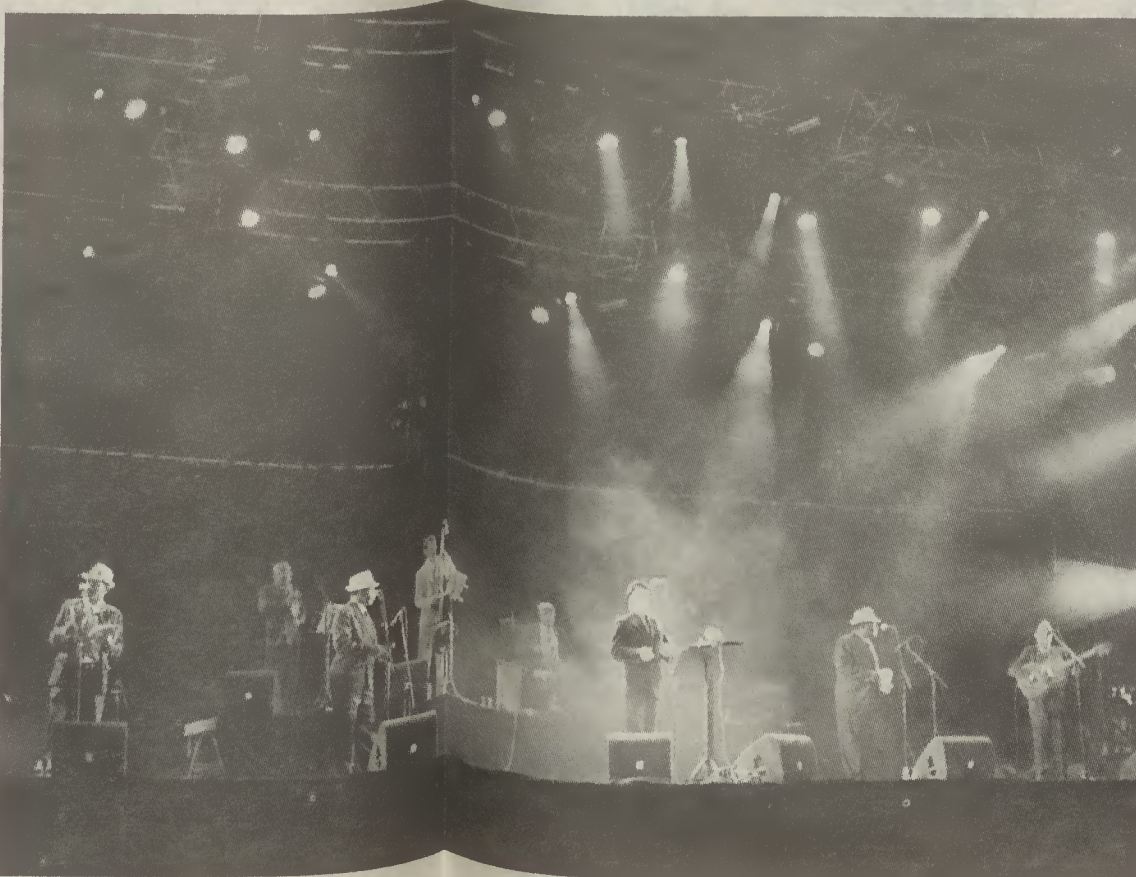
**A** Festa do «Avante!» voltou a confirmar-se como o maior acontecimento político-cultural que se realiza no nosso país, atraindo durante três dias multidões de visitantes que encheram por completo o agradável recinto da Quinta da Atalaia.

Esta evidência, que salta aos olhos de todos, prova não só a enorme capacidade de realização dos comunistas portugueses como também o potencial de simpatia e atracção que os seus ideais e propostas despertam em amplas camadas da população portuguesa. Sendo a grande iniciativa de massas do PCP e um momento especial de afirmação da sua mensagem e projecto políticos, a Festa do «Avante!» é igualmente um espaço único de liberdade onde convivem pessoas de todas as idades e condições sociais, independentemente da raça, convicções políticas ou credos religiosos. É neste ambiente exclusivo multicolor que todos os anos os nossos fotógrafos captam momentos únicos a que chamamos «as Fotos da Festa». Outros, que nos escaparam, ficarão certamente registados na memória de quem os viveu. Afinal, quem não tem histórias para contar da Festa?...

As imagens acrescentámos alguns números, pretendendo por aproximação reflectir a verdadeira dimensão da Festa e demonstrar que o êxito sucessivo das 24 edições da Festa do «Avante!» (que tanto parece surpreender alguns observadores da nossa praça), não é um resultado fortuito, mas uma obra concebida e construída ao longo de muitos meses por milhares de militantes, simpatizantes e amigos da Festa que lhe chamam sua com propriedade.

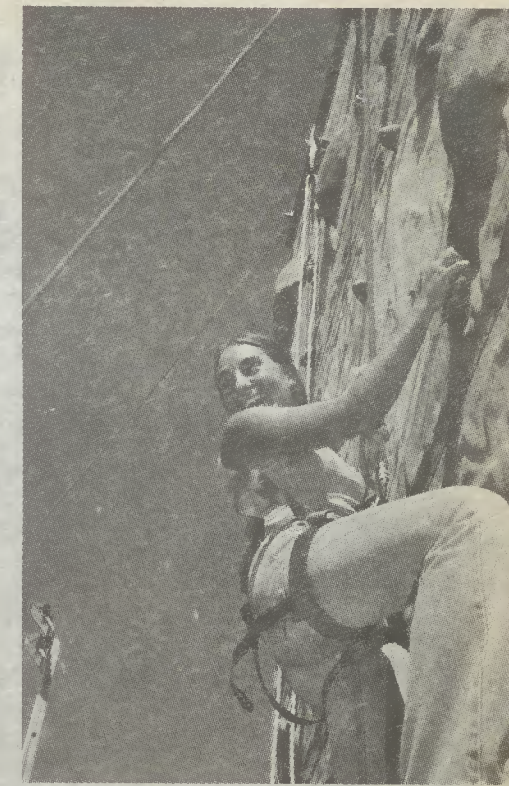


O futuro também se alcança



### Nos palcos e bastidores

Pelos palcos 25 de Abril e 1.º de Maio passou o impressionante número de 437 artistas, entre músicos e pessoal técnico. Mas nestes dois pólos centrais dos espectáculos funcionaram diversas equipas permanentes de produção constituídas por centena e meia de pessoas. O poderoso som do Palco foi garantido pelo melhor equipamento e pessoal técnico existente no nosso país, que teve a tarefa de «domesticar» qualquer coisa como 800 mil watts de som e 10 mil watts de luz.

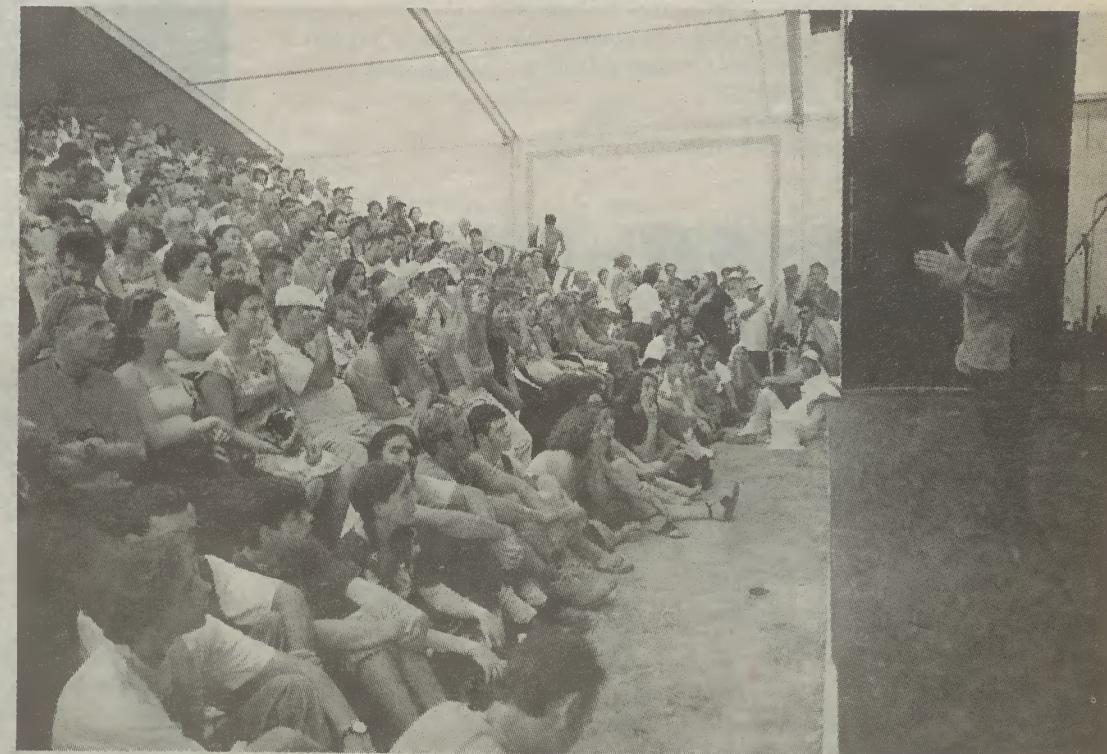


Vista de cima a Festa é ainda maior

No espaço de Setúbal, uma retrospectiva de primeiras páginas do «Avante!» sublinhava momentos da história recente

### Avanteatro

O sucesso de público é facilmente traduzido pela expressão «sala cheia». Em números, estima-se um total de espectadores a rondar os três mil, nas cinco representações aqui realizadas. Nos bastidores e no palco trabalharam cerca de 150 pessoas entre actores e equipas técnicas.



Navegava-se num mar de gente



### Animação de rua

As ruas e avenidas da Festa foram tomadas por vários grupos de animação de rua, desde os tradicionais Bombos de Viana do Castelo, às bandas e fanfarras, uma escola de Samba, artistas circenses e coros alentejanos. No total, a animação envolveu mais de 700 intervenientes.



### Posto de Saúde

Equipado para responder às emergências, o funcionamento do Posto de Saúde foi este ano assegurado por uma equipa de 15 médicos, 60 enfermeiros e 15 administrativos e auxiliares. Em três dias foram assistidas 930 pessoas. Uma frota de ambulâncias esteve permanentemente operacional para acorrer a qualquer ponto do recinto ou transportar doentes mais graves para o hospital.

### Desporto

É uma actividade que tradicionalmente envolve milhares de atletas e visitantes. Este ano contabilizaram-se 707 participações no polidesportivo, espaços do xadrez, damas, tiro, chinquillo, entre outros. O número de visitantes que participaram nas descidas de Slaid e em actividades espontâneas ascendeu a perto de 700. Por seu lado, à Corrida da Festa aderiram mais de um milhão de participantes, dos quais 916 atletas cortaram a meta.



# A dimensão da Festa

## Na cobertura da Festa

Para além do colectivo do «Avante!» e vários colaboradores, entre fotógrafos e operadores de câmara que cobriram a Festa deste ano (cerca de 30 pessoas), acreditaram-se junto do Gabinete de Imprensa cerca de centena meia de jornalistas de dezenas de órgãos de comunicação social nacional e regional.

Mas não foram só jornalistas que registaram a Festa. Na foto, Manuel Freire, artista convidado da Brigada Victor Jara, aponta a objectiva para a enorme assistência que enchia o recinto do Palco 25 de Abril.



## Trabalho voluntário

Oficialmente, as jornadas de trabalho tiveram início em 15 de Junho, repetindo-se todos os fins-de-semana, feriados e fins de tarde até as portas abrirem aos visitantes. Contudo, muitos camaradas passaram praticamente todo o Verão a trabalhar na Atalaia, outros dedicaram-lhe as férias ou parte delas. A juventude foi uma presença constante na fase de construção. Por isso, mesmo antes da Festa abrir, esta já era a Festa da juventude.

Ao todo e por alto, foram contabilizadas quatro mil participações nas jornadas, estimando-se que tenham sido efectuadas mais de 20 mil horas de trabalho voluntário, gastas a erguer, decorar e equipar os cerca de 22 mil metros quadrados de área construída.

Nos dias da Festa, o funcionamento dos diferentes pavilhões, bares e restaurantes foi assegurado por mais de 12 mil voluntários.



## Acampamentos

Com capacidade para 3400 tendas e mais de 10 mil utentes, o parque para visitantes esgotou a sua lotação, o mesmo acontecendo no acampamento interior, que albergou mais de três mil pessoas com tarefas na Festa.



## Novos valores

As novas bandas portuguesas de música moderna actuaram em dois palcos: o de Setúbal e o do Espaço da Juventude. Mais de 120 pessoas, entre músicos técnicos e pessoal de apoio, garantiram a realização dos espectáculos.



## Transportes

Várias foram as carreiras rodoviárias e ferroviárias que funcionaram especialmente para a festa.

O destaque vai para o transporte especial para visitantes com deficiência (com partidas de Loures, Cacilhas, Seixal e Parque da Amorã) e para os «vai-vem» entre a estação fluvial do Seixal e a Medideira e a estação ferroviária da Cruz de Pau e a Festa. Como nota da boa colaboração entre estas empresas e a Festa, refira-se que na noite de domingo, já depois do último comboio ter partido, às 3 horas da manhã, a Fertagus assegurou a ligação a Lisboa com dois autocarros.



# É tempo, e mais que tempo de mudar de política

## Do discurso de Carlos Carvalhas no comício de encerramento da Festa

**A**o recordarmos, nesta edição do «Avante!», alguns dos aspectos mais marcantes da Festa, não deixamos de salientar o seu momento mais alto - o comício de encerramento no qual tomou a palavra o secretário-geral do PCP, Carlos Carvalhas. E de voltar a publicar uma das mais importantes partes do seu discurso, de grande actualidade política. Uma actualidade que se vai manter, pela reclamação que sublinha, dando voz a uma exigência que cada vez mais alastra na sociedade portuguesa, particularmente entre os trabalhadores e todos os que são os mais afectados pela política de direita conduzida pelo Governo PS.

Que ninguém espere que, imitando outros e só para garantir títulos na comunicação social, nos ponhamos aqui a fazer ameaças, ultimatos e desafios ao Governo em relação ao Orçamento para 2001.

Mas o primeiro-ministro, o seu Governo e o PS, em vez de inventarem novos ciclos para uma política velha, sacudirem culpas e responsabilidades e se entreterem com pequenas cosméticas, fariam bem em ouvir e atender a exigência funda e forte que vem da realidade nacional e a reclamação clara que vem pela nossa voz de que **é tempo, e mais que tempo, de mudar de política.**

**É tempo, e mais que tempo, de abandonar a política de direita** que, como já se viu com 10 anos de cavaquismo e cinco de governos do PS, pode nalguns períodos criar ilusões e anestésias, mas na verdade é repetidamente incapaz, incompetente e inadequada para enfrentar os grandes problemas do País.

**É tempo, e mais que tempo,** de pôr termo a uma política que faz com que, em épocas de supostas «vacas gordas», os trabalhadores sejam sempre os que menos beneficiam, mas em épocas de «vacas magras» sejam sempre os mais castigados e agredidos.

**É tempo, e mais que tempo,** de uma política que, com carácter premente e imediato, promova **significativas actualizações extraordinárias dos salários** que,

como os ministros não sentem mas os trabalhadores sofrem por de mais, estão a ser sofregamente comidos pela alta dos preços, e de uma política que combata eficazmente a inaceitável **precarização, insegurança e perda de direitos** que hoje ataca o mundo do trabalho e, com especial brutalidade, os trabalhadores mais jovens.

**É tempo, e mais que tempo,** de - como o PCP de há muito e com carácter pioneiro defende e propõe - concretizar uma **verdadeira reforma fiscal** que, no seu conteúdo real e não em vagas palavras de comício de Guterres, ponha termo a uma escandalosa injustiça fiscal que o PS manteve durante cinco anos, alivie a carga fiscal sobre os rendimentos dos trabalhadores, que são os grandes pagadores de impostos, combata a evasão e a fraude fiscal e tribute devidamente a especulação financeira, o grande capital e os grandes patrimónios e fortunas.

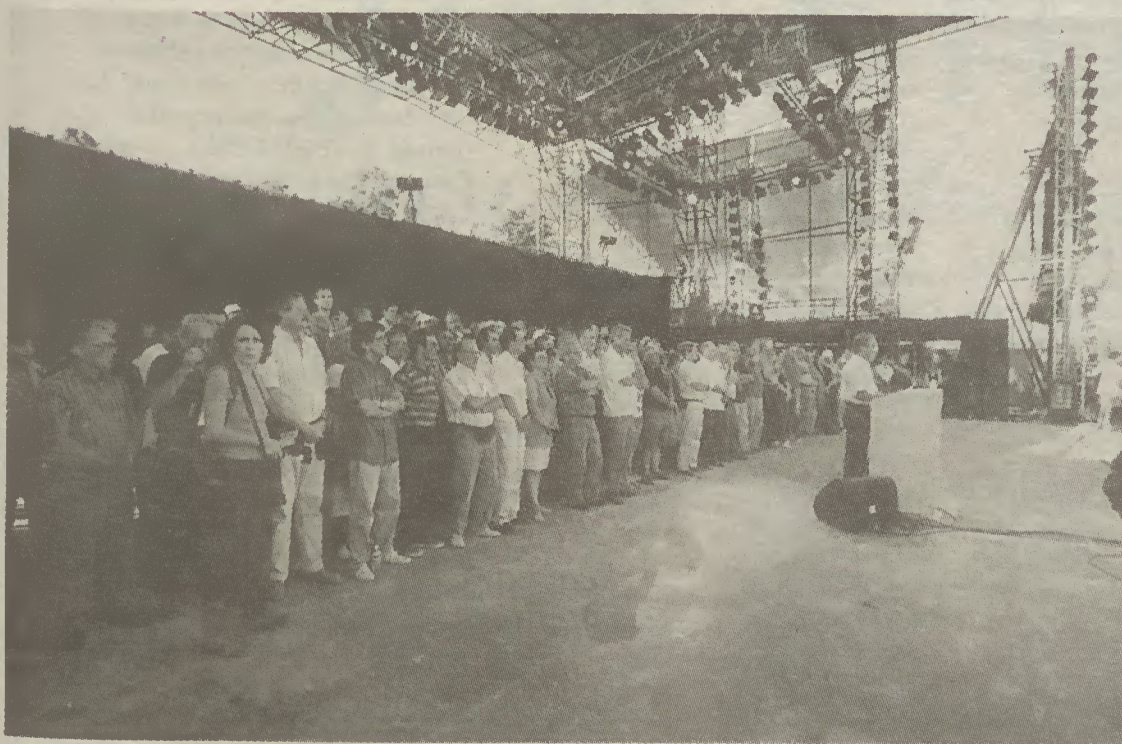
**É tempo, e mais que tempo,** que a **reposição da taxa de bonificação no crédito à habitação** que o Governo agora anunciou, depois de 6 meses de persistência no erro e na insensibilidade face à aflição de tantos milhares de famílias, e que o PCP, como mais ninguém, reclamou desde a primeira hora, tenha **efeitos retroactivos a Abril deste ano.**

**É tempo, e mais que tempo,** de pôr termo a um processo furioso de **privatizações** que, aplaudido pelo PS, pelo PSD e pelo PP, não tem criado um posto de trabalho e tem feito desaparecer muitos, e se tem traduzido num vergonhoso crime e assalto contra o património público e o interesse nacional, num enriquecimento absolutamente ilícito e imoral de grupos económicos e numa via rápida para o controlo por estrangeiros de sectores-chave da economia nacional.

**É tempo, e mais que tempo,** de o PS e o seu Governo abandonarem e desistirem dos seus projectos de **novas leis eleitorais** que seriam um grave retrocesso na democracia portuguesa, liquidariam o direito que os portugueses há 24 anos exercem de eleger directamente as Câmaras Municipais e, nas legislativas, criariam mecanismos antidemocráticos forçando a concentração de votos no PS e PSD.

**É tempo, e mais que tempo,** de enfrentar os graves problemas do **ensino**, de acabar com o «numerus clausus» e de aprovar as propostas do PCP para criar melhores condições aos pais para acompanharem a vida escolar dos filhos e **instituir a gratuidade dos manuais escolares na escolaridade obrigatória.**

**É tempo, e mais que tempo,** de pôr termo à crescente tutela e subordinação da política do Ministério da Saúde pelos grandes interesses económicos, de reorganizar, modernizar e humanizar o Serviço Nacional de Saúde, enfrentar eficazmente o escândalo das





# É tempo, e mais que tempo de mudar de política

listas de espera, e reduzir os gastos do Estado e dos cidadãos com os medicamentos, nomeadamente pela generalização dos genéricos, e doa a quem doer.

**É tempo, e mais que tempo,** de na sequência da aprovação da lei de Bases de Segurança Social fazer uma verdadeira reforma democrática desta área e mobilizar recursos para uma acentuada melhoria das pensões e reformas.

**É tempo, e mais que tempo,** de o Governo mudar uma política de **integração europeia** que não defende os interesses nacionais, arruína a agricultura e arrasta Portugal, passo a passo, para avalizar desastrosas evoluções federalistas para uma «construção europeia» em que os interesses da finança e do grande capital passam sempre à frente dos direitos sociais e que, por muitas e boas razões, precisa radicalmente de outro rumo. Pela satisfação destas justas e inadiáveis reclamações, que, estamos certos, colhem um amplo apoio na sociedade portuguesa e em muitos votantes de outros partidos, o PCP

dará o melhor do seu esforço, tenacidade e capacidade de intervenção.

Mas porque sabemos que raramente alguma coisa boa chega numa bandeja, aqui deixamos talvez a mensagem política mais importante neste momento da vida nacional: a mensagem de que, hoje como amanhã, **o que mais importa e mais vai contar e decidir é a intervenção directa, a opinião e a luta (e quem sabe, o voto) de todos quantos se revejam nestes objectivos** e os considerem justos e necessários ao País.

Na chamada *rentrée* já vimos da parte da direita a reclamação da **remodelação do Governo** e até, mais prosaicamente, a reclamação da **demissão de um ministro**, sendo neste caso, até um dos fundamentos que sustenta a «ameaça» de uma **moção de censura** descoberta durante o mês de Agosto. Reparem que estes não pedem a mudança da política com a qual nas questões mais



essenciais estão de acordo. Não exigem, por exemplo, o fim dos privilégios à banca, ou a melhoria dos salários, ou o fim das privatizações das empresas básicas e estratégicas, mas a mudança dos titulares das políticas e a separação de ministérios.

O problema da segurança dos portugueses reside assim, para a direita, na figura de um ministro e os problemas da economia parece resolverem-se com a separação do Ministério da Economia e Finanças em pastas diferentes.

É o verbalismo oposicionista, com muito barulho, muitas declarações inflamadas, muitas encenações sobre questões parcelares e pontuais, para disfarçar que o que querem não é a mudança mas apenas o poder, para continuarem com outras caras, com outros protagonistas, a política de direita.

Há até um partido muito populista nas críticas ao governo que inclusive chama à tribuna do seu comércio

algumas das vítimas da política que defende e que não lhes diz que foi ele que viabilizou o último Orçamento e com este, as verbas para a segurança, para a saúde e o ensino, para as reformas e para os vencimentos da Administração Pública. É a demagogia a todo o vapor! Pela voz do primeiro-ministro ficámos mais uma vez a saber que este está preocupado com a manutenção do seu Governo, que confunde com estabilidade, mas não está preocupado com a estabilidade de quem tem um trabalho precário, de quem a sofrer reformas de miséria, de quem há meses está numa lista de espera para uma operação cirúrgica, ou de quem foi reformado antecipadamente.

São os mesmos tiques cavaquistas que também se repetem quando há coincidência de votações das oposições (versão PS das forças de bloqueio) e a mesma prática partidária como se vê, por exemplo, nas nomeações para lugares da

Administração Pública a quem tem cartão do PS.

Recorde-se que a promessa de realizar concursos para os lugares de chefia da Administração Pública foi uma das mais sublinhadas e uma das mais demagógicas na campanha eleitoral do PS em 1995!

E o que é que se passou?

**1.º** – A promessa só se concretizou em Lei depois dos cidadãos com cartões rosa, os famosos *boys*, terem ocupado os principais lugares da Administração Pública.

**2.º** – Como não podiam protelar mais a lei, os concursos previstos nesta passaram a ser meros expedientes, concursos com feitiço e com medida para encobrir a continuação das nomeações de facto de membros do PS, como explica o recente caso dos delegados regionais do Instituto Português da Juventude! É uma hipocrisia!

O que se tem passado e o que se passou recentemente com os delegados IPJ.

As clientelas do PS estão à frente das pessoas e do interesse geral do país. É assim na Administração Pública e é assim nas políticas económicas. No essencial, o Governo e direita são os responsáveis pelas consequências da política de concentração da riqueza e pelos problemas em que o País está enredado: défice monumental das contas externas, que já se situam ao nível de quando o país esteve sob a batuta do segundo programa do FMI; crescimento económico inferior ao da média europeia, o que significa que o País não se aproxima em termos reais da média europeia, antes se afasta; crescente endividamento das famílias e das empresas, quebras da produção industrial e crise na agricultura e nas pescas. Com a política de privilégios para as actividades bancárias e financeiras e para os grandes grupos económicos; e com a política de menino bem comportado na União Europeia, o País vai assistindo à fragilização e à liquidação do seu aparelho produtivo e a factos escandalosos como vimos neste mês de Agosto, ao serem enterradas milhares de toneladas de citrinos algarvios quando eles faltam em tantas mesas de famílias carenciadas! Isto é inaceitável.

É esta política que vem aumentando o mal-estar, o descontentamento e a preocupação com o futuro de tantos portugueses e portuguesas e que é por isso mesmo também contestada por muitos membros do PS.







Jon Fromer,  
nos bastidores  
do Palco  
25 de Abril,  
em 1999

“Os jovens estão muito mais abertos às ideias de esquerda, às ideias comunistas do que há 10 anos. Percebem que o capitalismo domina o mundo e quais as consequências disso. Vêem que o Bill Gates tem mais dinheiro do que países inteiros”

● Isabel Araújo Branco

# Jon Fromer

## A música e a política no mesmo coração

**D**epois do sucesso de 1999, o cantor folk norte-americano Jon Fromer voltou este ano à Festa do Avante! para várias actuações, trazendo consigo outros músicos membros da Freedom Song Network, uma organização que organiza espectáculos em greves e manifestações. Assumindo-se comunista, Fromer fala da Festa, das suas lutas e do crescimento da esquerda nos EUA.

**Avante!** – A música tem um papel fundamental na tua vida. Que mensagem procuras transmitir?

**Jon Fromer** – A música dá espírito à luta. Há um cantor muito famoso que diz que, se estiveres numa cela de prisão com um grupo de pessoas e entrar um guarda, aquele espaço pertence ao guarda. Mas, se estiveres nessa cela a cantar e um guarda entrar, a cela pertence a quem está a cantar. A música dá-te esse poder. Eu canto para inspirar aqueles que lutam, para os motivar a continuar. Mas canto também para fazer as pessoas pensar, chegar aos seus corações. Por outro lado, as canções que canto

ajudam a preservar a História. Há lutas importantes que não aparecem nos livros de História nem nos jornais, e eu canto canções que nasceram no seio desses movimentos para, de alguma forma, ensinar História.

– Quais as tuas maiores preocupações hoje em dia? Nos espectáculos falaram de racismo, direitos dos imigrantes, solidariedade com os trabalhadores...

– Eu faço muitos espectáculos em greves e manifestações. Os comunistas estão ligados a tudo. No fundo, é só uma luta que envolve toda a humanidade. Não tenho uma só luta, faço parte de muitos movimentos e procuro fazer uma ligação entre eles.

– Como classifica a actual situação social e política dos EUA?

– Estamos a atravessar uma fase muito entusiasmante. Durante vários anos, durante os governos de Reagan, Bush e ainda de Clinton os movimentos de oposição de esquerda estavam fracos e, de repente, nos últimos dois anos surgiu uma grande consciência política nos jovens.

– O que motivou esse crescimento?  
– Em parte, devido à música rap.

– Mas o rap surgiu nos anos 80...

– Sim, mas fez parte da «educação» destes jovens desde pequenos. Há muito rap mau, mas também há muito rap político, anticorporativo. Na Califórnia, por exemplo, os adolescentes podem ser julgados como adultos. As prisões estão cheias de jovens, em especial negros e latinos. Um negro em cada quatro com menos de 30 anos está na prisão ou em liberdade condicional. Isto está a destruir as comunidades, mas ao mesmo tempo elas dizem: «Chega! Construam escolas e não prisões!»

As pessoas estão cada vez mais atentas aos monopólios empresariais que procuram comandar o mundo, sem consultar a opinião de ninguém.

– Como é que esta nova onda se manifesta na prática?

– Há muitas manifestações e marchas nas ruas. Por exemplo, quando se procura restringir a entrada de imigrantes no país e diminuir os seus direitos, cada vez mais gente se insurge.

– Este novo movimento pode traduzir-se em números eleitorais?

– A nível local, sim, muito. A nível nacional é mais difícil. Nós não temos um sistema de representação proporcional como vocês, por isso «o vencedor fica com tudo». Mesmo que as pessoas queiram votar por exemplo num candidato dos «Verdes», têm medo que um candidato da extrema-direita seja eleito por causa disso. É por isso que votam no Al Gore, por não ser tão mau como o outro, mesmo que acreditem nos «Verdes».

– Mas a abstenção é muito grande.

– Os dois principais partidos - o Democrático e o Republicano - estão ambos muito ligados às grandes empresas, são os dois a favor da pena de morte, da «guerra das estrelas»... São controlados pelo «big money», pelo «dinheiro graúdo». E, se não forem pressionados pelas populações, tornam-se ainda piores. Há apenas pequenas diferenças. O Al Gore é a favor do aborto, o Bush contra.

– Os partidos de esquerda estão a crescer?

– Sim. Por exemplo, o actual candidato dos «Verdes» tem mais votos do que algum outro alguma vez teve. Os jovens estão muito mais abertos às ideias de esquerda, às ideias comunistas do que há 10 anos. Percebem que o capitalismo domina o mundo e quais as consequências disso. Vêem que o Bill Gates tem mais dinheiro do que países inteiros.

– Como vêes o papel dos Estados Unidos no mundo?

– É assustador. E, nos EUA, ainda há muitos ignorantes, pessoas que não sabem nada sobre o resto do mundo. A mensagem que procuram passar é que «somos os melhores» e não falam nas crianças que morrem no Iraque...

– Os media não falam sobre isso?

– Não, nada. Trabalhei na comunicação social durante muito tempo e há profissionais progressistas, mas os media estão controlados e mantêm as pessoas na ignorância. A imprensa é livre para os donos. Tentámos criar uma imprensa alternativa, mas é muito difícil porque implica muito dinheiro.

“Chego aqui e vejo milhares de pessoas, bandeiras vermelhas em todo o lado... isto é o céu para mim. Ainda agora cantámos a «Internacional» e toda a gente se levantou com o punho no ar. Comecei a chorar... Esta Festa é um dos momentos altos da minha vida”



O músico no Auditório 1.º de Maio, este ano: «Cantar aqui esta noite foi simplesmente fabuloso!»





“Até aqui, as lutas baseavam-se essencialmente em princípios humanistas, mas agora têm por trás uma consciência de classe”

– Quais os objectivos do Freedom Song Network e que actividades promove?

– A Freedom Song Network é uma rede de músicos de São Francisco, que existe juntamente com outras redes. Procuramos promover a cultura de esquerda. Actuamos em greves e manifestações. Em São Francisco temos mais de cem músicos envolvidos.

– Como correu a experiência em Seattle, durante a Conferência da Organização Internacional do Comércio?

– Em primeiro lugar, uniu muitos grupos que até aí nunca se tinham juntado: sindicatos, movimentos ambientais, organizações juvenis, comunistas, anarquistas, religiosos. Todos eles tinham uma consciência anticorporativa, o que é novo no nosso país. Até aqui, as lutas baseavam-se essencialmente em princípios humanistas, mas agora têm por trás uma consciência de classe.

A polícia exagerou na reacção às nossas iniciativas, agredindo mesmo os habitantes locais que só queriam fazer o trajecto entre a casa e o emprego. As pessoas ficaram chocadas e começaram a interrogar-se sobre o que estava a acontecer, o que deu mais força ao nosso movimento.

Os *media* focaram a pequena minoria de manifestantes que usaram a violência. E mesmo essa violência foi dirigida especificamente a edifícios de grandes empresas. Mas a esmagadora maioria das pessoas era contra a violência. Apesar de tudo, foi uma grande vitória que inspirou todo o país.

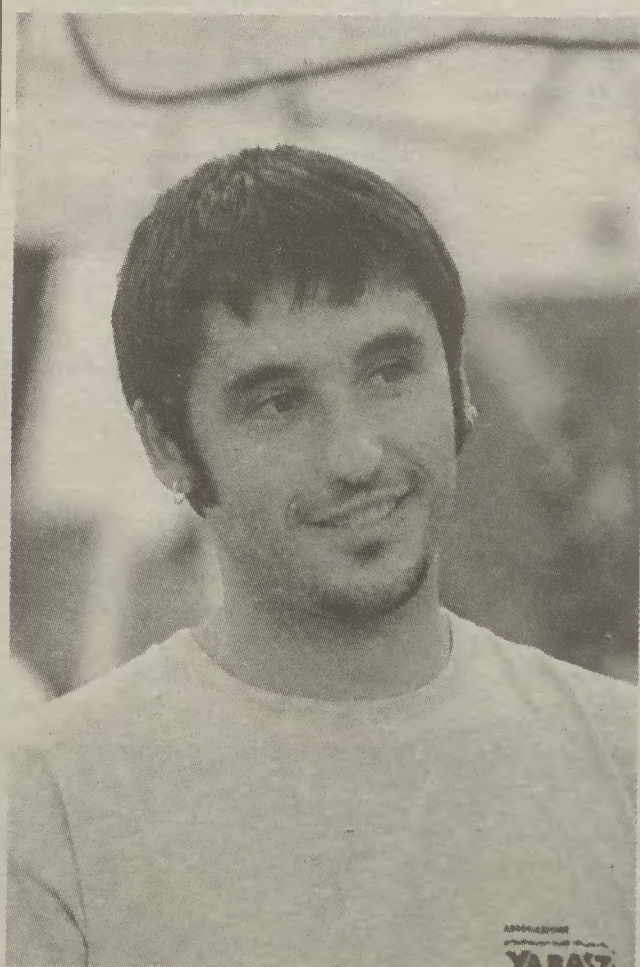
– O que pensa da Festa do Avante!?

– Cresci numa família de comunistas, que foi presa e teve de se esconder nos anos 50. Os comunistas são respeitados e influenciam muita gente, mas somos um pequeno grupo. Então, chego aqui e vejo milhares de pessoas, bandeiras vermelhas em todo o lado... isto é o céu para mim. Ainda agora cantámos a «Internacional» e toda a gente se levantou com o punho no ar. Comecei a chorar...

No ano passado, regressiei a casa tão inspirado. Este ano voltei com mais gente. Acho a Festa maravilhosa, o espírito, as pessoas, a música. Tem sido tão bom para nós. Obrigado, obrigado, obrigado! Esta Festa é um dos momentos altos da minha vida. Cantar aqui esta noite foi simplesmente fabuloso!

# Hechos contra el Decoro Reflexão global

Antes da banda espanhola «Hechos Contra el Decoro» actuar na Festa do Avante!, os vocalistas Minsä e Ruso falaram com o nosso jornal sobre música, globalização e a associação que formaram, a «Asociación Cultural Rabiamuffin». E contam como encontraram José Saramago nas Canárias.



«Somos músicos que vivemos neste tempo e participamos numa História, estamos conscientes de onde estamos e de quem somos», diz Ruso

“Está-se a construir a sociedade da hipermetropia: vemos ao longe, mostram-nos como morre gente de fome em África, mas o que está perto, a intervenção directa sobre o nosso país está vedada. É esta a grande função das organizações de voluntariado”

Avante! – Muitos grupos têm como objectivo divulgar a sua música, vender discos e alcançar a fama. Vocês têm preocupações mais sociais e políticas. Sem desprezar a música, as letras são fundamentais nas vossas canções. Que mensagens procuram transmitir?

Ruso – Nós somos músicos. Às vezes, em Espanha, parece que os «Hechos» são diferentes dos outros músicos, devido à carga política explícita e à atitude do grupo. Somos músicos que vivemos neste tempo e participamos numa História, estamos conscientes de onde estamos e de quem somos.

A única coisa que fazemos é utilizar a música como um canal, como um meio de expressão e abrir uma via para a comunicação com as pessoas o mais directa possível. Nesse sentido, o que pretendemos é fazer as pessoas reflectir sobre a sociedade em que vivem utilizando a música.

Mas, o nosso primeiro objectivo é puramente material. Para nós é importante poder viver do nosso trabalho, sem parar de tocar e sem ter um trabalho precário como empregado de hotel ou pedreiro.

Minsä – Procuramos viver a música como um valor, mas queremos viver dela dignamente.

– Mas as vossas canções têm mensagens explícitas. Quais são?

Ruso – Hoje em dia, a nível mundial, existe uma hegemonia da direita cultural. As políticas neoliberais têm um reflexo na cultura. Nós procuramos romper essa lógica trazendo outras mensagens.

apenas o acto de votar, e isso não é a participação democrática nos assuntos sociais.

– O filme «Barrio», realizado por Fernando León e com banda sonora da vossa autoria, é um reflexo dessa realidade?

Ruso – «Barrio» é um reflexo da situação dos jovens em Espanha, da classe trabalhadora, completamente perdida.

– Pode dizer-se que vocês fazem parte da nova geração de canção de protesto?

Minsä – É uma canção directa, que procura que as pessoas reajam. Por isso, acho que sim.

– Como vêem o mundo hoje, incluindo a Espanha e a Europa?

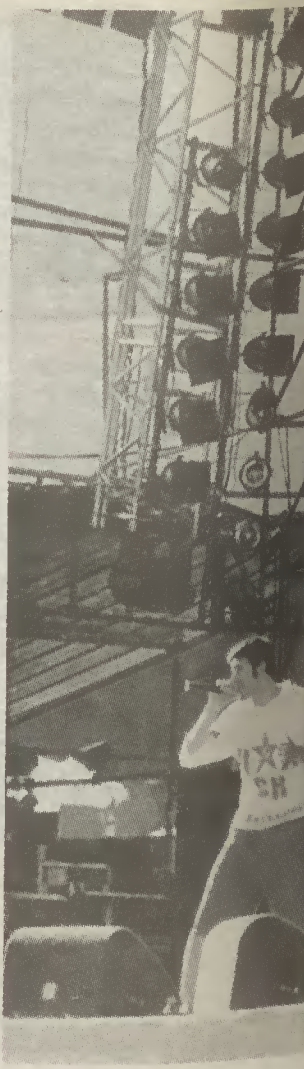
Minsä – Bastante negativa... Ruso – Para mim, a situação em Espanha é terrível. A questão do País Basco serve para legitimar toda a classe política e o Estado espanhol. A Espanha é um país em que a média de mortes por acidentes laborais é de três pessoas por dia, onde há uma grande violência física sobre as mulheres e onde chegam milhares e milhares de imigrantes que são reprimidos e que não têm qualquer direito de cidadania.

Num país com todos estes problemas só se fala do País Basco. Fechou-se toda a possibilidade de reflexão sobre o quotidiano, sobre os problemas reais.

Na Europa, é preocupante a construção daquilo a que chamam União Europeia com base na economia, como se está a construir uma Europa do capital, opulenta, egoísta. É muito evidente o que as pessoas que vêm de África e da Europa de Leste estão a viver, como são tratadas, como são excluídas.

– Qual o papel dos *media* neste processo?

Ruso – Os meios de comunicação têm um poder muito importante, porque são os encarregados de construir a subjectividade das pessoas. A hegemonia do pensamento único faz-se através dos *media*. Como banda, conhecemos muito bem isto. É como a moda: se não estás de acordo com ela, não existes. Mas, se estás na moda, estás a deixar-te levar, não estás a controlar o sentido da tua vida. Com a comunicação social acontece o mesmo: se apareces, eles vão



sempre dizer de ti o que querem. Mas, se não apareces, não existes. Nós procuramos um equilíbrio, porque se não apareces nos *media* as pessoas não te conhecem.

– Vocês tiveram problemas com a comunicação social?

Ruso – Sim. A Rádio Nacional de Espanha censurou-nos uma vez, num concerto em directo. Tivemos problemas também por ter um selo discográfico do País Basco, a «Esan Ozenki». Procuram criminalizar-nos por isso.

– Numa altura em que se fala muito de globalização (no bom e no mau sentido), pode dizer-se que a vossa banda é o bom exemplo, tendo elementos de proveniências tão diferentes, assumindo diversas influências musicais e assumindo preocupações que englobam todo o mundo?

Minsä – A mescla cultural é muito positiva, muito enriquecedora, cada um leva o seu mundo consigo. Estamos a construir uma coisa em conjunto, com um pouco de todos.

Ruso – A globalização não é mais do que uma transformação do imperialismo. Esta semana, ficou bem patente na Colômbia para quem tinha algumas dúvidas. Os EUA acabam de desembolsar milhões de dólares para acabar com a guerrilha comunista usando o pretexto do narcotráfico. O imperialismo enriqueceu-se com todas as transformações a nível tecnológico que revolucionaram o mundo das comunicações. O que acontece é que é tão globalizado como o capital.

O que a globalização tem de bom é que se abriu uma era de aprofundamento do direito de mestiçagem. Cada vez se produzem intercâmbios mais vastos e mais ricos. Em Espanha, a chegada de imigrantes da África subsaariana gerou nos bairros populares uma experiência rica a nível cultural. Nós, como banda, pertencemos a essa parte da globalização. No grupo há peruanos, italianos, argentinos, espanhóis... e a sua identidade nasce nesse intercâmbio cultural.

– Maioritariamente, quem é o vosso público?

Minsä – São jovens. Acho que os jovens em geral têm um problema de identidade. Recorremos a todos os que têm ideias e se identificam com

as nossas canções e a nossa forma de pensar.

– É uma minoria que se alarga?

Minsä – Sim, felizmente...

Ruso – Fizemos-nos crer que o conceito de maioria e minoria é um conceito quantitativo, mas na realidade é qualitativo. A maioria é sempre os de cima, mas nós, os de baixo, somos mais. Sempre fomos mais e sempre fomos minoria.

O nosso público está muito ligado a movimentos sociais de carácter juvenil. São pessoas que fazem parte de colectivos de freguesia, de desempregados, de ocupação de casas abandonadas. Mas nós procuramos destruir o conceito de público, ir mais além, fazer uma comunicação o mais horizontal possível.

– Acham que as pessoas ficam mais atentas ao mundo depois de conhecer o vosso trabalho?

Ruso – Não sei, nem me preocupo demasiado com isso. Creio que tudo serve para alguma coisa e o que fazemos tem muitas consequências que não conseguimos controlar. Há muita gente no campo cultural que procura ter um discurso diferente, de esquerda. Hoje em dia, exactamente por causa dos meios de comunicação, a música e a cultura são importantíssimos.

– Que impressão têm da Festa do Avante!?

Ruso – Só posso tentar comparar com a Festa do Partido Comunista de Espanha. Vi pouco, mas basta olhar para perceber que aqui em Portugal existe maior potencial a nível de pessoas e infra-estruturas. A primeira impressão é que aqui o Partido Comunista está bastante mais forte.



«A mescla cultural é muito enriquecedora, cada um leva o seu mundo consigo», diz Minsä, referindo as diferentes proveniências dos membros da banda

“A questão do País Basco serve para legitimar toda a classe política. Só se fala do País Basco. Fechou-se toda a possibilidade de reflexão sobre o quotidiano, sobre os problemas reais”

Asociación Cultural Rabiamuffin

## Encontrar Saramago no caminho

– Falem-me da Asociación Cultural Rabiamuffin, da sua formação, objectivos e actividades.

Ruso – Pode dizer-se que a associação é o grupo. Surgiu para dotar o grupo de uma infra-estrutura legal para funcionar. A nossa primeira actividade foi a edição de um disco de apoio aos Zapatistas, cujos lucros vão integralmente para a construção de dois projectos em Chiapas nas áreas da educação, saúde e comunicação. Estamos já a trabalhar no outro projecto: uma viagem a Marrocos para realizar uma série de concertos e um documentário para televisão sobre a situação do Magreb e toda a problemática da imigração. Estamos a colaborar com vários cineastas espanhóis para ver se o trabalho avança neste Outono.

– Como surgiu José Saramago no projecto do CD de apoio aos Zapatistas?

Ruso – É curioso. Há algum tempo tocámos num festival das Ilhas Canárias, em que José Saramago participou através de umas conferências. Numa noite, estava um senhor mais velho na camioneta que nos ia levar para o hotel. Quando o vi e me dei conta de quem era... Ainda não tinha recebido o Nobel... Foi o primeiro contacto que os «Hechos» tiveram com Saramago e passámos toda a viagem a conversar. Ele tinha estado no nosso concerto.

– E tinha gostado?

Ruso – Disse que sim, mas que havia muito ruído... Nós editamos o CD juntamente com a CGT (Confederação Geral de Trabalhadores) e José Saramago foi contactado pela Frente Zapatista.

– Que resultados teve o disco?

Ruso – Mais do que vender, pretendia-se a repercussão mediática. Falou-se muito, saiu na imprensa, na televisão, na rádio. Num mês e meio venderam-se 4 mil discos e teve de se fazer uma nova edição. Foram superadas as expectativas. Foi muito bom.

“A minha maior preocupação é a centralidade do mercado na vida das pessoas. O grande problema é que o social e o político foram relegados para segundo plano, para trás da economia. O mercado governa as nossas vidas”



Colômbia

● Miguel Urbano Rodrigues

# O medo de um novo Vietname

**N**a Colômbia aconteceu o que se esperava. Os historiadores registarão futuramente que no final de Agosto do ano 2000 a visita do Presidente Clinton a Cartagena de Índias ficou a assinalar o início da intervenção militar dos EUA naquilo que era até então um grave conflito interno que assumirá as proporções de guerra civil.

É hoje relativamente fácil esboçar o quadro dos acontecimentos que conduziram a Colômbia à caótica situação em que se encontra. Mas fazer previsões sobre o desfecho da guerra que ali se desenvolve seria uma irresponsabilidade.

Clinton chegou anunciando que era um mensageiro da paz. Mas trouxe com ele a mensagem da guerra. O ramo de oliveira era falso.

As Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia – FARC-EP – responderam à guerra com a guerra. Desencadearam nos dias seguintes, em escala nacional, uma ofensiva de grandes

Força Aérea - não identificasse sequer uma montanha... As FARC afirmam ter derrubado o aparelho.

## Temor brasileiro

A escalada na Colômbia coincidiu com a Cimeira da América do Sul, convocada por iniciativa do Brasil para debater a temática da integração. Foi o grande assunto nas conversações informais, embora tenha sido também debatido no plenário.

Logo à chegada, o venezuelano Hugo Chavez manifestou-se preocupado, prevenindo que a visita de Clinton contribuiria para uma escalada de violência, provocando a fuga maciça de colombianos para os países com os quais a Colômbia tem fronteiras. Idêntica preocupação foi

O comandante Andres Paris, porta-voz da organização, numa conferência de imprensa, informou que as FARC pretendem discutir no dia 22 de Setembro com os representantes do governo a fórmula de negociações sobre um eventual cessar-fogo. O diálogo terá mais uma vez por sede a zona desmilitarizada, uma região maior do que a Bélgica onde o poder real é exercido pelas FARC. Estas desejariam regressar à mesa das negociações no contexto de uma trégua.

Não se trata de uma iniciativa nova. As FARC, em envelope selado entregue há dois meses em Bogotá ao presidente Pastrana, tinham proposto um cessar-fogo que permitisse a ambas as partes negociar numa atmosfera adequada. A resposta do Presidente foi a formação dos batalhões especiais, a vinda dos boinas verdes americanos, a dinamização do Plano Colômbia. Esse Plano escancarou as portas à intervenção. O material recebido dos EUA fez da Colômbia, de um dia para outro, a primeira potência militar da América Latina. Por si só, a frota de helicópteros tem um potencial de fogo superior a todas as congêneres somadas dos países sul-americanos.

Uma das primeiras consequências da generosa ajuda militar dos EUA à Colômbia foi uma imediata corrida armamentista em muitos países latino-americanos. No Chile, o Exército, a Marinha e a Força Aérea já se reuniram com o presidente Lagos para lhe pedir novos e caros armamentos. A Armada, por exemplo, quer agora investir mais de 1600 milhões de dólares em novas fragatas. Até no Equador os militares exigem mais armas. Na Argentina, considerada pela NATO «aliada fora da zona», os generais também começam a apresentar as suas reivindicações.

## Auge no narcotráfico

O governo de Pastrana, insensível ao ridículo, insiste em repetir que o poderoso arsenal recebido dos EUA e por eles financiado se destina ao combate ao narcotráfico.

A argumentação utilizada, em vez de o favorecer, contribui para aumentar o descrédito da Administração, cujo prestígio aumenta à medida que se confirma aquilo que o povo tinha por inevitável: a escalada da violência.

Os factos demonstram, aliás, que a ajuda norte-americana no combate às drogas produziu até agora, pelo menos na Colômbia, efeitos opostos aos pretendidos. Nos últimos cinco anos, os EUA aplicaram no país um plano antidrogas cujo malogro foi reconhecido pela comunicação social. Sob a supervisão da famosa Drug Enforcement Authority (DEA), foram submetidos a fumigação mais de 950 mil hectares de plantações de coca e de papoulas. O custo por hectare dessas operações rondou os 30 mil dólares.

Qual foi o resultado?

No início da operação havia no país uns 12 mil hectares de plantações ilícitas. Hoje, segundo uma estimativa oficial, essas plantações ocupam 120 mil hectares, uma área dez vezes maior. No terreno ecológico, o custo da agressão ao ambiente é incalculável.

Entretanto, a exportação de cocaína e

heroína para os EUA, primeiro consumidor mundial, aumentou.

Milhares de pequenos proprietários não podem utilizar as suas terras, agora envenenadas pelos desfolhantes tóxicos. Sobretudo nas áreas do Putumayo e de Caquetá, esses camponeses foram obrigados a vender por preço vil as suas quintas aos grandes fazendeiros, cujas *haciendas*, com poucas exceções, não foram pulverizadas e continuam a produzir coca.

O governo e os militares têm conhecimento da engrenagem. A CIA também. Mas ambos simulam ignorar a realidade. Porque o inimigo a abater é outro: as FARC-EP.

## A serenidade das FARC

Na Venezuela, no Brasil, no Peru, no Equador e no Panamá há um compreensível temor pelas consequências do pânico das populações colombianas nas áreas que serão mais duramente afectadas pela escalada de violência, se esta prosseguir, em consequência da aplicação do Plano Colômbia.

A imprensa norte-americana e o general Fernando Tapias, comandante-chefe das Forças Armadas, numa tentativa de atribuir à guerrilha intenções que ela nunca manifestou, têm insinuado que as FARC se preparam para instalar «santuários» em países vizinhos, promovendo assim um alastramento da guerra.

Até agora, essas acusações encontram pouca receptividade no Brasil e na Venezuela, os vizinhos cuja posição mais preocupa Washington.

As FARC-EP, reagindo a essa campanha, convocaram uma conferência de imprensa em San Vicente de Caguan, na zona desmilitarizada. O comandante Jairo, falando pela Organização, afirmou que nunca foi sequer considerada a hipótese de um alargamento das frentes de combate a qualquer país vizinho. Denunciou a manobra como uma calúnia.

Quanto às eleições municipais de 29 de Outubro, outro tema que tem motivado especulações sobre a atitude da guerrilha, Jairo informou que as FARC não intervirão no processo das autárquicas. Os candidatos poderão realizar sem entraves as suas campanhas nas regiões controladas pela guerrilha, com excepção daqueles que são comprovadamente responsáveis de crimes contra o povo.

A guerra, entretanto, prossegue.

O povo colombiano quer a paz. Por ela se manifestou maciçamente nas ruas ao protestar contra a visita de Clinton.

O sistema de poder norte-americano, responsável pela actual escalada, não parece, porém, disposto a deter a máquina que pôs em movimento com a cumplicidade da oligarquia colombiana.

A atmosfera de apreensão que dominou a Cimeira de Brasília é expressiva do receio de que as chamas ateadas na Colômbia ultrapassem as fronteiras daquele país, abrasando o Continente.

Washington, mais uma vez, actua como aprendiz de feiticeiro. É significativo que em diferentes capitais da América Latina, sindicatos, intelectuais, estudantes, organizações camponesas, coincidam no temor de que o Plano Colômbia se transforme em prólogo de um novo Vietname.



proporções respondendo à intervenção estrangeira que visa a sua destruição.

Bases do exército, 40 quartéis da Polícia, instalações estratégicas foram na primeira semana de Setembro atacadas em doze departamentos, com especial incidência em Guajira, Cundinamarca e Quindío.

Através dos comunicados é impossível avaliar o número de mortos e o montante dos danos materiais. Foram certamente muito elevados. Mas a própria imprensa de Bogotá é a primeira a reconhecer que, o alto comando das Forças Armadas colombianas mais numa vez se equivocou ao anunciar que as FARC se encontravam debilitadas e sem condições para lançar ataques de grande envergadura.

Observadores militares admitem que as FARC dispõem actualmente de uns 15 mil combatentes.

A queda de um dos cinco AC-47, os aviões-espias fornecidos pelos EUA, provocou desalento entre os militares. Segundo o ministro da Defesa, o aparelho chocou com uma montanha quando cumpria uma missão operacional numa área onde a guerrilha acabava de bombardear uma base de comunicações. Mas ninguém acredita que um avião mágico concebido para detectar até a respiração humana - como diziam os generais da

expressa pelo presidente do Brasil e pelo seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Luís Filipe Lampreia. Este, numa entrevista a «El País», de Madrid, afirmou que o conflito armado na Colômbia «constitui neste momento a mais séria ameaça à segurança brasileira». Em Washington essas declarações caíram mal. Sobretudo porque Lampreia, um político muito conservador, dissipou dúvidas sobre a posição brasileira.

«Já dissemos claramente», sublinhou «que o Brasil não participará numa força internacional. Mais, somos contrários à intervenção de uma força militar estrangeira na Colômbia.» Foi categórico: «Não queremos envolver-nos nesse conflito. Nem sequer queremos que sejam usadas as infra-estruturas do Brasil, como as pistas aéreas, por exemplo, nem directa nem indirectamente (...) E já o dissemos publicamente ao governo dos EUA.»

## FARC apelam ao diálogo

Contrariando previsões da direita colombiana, as FARC-EP, enquanto intensificavam as acções da guerrilha em resposta à intervenção norte-americana, reafirmavam o seu desejo de paz.



**A** Constituição Brasileira, aprovada em 1988 quando o país destronava os ditadores e sonhava com a liberdade, lançou algumas sementes de democracia. Uma delas foi a criação do Ministério Público Federal com autonomia funcional.

Dotado de promotores de justiça incumbidos da *defesa da ordem jurídica, do regime democrático e dos interesses sociais e individuais indisponíveis*, o Ministério Público Federal passou a existir como um poder que não se submete aos três outros responsáveis pela condução da vida nacional: o executivo, o legislativo e o judiciário. Hoje, diante da podridão que mina os altos escalões da elite dirigente com a proliferação do desvio de verbas e os desmandos na administração do património nacional, começa a surgir um verdadeiro mal-estar diante desta *anomia* num regime *elitista*, um *incrível indício de democracia*, representado por um organismo oficial que *procura ouvir os apelos da sociedade e combater a impunidade que protege a elite*.

### Novela enfadonha

A novela brasileira mais prolongada, que tem a peculiaridade de substituir as personagens sem nunca abandonar os figuras da elite como actores principais, tem como tema as *várias faces do crime* - dos de colarinho branco aos hediondos - e a *impunidade soberana*. A justiça, como sempre, é cega (dizem que surda, muda e burra, na actual conjuntura nacional). Somadas tais características à falta de equipamento, salários condignos, formação cívica e outras, das forças policiais e, mais, às tradições de domínio de uma elite oligárquica que há 500 anos se renova no poder, as várias modalidades criminosas



# Indício de democracia assusta a elite

• Zillah Branco

campeiam livres sob a capa da modernidade globalizada. É o *faroeste* nacional recheado com esquemas políticos e financeiros complicados.

A população, espectadora e animada por um exercício mental de detective policial, torce contra o bandido, descobre as evidências do crime e os indícios de falência do sistema institucional, mas acaba esquecendo o enredo quando o processo, levado adiante pelos poderes constituídos, passa para milhentas comissões e é enterrado em pesados *dossiers* nos profundos arquivos, verdadeiras catacumbas, dos três poderes. De um momento para outro vê o antigo bandido reaparecer promovido a assessor de uma função importante na vida do país, ou numa empresa pública que vai ser preparada para ser privatizada ou ainda num banco salvo da falência pela gentileza do governo. Fica em dúvida se será aquele mesmo o bandido de antes ou alguém parecido. Dizem que a memória do povo é curta. Pudera, são tantos os bandidos... usando roupas e carros semelhantes... que convivem com a elite como um parceiro normal...

### Pedrinhas democráticas no sapato

Os jovens promotores gerais da República, que acreditam e apostam na utopia democrática, ouvem o povo, lêem a imprensa, assistem às entrevistas televisionadas, a partir do que formulam as suas dúvidas em relação aos processos que circulam lentamente do parlamento para os tribunais e destes para o governo, constituindo tema de debates e de produtos da *media* como novelas sem fim.

Com mais memória que o povo, sobretudo porque o seu tra-

balho é coleccionar tais histórias, usam os seus recursos para encontrar o fim da novela, levar o bandido à cadeia e o produto do roubo aos cofres públicos. Procuram as *provas* daquilo que era *indício*, solicitando informações consideradas sigilosas - contas bancárias, ligações telefónicas, balanços financeiros, declarações de imposto, exportação de capitais, aquisição de propriedades, etc. - até provarem por *a + b* que o bandido é o mesmo mocinho com quem a elite convive.

Neste percurso há vários *calhaus*, verdadeiras *pedreiras* (no dizer de uma promotora), desde a morosidade com que os organismos do Estado respondem às solicitações até às carências físicas do Ministério Público Federal (por exemplo, em São Paulo as três procuradoras da República que estão reunindo provas contra o juiz Nicolau dos Santos Neto, procurado internacionalmente por ter engolido mais de 170 milhões de dólares incautamente entregues pelo Governo Federal para construir um edifício orçado em 13 milhões, para o seu trabalho contam apenas com um secretário e dois estagiários). Nem imagino como podem acompanhar a avalanche de alta bandidagem que age no Estado mais rico do

país, acobertada por uma teia de altos funcionários que *nada viram*, e de outros que *assinam sem ler*.

Como aqueles promotores não podem pertencer a qualquer partido político nem contar com uma associação de apoio voluntário, movem céus e terra para manter aberta uma porta à participação popular capaz de formular as suas denúncias contra a *pétrea* barricada da

elite que controla todos os demais poderes constitucionais. E, apesar das dificuldades, o Ministério Público Federal tem conseguido realizar o seu trabalho com dignidade e altíssima produtividade desde o *empeachment* do ex-Presidente Collor de Melo.

Desde aquele momento em que a dignidade nacional gozou de prestígio público, parece ter sido detonado um ponto fraco do poder no Brasil de onde escoo um poluído visco corrupto que contamina uma infinidade de pessoas importantes e apodrece rapidamente o sistema. Assim como assistimos todos os dias a assaltos nas ruas, com uma frequência equivalente ocorrem os crimes no aparelho do Estado - desvio de verbas, criação de empresas-fantasmas, uso de influência oficial para benefício pessoal, mentiras públicas, destruição de empresas nacionais rentáveis, escoamento de informações oficiais para beneficiar empresas privadas, falsidade ideológica, ligações com o mundo do crime e responsabilidade em extorsões, mortes, envio de fortunas imensas para contas de pessoas no estrangeiro, etc., e ainda, para coroar, a impunidade que se beneficia da cegueira da justiça e dos governantes.

### Final feliz de novela chata

De vez em quando um bandido - deputado federal ou estadual, vereador ou prefeito, assessor de banqueiro ou advogado da Previdência Social - vai para a cadeia para alegria popular. Fica em cela privada, com todo o conforto devido ao seu *status*, recebendo visita de amigos, familiares e prestadores de serviços pessoais. Os carcereiros preferem perder o emprego a ter que assumir esta função dizendo *correr risco de vida* (como no caso actual do mafioso ex-deputado

federal Ildebrando Pascual). Em outros casos o importante ladrão vai para a cadeia mas sai para esperar em casa o andamento do processo. Se for esperto foge à noite (como o banqueiro Cacciola que agora vive em Roma ou o juiz Nicolau, referido acima, que está entre a Baixada Santista e Miami) porque a polícia não pode entrar na morada do acusado com ele lá à noite e, depois de amanhecer não consegue ver por onde foram. As explicações são várias, quase sempre apoiadas na burocracia e na interpretação esdrúxula das leis.

Diante deste surrealismo dito democrático, o Presidente da República declara enfaticamente ser «inadmissível o esbanjamento do dinheiro público sem que os funcionários do Estado assumam a responsabilidade». Esquece que a assinatura dele próprio apareceu na autorização da engorda financeira do bandido juiz Nicolau dos Santos Neto. Claro que saberá defender-se atribuindo a culpa ao secretário-geral do Governo, Eduardo Jorge, em quem confiou assinando de olhos fechados o aumento da verba. Mas, este novo elo - o secretário com categoria de ministro - que liga bandidos declarados com empresas fraudulentas e um senador cassado por falta de decoro parlamentar (Luís Estevão, preso e solto apesar dos indícios de roubo) com o *esbanjamento do dinheiro público* foi chamado a depor perante uma Comissão de Inquérito no Senado, e foram os governistas que o protegeram com mil malabarismos.

Fica tudo em águas de bacalhau e os responsáveis pelo triste destino do país criam códigos de ética e leis que não são capazes de aplicar. Parece ser por inocência que os escolhidos da elite, nos altos escalões da sociedade, roubam, mentem, matam. Faz-se então a cartilha em nome de uma pedagogia democrática para que aprendam o b-a-ba da decência.

A fundação Getúlio Vargas promete divulgar os estudos «Transparência Brasil» que indicam o custo anual de 6 mil reais *per capita* (500 reais por mês, por habitante) para suprir o *orçamento da corrupção nacional*. Realmente, o Brasil dispõe de uma riqueza que o iguala às nações do primeiro mundo. Pena não ter uma estratégia de desenvolvimento que beneficie a população à margem da elite, pena preferir engordar os criminosos, pena transformar os princípios democráticos em discursos incoerentes e cartilhas ridículas.



## Livros

• João Honrado

# Riscando verdade na ficção de Manuel Tiago

Um **Risco na Areia**, de Manuel Tiago, é um livro bem escrito na opinião de um insuspeitado comentador político da TVI. Mas que acrescenta uma total reserva sobre o «28 de Setembro», um tema, entre outros, no romance com grande sucesso no lançamento durante a Festa do «Avante!».

É inegável que Álvaro Cunhal escreve bem. Com a palavra exacta, assim o classificava Manuel da Fonseca quando, na altura da Reforma Agrária, o dirigente comunista vinha, com alguma frequência, aos campos de Abril nos barros de Beja.

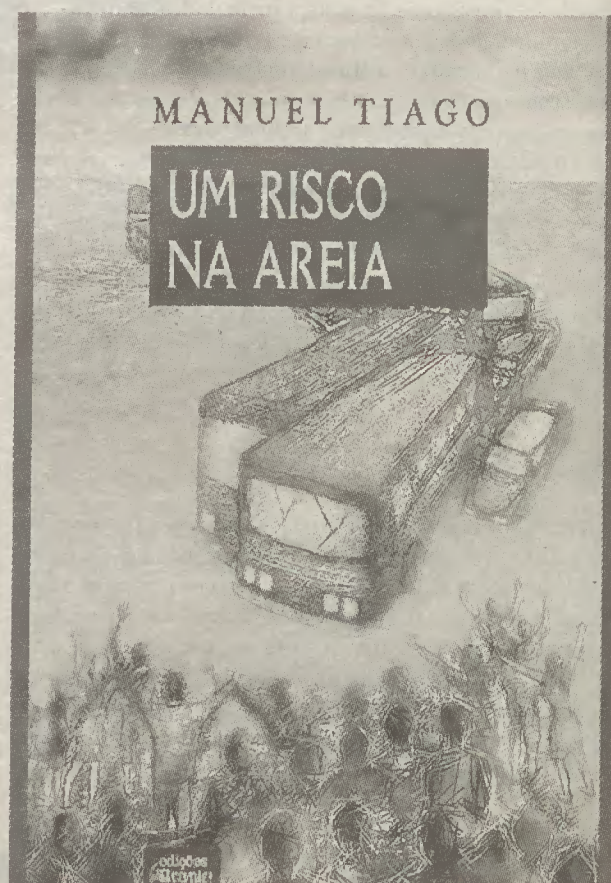
Manuel Tiago escreve neste romance, a propósito da «maioria silenciosa»: «Alguém poderia supor, como mais tarde se veio a saber, que na noite de 27 para 28, o presidente convocara para Belém o Chefe do Estado Maior General das Forças Armadas, o comandante do CPCON e o primeiro-ministro e aí os mantivera prisioneiros?» Estávamos nós, nessa noite, da tentativa contra-revolucionária, no Reduto Norte de Caxias, na Comissão de Extinção da PIDE/DGS, quando assistíamos e participávamos nos preparativos da defesa da prisão onde aí permaneciam detidos os agentes da ex-polícia política. Estivemos de certa maneira já cercados, ou mais exactamente, no começo da movimentação fascista, à volta, com intenção de libertarem os presos e naturalmente prenderem os militares do MFA e os civis que éramos nós, da Comissão. Quanto a isso estamos conversados. Se for necessário conversaremos com o tal comentador da televisão.

Mas o livro não percorre só o período atrás referido. É todo ele atravessado pela firmeza dos jovens e dos mais idosos, no período após a Revolução, na firme defesa dos ideais de Abril. Com defeitos e qualidades, as personagens «falam» de todos nós, sobretudo enquanto jovens, antes e depois da Revolução, prevalecendo, parafraseando Manuel Tiago, «os aspectos humanos de cada ser».

Em **Um Risco na Areia**, com Isa, que «atravessou a sala quase a correr, aproximou-se de Marco, deu-lhe um beijo rápido e voltou para junto dos mais velhos, a observar. Marco foi o único a compreender o valor e o significado desse beijo». Isa era (é) uma jovem do nosso tempo, da nossa sociedade criminosa de desigualdades sociais, que poderia (pode) ir parar à cadeia por um pequeno delito, ou tornar-se uma consciente militante comunista na luta por uma sociedade humanista, conforme as circunstâncias. Dando «fala» a esta e a outras figuras, aquilo que Manuel Tiago faz é literatura, mas literatura da boa. E aquele outro moço que «diz» nos olhos «Vês? Estou aqui!». «Aqui» é no lado de cá do barranco, do lado do povo antes do «comprido risco de areia», símbolo da barreira para não deixar passar os fascistas.

A confiança e a esperança, nas figuras deste romance de Manuel Tiago, que constituem intervenção importante neste livro, nascem nas ideias ao ritmo da vida, comovem-nos e dão-nos alegria.

No enredo do romance, também no fim do livro, o autor enreda-nos na poesia envolvida, que tem verve, e que ganha no último cenário a luz do «cantar das ondas e no sabor fresco da maresia trazida pela aragem»



## Livros

• José Casanova

# Um Relatório exemplar (\*)

Num contexto e numa perspectiva em que a revolução proletária estava na ordem do dia, Lênine criou uma doutrina completa e harmoniosa sobre o Partido Comunista, elaborando as suas bases teóricas, políticas e organizativas. A qualificação dos funcionários do Partido como «revolucionários profissionais» - com o profundo significado que Lênine conferiu a esta expressão - é parte integrante dessa doutrina. Tal qualificação, apesar de produzida nesse contexto determinado e a partir dessa específica perspectiva de intervenção, mantém nos dias de hoje uma actualidade flagrante.

A importância atribuída por Lênine à existência de uma «organização estável de dirigentes» (tanto mais necessária quanto mais ampla for a participação das massas na luta) e a ideia, por ele expressa, de que «tal organização deve ser formada, fundamentalmente, por homens entregues profissionalmente às actividades revolucionárias» - apesar de reportadas a uma situação de clandestinidade - assumiram, no essencial, incontestável justeza e acuidade quer no próprio partido de Lênine após o triunfo da Revolução, quer em vários outros partidos comunistas criados em diversos países sob o impulso do primeiro partido comunista do Mundo e da Revolução por ele concretizada.

Ao fim e ao cabo, para Lênine, os «revolucionários profissionais» constituíam uma componente fundamental para assegurar a intervenção revolucionária, a ligação às massas, uma direcção coerente e estável e a unidade interna do Partido. Assim sendo, e porque a importância e o papel dos funcionários do Partido ganhou uma dimensão intemporal e universal, a existência de um amplo, forte e sólido quadro de «revolucionários profissionais» é, hoje como há um século, uma necessidade imperiosa para qualquer partido comunista. Mostra a experiência que a existência desse sólido e forte corpo de funcionários é condição indispensável, em qualquer partido comunista, para uma acção consentânea com os seus objectivos no curto, no médio e no longo prazo.

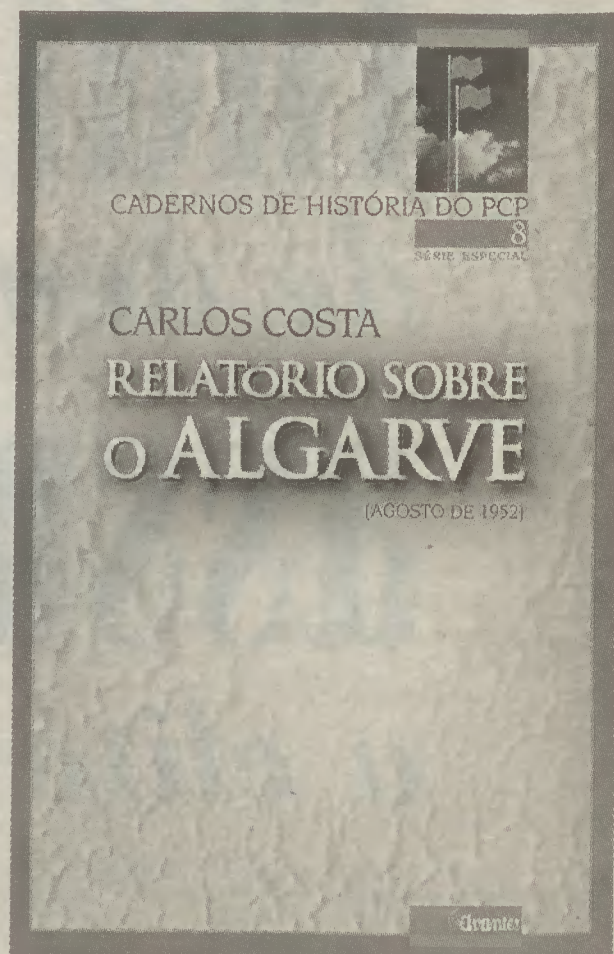
Não surpreende, assim, que todas as ofensivas - partindo quer do interior quer do exterior - visando a descaracterização de partidos comunistas e a sua liquidação como partidos revolucionários, tenham tido como um dos seus traços comuns o ataque aos funcionários do partido - apresentados, sempre, como seres «acéfalos», «incultos», «boçais», «ignorantes», «submissos», «fiéis cumpridores de ordens vindas de cima», «desinseridos da realidade social», «fechados

à compreensão das novas realidades», «incapazes de serem outra coisa e, por isso e só por isso, sendo o que são»... Foi na base de «argumentos» semelhantes que, em vários partidos comunistas, se procedeu à destruição dos respectivos quadros de funcionários e se abriu o caminho que conduziria ao desaparecimento desses partidos enquanto partidos comunistas. Foi na base desses exactos «argumentos» que, há cerca de uma década, um grupo de então militantes do PCP - parte dos quais ocupa, hoje, cargos de responsabilidade ao serviço do PS e da política de direita - fez do ataque aos funcionários do Partido uma das mais fortes linhas de intervenção no quadro do seu objectivo de social-democratizar o Partido.

Vem tudo isto a propósito deste magnífico e exemplar **Relatório Sobre o Algarve**, elaborado por Carlos Costa em 1952. Magnífico pelo resultado que é de um esforço notável de aquisição de conhecimentos sobre uma dada realidade, de procura de elementos sobre essa realidade, de reflexão sobre os elementos obtidos. Exemplar porque, enquanto expressão de uma situação concreta, põe a nu a falsidade de todos os «argumentos» acima referidos, é elucidativo do papel decisivo, indispensável e insubstituível dos funcionários do Partido - e, por tudo isso, ajuda a perceber o facto de eles constituírem sempre um alvo preferencial do anticomunismo, quer este se apresente de cara descoberta quer se mascare das mais modernas intenções.

Funcionário do PCP, então na clandestinidade, e destacado para o Algarve como responsável pela organização regional do Partido, Carlos Costa tratou de levar à prática o que a teoria lhe indicava como certo e necessário. Sabendo que só com um conhecimento profundo e circunstanciado da realidade onde se actua, é possível definir as linhas de acção e de intervenção adequadas a essa realidade e ao objectivo de a transformar, meteu pés ao complexo caminho que conduzia a esse conhecimento. E chegou longe. E porque o conhecimento só o é quando utilizado, aplicou-o na sua actividade e fez questão de o passar a escrito, transmitindo-o ao colectivo partidário, tornando-o utilizável num universo mais amplo.

A assunção do conceito marxista-leninista de «ligação do Partido às massas» - que inclui, naturalmente, a ideia de que essa ligação constitui uma das fontes de força essenciais do Partido - está presente em todo o «Relatório»: detectamo-la no esforço de estudo da realidade histórica, geográfica, demográfica da região; na tentativa de avaliação da estrutura de classes e do peso do proletariado; no aprofundamento da realidade dos diversos sectores de produção; na enunciação de lutas travadas com a retirada dos respectivos ensinamentos; na detecção dos problemas e das solu-



ções para eles; na definição de linhas de acção das massas e na busca de formas de mobilização para a luta pela aplicação dessas soluções; na prioridade dada às «reivindicações de classe» que não exclui, antes implica, a atenção, igualmente, aos «problemas locais» e, inclusive, à intervenção eleitoral; no estudo da organização do Partido, das suas fragilidades e das suas potencialidades, umas e outras vistas sempre na relação dialéctica existente entre ligação às massas e reforço do Partido.

Trata-se, afinal, da «análise concreta de uma situação concreta» que era, para Lênine, «a própria essência, a alma viva do marxismo».

«O estudo, através do conhecimento prático e científico, da região onde se actua é, e tem de continuar a ser, uma preocupação imperiosa e constante de todos os funcionários do nosso Partido. Tal conhecimento é uma condição indispensável, não só para que melhor se saibam, sintam e vivam os problemas, dores e anseios da classe operária e seus próximos aliados, como, também, para nos sabermos orientar para o que é fundamental, para o que é decisivo em cada região» - assim explica Carlos Costa as «Razões» deste Relatório. «Razões» tão fortes e verdadeiras hoje como o eram no longínquo ano de 1952.

(\*) Texto de apresentação do livro de Carlos Costa, **Relatório Sobre o Algarve**, das edições *Avante!*, lançado na Festa.



## Religião

• Jorge Messias

# As vias do compromisso

Há alarmes aparentemente injustificados que funcionam como condutores da opinião. No plano religioso predominantemente católico foi o caso, por exemplo, da facção do bispo Lefébvre, apresentada como cismática e perigosamente fundamentalista. Vai-se a ver, tratava-se afinal de um simples despiste da realidade. Após a morte, em Écone, desse *abominável cismático*, Ratzinger - o defensor da fé, principal opositor à nova heresia e propalado teorizador do Vaticano II - apadrinhou a obra integrista de Lefébvre. O desaparecimento do bispo ultraconservador em nada alterou o sentido dogmático irreversível dos caminhos do Vaticano. E a opinião pública reteve essencialmente a argumentação dos cardeais acerca dos perigos de uma nova grande cisão do Ocidente. O Vaticano continuou fundamentalista.

À esquerda, o episódio dos irmãos Boff ou as aventuras de Roger Caillot - e não a realidade da Igreja da Libertação, um risco que subsiste para a Cúria Roma-

tos importa particularmente. O que é determinante é o sentido dos factos. A História não se repete mas é recorrente sempre que os mesmos problemas transitam de época em época. Escolhamos um exemplo do passado para vermos mais claramente o presente.

Nos inícios do século XVI, a Europa de então assemelhava-se à Europa de agora. A Igreja Católica, fabulosamente rica, celebrava em Roma o Grande Jubileu. Os papas vendiam, por bom dinheiro, as bulas e a remissão dos pecados, como sempre tinha acontecido. Mas a sociedade antiga rebentava pelas costuras. A face da terra transformara-se com o Descobrimento e a Conquista. Na Europa, os novos mercados surgiam como cogumelos. Ao poderio imenso dos senhores feudais opunha-se agora, quase que em pé de igualdade, a nova burguesia endinheirada. À margem destes mundos vegetavam, sem eira nem beira, as massas populares.

Para salvar a própria religião e dar força à nova classe dominante, Roma teria de ser combatida. É este o quadro histórico geral do Grande Cisma do Ocidente. A intenção inicial era combinar o regresso à pureza da primeira fé cristã com o combate às tiranias imperiais. Lutero foi o primeiro impulsor deste processo revolucionário. Mas havia outros nomes e outras tendências: Erasmo de Roterdão que defendia a negociação e não a ruptura com o papado; Melanchton, amigo de Lutero e dos príncipes alemães; e o próprio imperador Carlos V que, para conter a expansão da Reforma se prestou a negociar um entendimento. Só Thomas Munzer assumiu, intransigentemente, a defesa das

massas populares e dos camponeses sem terra. Como seria de esperar, venceu o compromisso. A Reforma acabou por identificar-se com o Estado. Depois de Trento, a Europa religiosa foi politicamente partilhada. Lutero presenciou impassível o apagamento ideológico da Reforma e o extermínio de Munzer, preso e decapitado pelos Grandes Eleitores alemães. O conteúdo cristão da declaração luterana tinha-se esgotado.

Irresistivelmente somos conduzidos a pensar no que actualmente se passa nos partidos comunistas europeus. De compromisso em compromisso, de negócio em negócio, de combinação em combinação, de revisão em revisão, as perspectivas revolucionárias de Marx vão sendo eliminadas. Em nome de quê? De uma *modernidade* que ninguém sabe o que seja.

Irresistivelmente somos conduzidos a pensar no que actualmente se passa nos partidos comunistas europeus. De compromisso em compromisso, de negócio em negócio, de combinação em combinação, de revisão em revisão, as perspectivas revolucionárias de Marx vão sendo eliminadas. Em nome de quê? De uma *modernidade* que ninguém sabe o que seja.



na - foram motivo de falsas esperanças para muitos crentes. Nesta ala teológica antagónica à de Lefébvre, os resultados alcançados pela hierarquia recolheram êxitos muito semelhantes aos que obtivera na sua aparente contenção da *direita*. Traduziram, naturalmente, o domínio dos grupos eclesiais de pressão e o resultado da aplicação das metodologias adequadas. O profeta, o iluminado, o agente individual da fé, pouca influência tinha já no mundo religioso. O Papa reforçou os seus poderes sobre o colectivo católico.

Nestes quadros que frequentemente se repetem, a história das religiões é rica em sínteses que interessam aos políticos. São exemplos que não devem ser rejeitados a partir da falsa noção de que o religioso é privado e separável do político. Nem sequer a datação dos fac-

## Pontos Naturais

• Mário Castrim

### Atalaia Celebração

a festa é uma vertigem

de repente  
baralham-se os pontos cardeais

uma origem  
a gente

o resto é tudo o mais

### Somos assim

Anónimo ninguém  
aqui parece.

Cada rosto  
amanhece  
ao passar  
e tem  
um gosto  
familiar.

Multidão: o prazer  
de uma forma de ser.

### Além das palavras

Eu já não falo  
das canções  
(deixá-lo  
eu sei que é importante)  
dos pavilhões  
do artesanato  
(as mãos...) o exacto  
sabor  
de cada restaurante.

Não falarei  
de nada exemplar  
eu falo só do que não sei  
como falar.

### Todos nós, todos iguais

Atrás  
do seu balcão  
a senha, camarada?  
Faz  
a sande recheada  
do presunto da sua região  
e o copo de tinto  
e o café.

Profissional distinto  
darei até  
sem favor:  
extraordinário  
este camarada professor  
universitário.

### Espártaco

Espártaco passou.  
- Onde vais, camarada?  
- Vou  
andar por aí. Mais nada.

Perde-se, modesto e esquivo,  
no arraial imenso  
só para (é o que eu penso)  
se provar que está vivo.

### Reportagem

Anda no ar.

O pinho.  
A maresia.  
O lar.  
O Linho.  
O Dia.  
A limpidez.

Sim. Mas há  
outra coisa, sei lá.  
O orgulho, talvez.

## Cartoon

• Monginho









# Carlos Carvalhas nos Açores

No quadro da pré-campanha da CDU para as eleições regionais, o secretário-geral do PCP visita hoje e amanhã a Ilha de S. Miguel, na Região Autónoma dos Açores.

Acompanhado por Mário Abrantes e Decq Mota, cabeças-de-lista da CDU em S. Miguel e Faial respectivamente, Carlos Carvalhas estará hoje, dia 14, na Feira Agrícola de Santana, almoça na Associação Agrícola e visita o Porto de Ribeira Quente e Vila Franca do Campo

Na sexta-feira, dia 15, durante a manhã o secretário-geral do PCP visita a fábrica da COFACO em Rabo de Peixe, seguindo depois para Ponta Delgada. Aqui, Carlos Carvalhas participa como convidado no Encontro de Candidatos da CDU às eleições regionais, que vai decorrer no Auditório da Secretaria Regional de Economia a partir das 15h, e estará presente no jantar-convívio de candidatos e apoiantes da CDU que se realiza no Restaurante Avião, em Ponta Delgada, a partir das 20h

**açores**  
REGIONAIS 2000

## Plenário em Lisboa

**Freguesia de Campolide** – Com uma Ordem de Trabalhos que inclui a discussão de questões relacionadas com a organização e iniciativas do Partido na freguesia, da situação política e social e preparação do XVI Congresso, realiza-se um plenário dos militantes de Campolide no próximo sábado, dia 16, às 16h no Salão da JF

## Plenário em Torres Vedras

Realiza-se amanhã, sexta-feira, com início às 21h30, no Centro de Trabalho de Torres Vedras, um plenário de militantes sobre a situação política e social, eleições presidenciais e XVI Congresso do Partido. Participa o camarada Domingos Abrantes

## Organização Regional da Guarda

O Conselho Regional da OR da Guarda reúne-se na próxima segunda-feira para discutir a situação política e social e planificar a terceira fase da preparação do XVI Congresso na região. A reunião realiza-se no CT da Guarda a partir das 9h30

## Sector Intelectual do Porto

Realiza-se na próxima segunda-feira, dia 18, a partir das 21h30 no Centro de Trabalho da Boavista, uma reunião geral dos militantes do Sector, para discussão da situação política, eleições para a Presidência da República e XVI Congresso do PCP

**Debate** *A Actualidade do Ideal e do Projecto Comunista*  
promovido pela Comissão Concelhia de Matosinhos na Junta de Freguesia de Matosinhos, sexta-feira às 21h30 com a participação de José Casanova

**RIO DE MOINHOS (Álcacer do Sal)**

Sábado, 16 de Setembro

**Festa Vitória de Abril**

promovida pela Organização local do PCP

Quermesse • Petiscos • Música popular

## Desmontar a Festa também é fazer a Festa!



**Participa nas jornadas de trabalho de fim-de-semana na Atalaia!**



## Pela reconstrução do CT de Viana

Com o objectivo de debater o plano da Campanha de Fundos de 20 mil contos para a reconstrução do Centro de Trabalho do PCP em Viana do Castelo, há semanas gravemente atingido por um incêndio, a DOR e Comissão Concelhia promovem uma reunião alargada de militantes no dia 22 de Setembro, na sede do Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhadores dos ENVC.

A campanha, que decorre durante um ano, tem várias iniciativas como suporte e já programadas, incluindo o Arraial Minhoto do PCP no Santinho, no dia 4 de Outubro



## ATVer

Robert De Niro e Samuel L. Jackson, em «Jackie Brown», de Quentin Tarantino



Um fotograma de «Loucuras de uma Recruta», comédia de Howard Zieff



## Jackie Brown

(Quinta, 23.25, RTP 1)

Assim descreve a RTP este filme que serve de arranque aos nossos destaques: «Jackie Brown, uma hospedeira do ar em fim de carreira, trabalha para uma miserável companhia aérea e para Ordell, um traficante de armas, cujo dinheiro vai trazendo discretamente de outras paragens. Um dia é detida pela polícia mas recusa-se a denunciar Ordell, que elimina testemunhas incômodas com extraordinária eficácia, mas a polícia está decidida a manter Jackie atrás das grades. Ordell sabe que a polícia detectou Jackie, mas não sabe se ela o denunciou e arranja forma de a fazer sair sob caução, através de Max Cherry que tem uma firma de cauções judiciais. Entre a espada e a parede [não confundir!!!] Jackie decide arriscar e monta um plano genial para fugir à morte, inevitável, às mãos de Ordell e a uma, incontornável, pena de prisão. Com o preciso e generoso auxílio de Max, Jackie não só engana Ordell e a polícia como consegue ficar na posse de uma fortuna em dinheiro.» Como se vê, tudo boa gente! Só que atrás das câmaras está **Quentin Tarantino** e o naipe de intérpretes é de primeira água (ver Ficha Técnica), pelo que, com o seu habitual tom anárca e marginal, pode tratar-se de um filme a considerar...

## O Que Viram os meus Olhos

(Quinta, 23.00, RTP 2)

O jovem Tom surpreende, através de uma janela, os Kellerton a assassinar um marinheiro bêbado. E quando conta o que viu, ninguém acredita na sua história... à exceção dos próprios Kellerton que tratam de se desembaraçar dele. Rodado na atmosfera sombria e húmida das noites de Nova Iorque, este filme negro foi um verdadeiro êxito, na altura da estreia, e nada perdeu até hoje do seu fascínio. Com **Barbara Hale, Bobby Driscoll e Arthur Kennedy**.

## Um Adeus Português

(Quinta, 00.25, RTP 2)

Segunda longa-metragem de **João Botelho**, *Um Adeus Português* é dos poucos filmes nacionais a debruçar-se sobre uma tragédia que marcou a última década e meia do fascismo português - a Guerra Colonial - ao abordar, com enorme sensibilidade, o caso de uma família privada de um ente querido. Excelente encenação e fotografia de boa qualidade. Uma história a não esquecer.

## Para Além das Nuvens

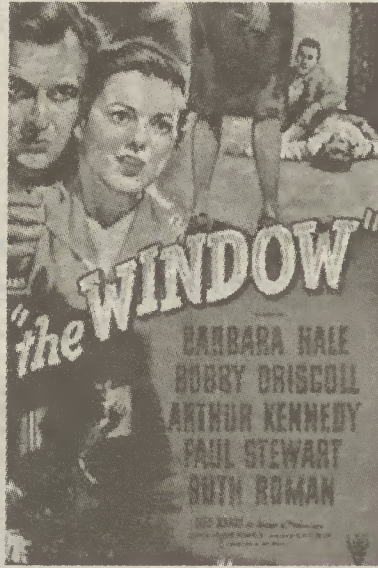
(Sábado, 01.00, RTP 2)

Quatro histórias de **Michelangelo Antonioni** filmadas com a colaboração de **Wim Wenders**, especialmente em uma delas, que nos fala das emoções do amor, do desejo, da liberdade, da perda e da solidão, numa obra belíssima (do ponto de vista visual) mas algo fria e distante no que se refere à capacidade de agarrar o espectador a um fio condutor que jamais o deixe solto e indiferente. Boas interpretações de **Irène Jacob** e **John Malkovich**.

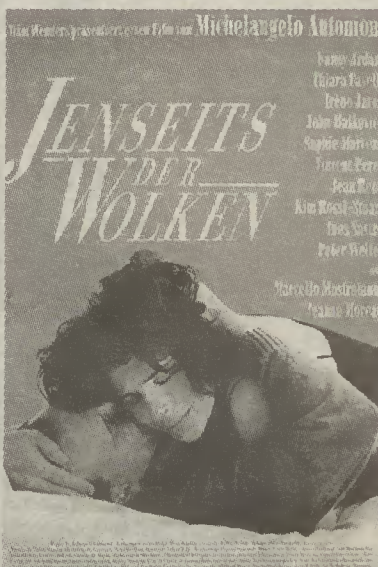
## Loucuras de Uma Recruta

(Terça, 01.30, SIC)

Filme de intenções claramente «feministas», *Loucuras de uma Recruta* apresenta-nos a evolução de uma «menina pateta» de Filadélfia para a personagem de uma verdadeira mulher de corpo inteiro - ao servir como recruta no Exército. O realizador **Howard Zieff** consegue, com pequenos toques, reformular os clichés de anteriores comédias «masculinas» e, apoiando-se no excelente desempenho de **Goldie Hawn**, dar corpo a um filme interessante em que as habituais piadas soam como novas ou diferentes, embora por vezes a imagem do macho surja tão fortemente caricatural que o resultado final faz atenuar, no espectador, a eventual simpatia pelo «feminismo» do tema.



Cartaz americano de «O Que Viram os Meus Olhos», de Ted Tetzlaff



Cartaz alemão de «Para Além das Nuvens», de Michelangelo Antonioni-Wim Wenders

## E ainda...

**Não Matei**, de Boris Ingster (Sexta, 23.00, RTP 2)

**Três Homens e um Bebê**, de Leonard Nimoy (Sábado, 16.45, RTP 1)

**Raízes de Oiro**, de Delmer Daves (Segunda, 23.30, RTP 2)

**O Rancho das Paixões**, de Fritz Lang (Terça, 23.30, RTP 2)

Cabo e Satélite  
Oscar Niemeyer

«Minha preocupação ao desenhar essa torre [Torre da Embratel, 1994, Rio de Janeiro] não foram os problemas técnicos - torres mais altas já existem por todo o mundo - mas sim dar-lhe um aspecto mais puro, sem as saliências que como pequenas construções nelas penduradas tanto as desmerecem. Queria uma torre simples e bonita. Uma escultura.» Assim descreve **Oscar Niemeyer**, o famoso arquiteto brasileiro, uma das suas muitas obras mais emblemáticas. É sobre este artista de mérito e homem de percurso cívico exemplar que o **People & Arts** apresenta hoje à noite um excelente documentário. A não perder. (**People & Arts**, Quinta, às 21 horas)



## Quinta, 14

## ▼RTP 1

07.00 Hora Viva  
10.00 Praça da Alegria / Culinária  
13.00 Jornal da Tarde  
13.45 Jogos Olímpicos  
14.20 A Mentira  
15.20 Roseira Brava  
16.55 Futebol: Poltava-Boavista  
19.15 Futebol: Partizan-F.C.Porto  
21.15 Telejornal  
22.15 Mr. Bean  
22.50 Jogos Olímpicos  
23.25 «Jackie Brown» (de Quentin Tarantino, EUA/1997, com Pam Grier, Samuel L. Jackson, Bridget Fonda, Robert De Niro. Ver Destaque)  
02.15 24 Horas  
02.45 «Prenúncio de Morte» (de Yurek Bogayevicz, EUA/1996, com Mickey Rourke, Carre Otis. «Thriller»)

## ▼RTP 2

07.30 Espaço Infantil-Juvenil (às 11.30: Os Principais; às 12.30: Euronews; às 15.00: Volta à Espanha; às 16.30: Informação Gestual)  
17.30 A Paixão dos Santos  
18.30 Informação Religiosa  
19.00 Espaço Infantil-Juvenil  
20.00 Simpsons  
20.25 Cidade Louca  
21.00 Tempos da Ciência  
22.00 Jornal 2  
23.00 «O Que Viram os Meus Olhos» (The Window, de Ted Tetzlaff, EUA/1949, com Barbara Hale, Bobby Driscoll, Arthur Kennedy. Ver Destaque)  
00.25 «Um Adeus Português» (de João Botelho, Port./1985, com Ruy Furtado, Isabel de Castro. Ver Destaque)

## ▼SIC

08.00 Buérré  
10.00 SIC 10 Horas  
13.00 Primeiro Jornal  
14.00 História de Amor  
15.00 Fátima Lopes  
17.00 Mulher  
18.00 Malhação  
19.00 Uga Uga  
20.00 Jornal da Noite  
21.00 A Febre do Dinheiro  
21.30 Laços de Família / Aquarela do Brasil  
23.30 Cuidado com as Aparências  
00.10 Sai de Baixo  
00.50 Último Jornal  
01.10 «Alvo Executivo» (de Joseph Merchi, EUA/1997, com Michael Madsen, Angie Everheart. Acção / Comédia)  
03.10 No Fim do Mundo - «Northern Exposure» (Estreia)

## ▼TVI

08.30 Animação  
11.30 Dinheiro à Vista  
12.10 «Big Brother»  
13.00 TVI Jornal  
13.50 O Direito de Nascer  
14.55 «Big Brother»  
15.15 Batatoon  
18.00 «Big Brother»  
18.15 Asas nos Pés  
19.10 Dinheiro à Vista  
20.00 Jornal Nacional  
21.00 «Big Brother»  
21.30 As Pupilas do Sr. Doutor  
22.20 Investigação TVI  
23.20 A Bola é Nossa  
01.00 TVI Jornal  
01.40 Seinfeld

## Sexta, 15

## ▼RTP 1

07.00 Hora Viva  
09.00 Abertura dos Jogos Olímpicos  
12.00 Memórias Olímpicas  
13.00 Jornal da Tarde  
13.45 Jogos Olímpicos  
14.20 A Mentira  
15.20 Roseira Brava  
16.30 Sozinhos em Casa  
18.00 Querida Encolhi os Miúdos  
19.30 Regiões  
19.30 Jogos Olímpicos  
20.00 Telejornal  
21.00 Mr. Bean  
21.45 «Rocky III» (de Sylvester Stallone, EUA/1982, com Sylvester Stallone, Talia Shire. Drama)  
23.30 24 Horas  
24.00 Jogos Olímpicos

## ▼RTP 2

07.30 Espaço Infantil-Juvenil (às 11.30: Os Principais; às 12.30: Euronews; às 15.00: Volta à Espanha; às 16.30: Informação Gestual)  
17.30 A Paixão dos Santos  
18.30 Informação Religiosa  
19.00 Espaço Infantil-Juvenil  
20.00 Simpsons  
20.25 Cidade Louca  
21.00 Jornal d'África



A partir desta semana, os Jogos Olímpicos dominam, na RTP, a programação desportiva (é não só)

21.30 Dinheiro Vivo  
22.00 Jornal 2  
23.00 «Não Matei» (Stranger on The Third Floor, de Boris Ingster, EUA/1940, com John McGuire, Margaret Tallichet, Peter Lorre. Policial)  
00.20 Vítimas Inocentes

## ▼SIC

08.00 Buérré  
10.00 SIC 10 Horas  
13.00 Primeiro Jornal  
14.00 História de Amor  
15.00 Fátima Lopes  
17.00 Mulher  
18.00 Malhação  
19.00 Uga Uga  
20.00 Jornal da Noite  
21.00 A Febre do Dinheiro  
21.30 Laços de Família / Aquarela do Brasil  
23.30 Sex-Appeal (Estreia)  
00.10 Jogo Limpo  
01.40 Último Jornal  
02.00 «Salvo Pela Luz» (de Lewis Teague, EUA/1998, com Eric Roberts, Lynette Wilden. Drama)

## ▼TVI

08.30 Animação  
11.30 Dinheiro à Vista  
12.10 «Big Brother»  
13.00 TVI Jornal  
13.50 O Direito de Nascer  
14.55 «Big Brother»  
15.15 Batatoon  
18.00 «Big Brother»  
18.15 Asas nos Pés  
19.10 Dinheiro à Vista  
20.00 Jornal Nacional  
21.00 «Big Brother»  
21.30 Jardins Proibidos  
22.40 Reis da Música Nacional  
00.50 TVI Jornal  
01.30 Seinfeld



O escritor francês Michel Tournier estará em foco no «Artes e Letras» (RTP 2, domingo)

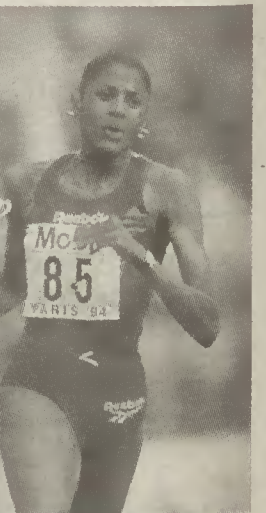
## Sábado, 16

## ▼RTP 1

07.00 Jogos Olímpicos  
13.00 Jornal da Tarde  
13.45 Jogos Olímpicos  
14.20 Top +  
15.45 Destinos de Sofia  
16.45 «Três Homens e um Bebê» (Three Men and a Baby, de Leonard Nimoy, EUA/1987, com Tom Selleck, Steve Guttenberg, Ted Danson. Comédia)  
18.30 Jogos Olímpicos  
18.50 Futebol: Sporting-Alverca  
21.00 Telejornal  
22.00 Santa Casa  
23.20 Taça do Mundo de Showboard  
23.45 24 Horas  
24.00 Jogos Olímpicos

## ▼RTP 2

07.00 Euronews  
09.00 Universidade Aberta  
12.00 Iniciativa  
14.00 Desporto  
18.40 «Sexo e Chocolate» - nenhuma informação suplementar fornecida em tempo útil  
20.15 Rendez-vous à Melbourne  
22.00 Jornal 2  
23.00 Magazine 2001  
23.30 Sim, Sr. Ministro



24.00 Valha-me Deus  
00.30 Coupling  
01.00 «Para Além das Nuvens» (Par-Delà les Nuages, de Michelangelo Antonioni e Wim Wenders, Fr./It./Ale./1995, com Fanny Ardant, Chiara Caselli, Irène Jacob, John Malkovich. Ver Destaque)

## ▼SIC

07.30 Zip Zap  
12.00 Muita Lóco  
13.00 Primeiro Jornal  
14.00 O Maior Cabaret do Mundo  
15.00 Big Show Sic  
18.00 Malhação  
19.00 Uga Uga  
20.00 Jornal da Noite  
21.00 O Cravo e a Rosa  
22.00 Mundo VIP  
22.30 HermanSic  
00.20 Último Jornal  
00.40 «Homicídio na Luisiana» (de Phil Joanou, EUA/1996, com Alec Baldwin, Mary Stuart Masterson. Acção)

## ▼TVI

08.30 Animação  
11.50 Top Rock  
13.00 TVI Jornal  
13.25 Contra-Ataque  
14.25 4ª A Fundo  
14.45 «Jogos de Paixões» (de Vic Saran, EUA/1999, com Art Hindle, Chandra West. Drama)  
16.45 Nightman II  
17.45 «Espionagem na Rede» (de Serge Rodnunsky, EUA/1999, com Brian Dennehy, Daniel Baldwin. Drama)  
20.00 Jornal Nacional  
20.50 Jardins Proibidos  
22.10 Bora Lá Marina  
22.50 Lux  
23.50 «Dança na Escureidão» (de Bill Corcoran, EUA/1995, com Victoria Principal, Dawn Greenhalgh. Drama)  
01.50 «Projecto Final» (de William Malone, EUA/1995, com Dana Ashbrook, Marshall Bell. Drama)



## Domingo, 17

**▼ RTP 1**  
07.00 Jogos Olímpicos  
13.00 Jornal da Tarde  
13.45 Jogos Olímpicos  
14.20 Made in Portugal  
15.35 Animais em Grande Plano  
16.30 Tesouros de Damasco  
17.45 As Filhas do Marajá (Estreia)  
18.45 Jogos Olímpicos  
20.00 Telegiornal  
21.00 Domingo Desportivo  
23.00 Os Imparáveis  
23.45 24 Horas  
24.00 Jogos Olímpicos

**▼ RTP 2**  
07.00 Euronews  
09.00 Programa Religioso  
10.30 Missa  
11.20 Sobrevivência  
12.20 Tesouros Escondidos do Mundo Antigo  
13.00 Desporto  
19.45 Onda Curta  
20.30 Artes e Letras: «Michel Tournier»  
21.30 Horizontes da Memória  
22.00 Jornal 2  
23.00 «Killing one Softly» - nenhuma informação suplementar fornecida em tempo útil  
00.30 Faenas  
01.00 Artes de Palco: Gala do Covent Garden (com Plácido Domingo, Deborah Polaski, Bernard Haitink, solistas do Royal Ballet. Realização de Ross MacGibbon. Produção BBC)

**▼ SIC**  
07.30 Zip Zap  
12.00 BBC Vida Selvagem

## Segunda, 18

**▼ RTP 1**  
07.00 Jogos Olímpicos  
13.00 Jornal da Tarde  
14.20 A Mentira  
15.20 Roscira Brava  
16.45 Sozinhos em Casa  
17.30 Querida, Encolhi os Miúdos  
18.30 Regiões  
19.30 Jogos Olímpicos  
20.00 Telegiornal  
21.10 Concurso: Quem Quer Ser Milionário?  
22.00 Jogo Falado  
22.55 Serviço de Urgência  
23.35 24 Horas  
24.00 Jogos Olímpicos

**▼ RTP 2**  
07.30 Espaço Infantil-Juvenil (às 11.30: Os Principais; às 12.30: Euronews)  
14.30 Jogos Olímpicos  
19.00 Ilhas de Bruma  
19.30 Informação Religiosa  
20.10 Simpsons  
20.25 Cidade Louca  
21.00 Rotações  
21.30 Bombordo  
22.00 Jornal 2  
23.00 Acontece  
23.30 «Raízes de Ouro» (The Hanging Tree, de Delmer Daves, EUA/1958, com Gary Cooper, Maria Schell, Karl Malden. «Western»)  
01.20 Trinity

**▼ SIC**  
08.00 Buéréré  
10.00 SIC 10 Horas  
13.00 Primeiro Jornal  
14.00 História de Amor  
15.00 Fátima Lopes

## Terça, 19

**▼ RTP 1**  
07.00 Jogos Olímpicos  
12.25 Concurso: Quem Quer Ser Milionário?  
13.00 Jornal da Tarde  
14.20 A Mentira  
15.20 Roseira Brava  
16.45 Sozinhos em Casa  
17.30 Querida, Encolhi os Miúdos  
18.30 Regiões  
19.30 Jogos Olímpicos  
20.00 Telegiornal  
21.10 Concurso: Quem Quer Ser Milionário?  
21.55 Mãos à Obra  
22.50 Futebol: Liga dos



Maria Elisa é a apresentadora do novo concurso «Quem Quer Ser Milionário?», mais um chamariz para a «guerra das audiências» (RTP 1, segundas)

**▼ RTP 1**  
23.00 Futebol: Liga dos Campeões (Resumos)  
23.30 24 Horas  
24.00 Jogos Olímpicos

**▼ RTP 2**  
07.30 Espaço Infantil-Juvenil (às 11.30: Os Principais; às 12.30: Euronews)  
14.30 Jogos Olímpicos  
19.00 Ilhas de Bruma  
20.10 Os Simpsons  
20.25 Cidade Louca

**▼ SIC**  
08.00 Buéréré  
10.00 SIC 10 Horas  
13.00 Primeiro Jornal  
14.00 História de Amor  
15.00 Fátima Lopes  
17.00 Mulher  
18.00 Malhação  
19.00 Uga Uga  
20.00 Jornal da Noite  
21.00 A Febre do Dinheiro  
21.30 Laços de Família / Aquarela Brasileira  
23.30 Sai de Baixo  
01.10 Último Jornal  
01.30 «Loucuras de uma Recruta» (Private Benjamin, de Howard Zieff, EUA/1980, com Goldie Hawn, Eileen Brennan, Armand Assante. Ver Destaque)  
03.30 Toda a Verdade; A História do Beijo

**▼ RTP 1**  
21.00 O Lugar da História  
22.00 Jornal 2  
23.00 Acontece  
23.30 «O Rancho das Paixões» (Rancho Notorious, de Fritz Lang, EUA/1952, com Marlene Dietrich, Arthur Kennedy, Mel Ferrer. «Western»)  
01.15 S.O.S. Planeta Terra

**▼ RTP 1**  
08.30 Animação  
11.30 Dinheiro à Vista  
12.10 «Big Brother»  
13.00 TVI Jornal  
14.00 O Direito de Nascer  
15.00 «Big Brother»  
15.15 Batatoon  
18.00 Asas nos Pés  
19.00 «Big Brother»  
19.15 Dinheiro à Vista  
20.00 Jornal Nacional  
21.00 «Big Brother»  
21.30 Jardins Proibidos  
22.40 Ficheiros Secretos VII  
23.40 Causa Justa  
00.40 Última Edição  
01.20 Seinfeld  
02.00 Profiler

## Quarta, 20

**▼ RTP 1**  
07.00 Jogos Olímpicos  
12.25 Concurso: Quem Quer Ser Milionário?  
13.00 Jornal da Tarde  
14.20 A Mentira  
15.20 Roseira Brava  
16.45 Sozinhos em Casa  
17.30 Querida, Encolhi os Miúdos  
18.30 Jogos Olímpicos  
19.30 Futebol: Bayer Leverkusen-Sporting  
21.30 Telegiornal  
22.00 Jogos Olímpicos  
22.25 Concurso: Quem Quer Ser Milionário?

**▼ RTP 2**  
07.30 Espaço Infantil-Juvenil (às 11.30: Os Principais; às 12.30: Euronews)  
14.30 Jogos Olímpicos  
19.00 Ilhas de Bruma  
20.10 Os Simpsons  
20.25 Cidade Louca  
21.00 Jornal 2  
22.10 Sinais do Tempo: «Jornalistas na Guerra»  
23.40 Acontece  
24.00 Jogos Olímpicos  
01.05 Ser Ou Não Ser Gênio

**▼ RTP 2**  
07.30 Espaço Infantil-Juvenil (às 11.30: Os Principais; às 12.30: Euronews)  
14.30 Jogos Olímpicos  
19.00 Ilhas de Bruma  
20.10 Os Simpsons  
20.25 Cidade Louca  
21.00 Jornal 2  
22.10 Sinais do Tempo: «Jornalistas na Guerra»  
23.40 Acontece  
24.00 Jogos Olímpicos  
01.05 Ser Ou Não Ser Gênio

**▼ SIC**  
08.00 Buéréré  
10.00 SIC 10 Horas  
13.00 Primeiro Jornal  
14.00 História de Amor  
15.00 Fátima Lopes  
17.00 Mulher  
18.00 Malhação  
19.00 Uga Uga  
20.00 Jornal da Noite  
21.00 A Febre do Dinheiro  
21.30 Laços de Família / Aquarela do Brasil  
23.30 Sai de Baixo  
00.10 Último Jornal  
00.30 «O Cavaleiro do Apocalipse» (de Jean-Marc Piché, EUA/1997, com Dolph Langren, Françoise Robertson. Ficção Científica)

**▼ TVI**  
08.30 Animação  
11.30 Dinheiro à Vista  
12.10 «Big Brother»  
13.00 TVI Jornal  
14.00 O Direito de Nascer  
15.00 «Big Brother»  
15.15 Batatoon  
18.00 Asas nos Pés  
19.00 «Big Brother»  
19.15 Dinheiro à Vista  
20.00 Jornal Nacional  
21.00 «Big Brother»  
21.30 Tic Tac Milionário  
23.30 «Jogador Assassino» (de Tim Matheson, EUA/1995, com Corbin Bernsen, Ted McGinley. Policial)  
02.00 Última Edição  
02.50 Seinfeld

**Nota:** A Redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizados pelos operadores de televisão após o fecho desta edição.

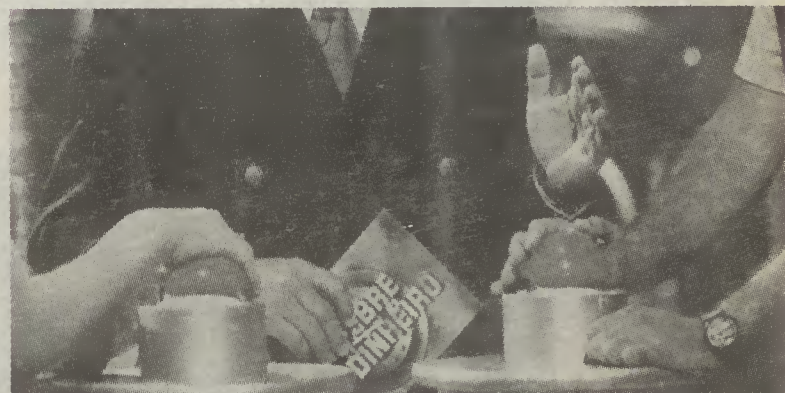
# TV política: a óbvia e a outra

Um dia destes, o canal Hollywood, que é o de maior audiência entre os canais exclusivamente distribuídos pela TV Cabo, transmitiu em «prime time» (21 horas) um filme norte-americano verdadeiramente exemplar. Intitulava-se em português «Amanhecer Violento», era datado de 85, e eu nem vou narrar com palavras minhas o seu argumento: limito-me a transcrever aqui o texto publicado no «DN» com base no material de promoção do filme que foi distribuído à imprensa (também o «Público» o anunciou nos mesmos termos, porventura com diferenças mínimas): «O comunismo impõe-se no mundo inteiro e ninguém consegue nada para o evitar. Um grupo de adolescentes de uma pequena cidade do Colorado organiza uma guerrilha de resistência ante a invasão das tropas comunistas integradas pelos russos, cubanos e nicaraguenses. Toda a nação está a ser ocupada e as pessoas são aniquiladas ou confinadas a campos de concentração. É o início

séries equiparáveis, regularmente difundidas planeta fora, produziram em milhões o convencimento de que aquela ficção só era possível porque os comunistas eram mesmo capazes daquilo. Aliás, não vai em sentido diferente o estribilho ainda hoje muito repetido segundo o qual nazismo e comunismo foram e/ou são pragas equivalentes ainda que de sinais contrários. Neste caso, a infâmia tem dois efeitos: vem caluniar o comunismo e os comunistas, e tende a branquear parcialmente o nazifascismo (pois se os comunistas são apesar de tudo acolhidos nas democracias...). Também nisto de usar o audiovisual como arma de propaganda política no aproveitar também está o ganho.

## A inocência equivocada

Dirão as vozes inocentes: «Mas a televisão que hoje temos pouca política traz a nossas casas, ou trá-la de tal modo que só afasta dela os cidadãos!» São, como disse, as vozes inocentes. Porque a



da III Guerra Mundial...» Era a propaganda anticomunista no audiovisual no seu mais brutal esplendor. Era também, é claro, a televisão ocupada, agora retroactivamente e quase que a título de memória dos «bons velhos tempos» da guerra fria, com uma dose verdadeiramente cavalgar das mais brutais imposturas políticas, daqueles que, não obstante o seu primarismo, contribuíram decisivamente para as gigantescas lavagens de cérebros que, diariamente repetidas e largamente difundidas por tudo quanto era *mass medium* relevante e eficaz, conseguiram impor à escala mundial. Do consumo de filmes como este, assinado por um Jon Milius, e de muitos outros, bem como de séries ditas de aventuras e de uma informação orquestrada e controlada por Washington, resultaram gerações sucessivas caracterizadas por um analfabetismo político que, como sempre acontece com os piores analfabetismos, não se reconhecia como tal. E tomava como conhecimento a galáxia de patranhas, por vezes desvairadas como no caso do filme de Milius, que lhe haviam analfabetismo. Entenda-se: não estou a sugerir que depois de ver o tal «Amanhecer Violento» a generalidade do público ficou mesmo a acreditar na iminência ou sequer na possibilidade de uma ocupação do território dos Estados Unidos pelas ferozes tropas «vermelhas», embora sendo possível que algumas boas almas, mais gravemente ignorantes de tudo, tenham suposto. O que sustento é que filmes como este e

televisão portuguesa, como aliás todas as outras, é política e politizante de uma ponta à outra, e não apenas nem sobretudo quando faz a escandalosa promoção eleitoral do dr. Paulo Portas. É política precisamente quando faz tudo para afastar os cidadãos da política, porque depolitizadinhos é que o filofascismo gosta deles. É política quando nos enche os olhos de estórias de amores e desamores, de intrigas sentimentais miúdas que desviam a atenção dos espectadores para as grandes intrigas que não são nada sentimentais e marcam as manobras dos que comandam ou querem comandar o País. É política quando promove o sexo como espectáculo ao domicílio, pois é sabido desde há séculos que o sexo faz esquecer as preocupações cívicas e até provocou históricas traições políticas. E esta maré alta de concursos em que os prémios são milhares de contos (ou carros, símbolos de algum poder económico), que promete a todos a possibilidade de ser milionário, não será uma forma de fazer política na TV? Não é a sacralização e fetichização do dinheiro uma linha fundamental da opção pelo capitalismo como estruturação social? Isto não quer dizer, acentue-se, que toda a TV dita de entretenimento seja inevitavelmente uma forma de fazer política. Acontece, porém, que o é a que está em curso. E, perante ela, não sejamos nós tão inocentes que criamos que a TV, coitadinha, «não é tanto assim». Não lhe demos essa ajuda. Ela nem precisa.

A equipa de «Acontece», de novo no ar esta semana (RTP 2, diário)

13.00 Primeiro Jornal  
14.00 O Maior Cabaret do Mundo  
15.10 «Voando para Casa» (de Carrol Ballard, EUA/1996, com Jeff Daniels, Anna Paquin. Drama)  
17.00 «Do Cabaret para o Convento» (de Emile Arsolino, EUA/1992, com Whoopi Goldberg, Maggie Smith. Comédia)  
19.00 Futebol: Benfica-Estrela da Amadora

17.00 Mulher  
18.00 Malhação  
19.00 Uga Uga  
20.00 Jornal da Noite  
21.00 A Febre do Dinheiro  
21.30 Laços de Família / Aquarela do Brasil  
22.30 Roda dos Milhões  
00.40 Sai de Baixo  
01.20 Último Jornal  
01.40 «Justiça Silenciosa» (de James Oalthorp, EUA/2000, com Richard Tyson, Steven Owsley. Policial)



A reabertura da Royal Opera House (Covent Garden) será objecto de um «Artes de Palco» (RTP 2, domingo)

20.50 Jornal da Noite  
21.45 O Cravo e a Rosa  
22.45 A Febre do Dinheiro  
00.45 Último Jornal  
01.05 «O Agente Secreto 007» (de Terence Young, Gr.Br./1962, com Sean Connery, Ursula Andress. Espionagem)

**▼ TVI**  
08.30 Animação  
11.00 Espaço Religioso  
11.10 Missa  
13.00 TVI Jornal  
13.25 Portugal Português  
14.15 Caras Lindas  
15.50 « regresso à Família» (de Glenn Jordan, EUA/1998, com Jack Lemmon, Sarah Paulson. Drama)  
18.00 Cocktail Nacional  
20.00 Jornal Nacional  
20.50 Jardins Proibidos  
22.00 Big Brother  
00.15 «Gridlock» (de Vondie Curtis Hall, EUA/1996, com Tim Roth, Tupac Shakur. Drama)  
02.15 «Ordem Para Matar» (de Jim Goddard, EUA/1991, com Timothy Dalton, Eve Adam. Espionagem)



## A talhe de foice

• Henrique Custódio

# A residencial

No final destas férias fui passar alguns dias a Tomar. Reminiscências de expedicionário colonial - foi num aquartelamento da cidade do Nabão que aguardei durante dois meses a guia de marcha para a guerra da Guiné - e fascínios antigos pelo mítico triângulo templário da região - Tomar, Almourol e Ourém - ataram-me o bernal e puseram-me à estrada numa reavistação com quase três décadas de atraso.

Determinado a usar o tempo em plenitude, instalei o quartel-general na primeira residencial que se me atravessou e de lá irradiei as minhas incursões.

Não é delas que vos quero falar, por muito que me seduza contar-vos o meu reencontro com o fantasma octogonal da charola, que me assombrava as vigílias no hospital militar do Convento de Cristo, ou a ascensão quase iniciática que me levou à torre de menagem de Almourol.

O que vem ao caso é a residencial onde me instalei.

Acomodado nas sossegadas traseiras de um terceiro andar (e com melhor vista para o castelo que a frontaria barulhenta), fui no serão do primeiro dia surpreendido pelo inconfundível patinhar de malas e viajantes a atracar nos quartos vizinhos. De invulgar apenas o murmúrio estrangeiro dos recém-chegados e a nitidez com que o rececionista exigiu ali mesmo o pagamento antecipado, coisa que nem ao de leve me foi sugerida quando horas antes me instalara.

Na manhã seguinte, à mesa do pequeno-almoço, a responsável do estabelecimento quis inteirar-se do comportamento dos meus vizinhos, pedindo-me desculpas antecipadas por eventuais barulhos.

«São lá dos países de Leste, a gente nunca sabe...», informou-me ela com melosa expectativa. Respondi-lhe que quem também não sabe são eles. «Não sabem no que se metem quando para aqui vêm trabalhar», acrescentei também na expectativa. O rosto de sexagenária tarimbada na decifração da clientela alargou-se-lhe numa distensão já cúmplice e informou-me: «Coitados... Vieram dumbras obras em Cascais onde estiveram quatro meses e disseram-nos: viemos à procura de trabalho, mas esperamos que desta vez nos paguem. Já viu isto? Exploram os desgraçados e nem sequer lhes pagam?»

Passaram dois dias e dos meus vizinhos só tive breve nota no rumor estrangulado com que à noite regressavam aos quartos para se diluírem no silêncio.

Até que os deixei de ouvir. Não foi necessário perguntar nada. A minha anfitriã, com uma familiaridade que as nossas conversas ao pequeno-almoço já haviam estatuído, aproximou-se da mesa, serviu-me pessoalmente o café do bule que entretanto arrebatará das mãos da empregada e confidenciou-me: «Já sabe dos coitados do Leste? Não arranjam trabalho e foram-se embora porque não tinham mais dinheiro para os quartos!» Inclinou-se a acentuar a confidência e acrescentou: «No fundo, foi a sorte deles. Com os empreiteiros que aí há nem a comida lhes pagavam - e olhe que eu sei do que estou a falar!»

Vem esta história a propósito do que na segunda-feira foi noticiado por um sindicato da CGTP (e de que o Avante! dá nota neste número): num universo nacional de mais de meio milhão de trabalhadores no sector da construção civil e obras públicas, há cerca de 145 mil trabalhadores clandestinos e precários com cuja exploração à margem da lei os seus empregadores, só no Norte do País, sonham anualmente ao Estado a cobrança de 44 milhões de contos.

«Sorte» é isto. Para azar de todos nós - nacionais e estrangeiros.

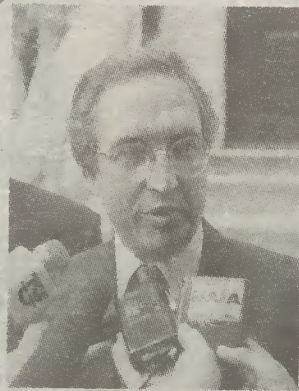
## PCP comenta a remodelação do Governo

# Prova o erro da estrutura e o fracasso da política do PS

No intervalo do futebol, António Guterres veio anunciar anteontem a remodelação que tinha negado apenas há três semanas.

No comentário que fez - também na estação televisiva pública onde o primeiro-ministro aproveitou o intervalo do Sporting-Real Madrid para fazer uma declaração sobre as alterações no seu Governo -, o secretário-geral do PCP salientou que esta remodelação mostra o erro em que, tal como o Partido sempre disse, assentou uma estrutura de governo, e comprova o fracasso de uma política subordinada aos grandes interesses e aos interesses financeiros.

Carlos Carvalhas chamou a atenção para o facto de, com esta remodelação, o primeiro-ministro desdizer tudo o que sobre esta maté-



Os grandes interesses e os interesses financeiros continuam a determinar a acção do Governo, denunciou Carlos Carvalhas (foto de arquivo)

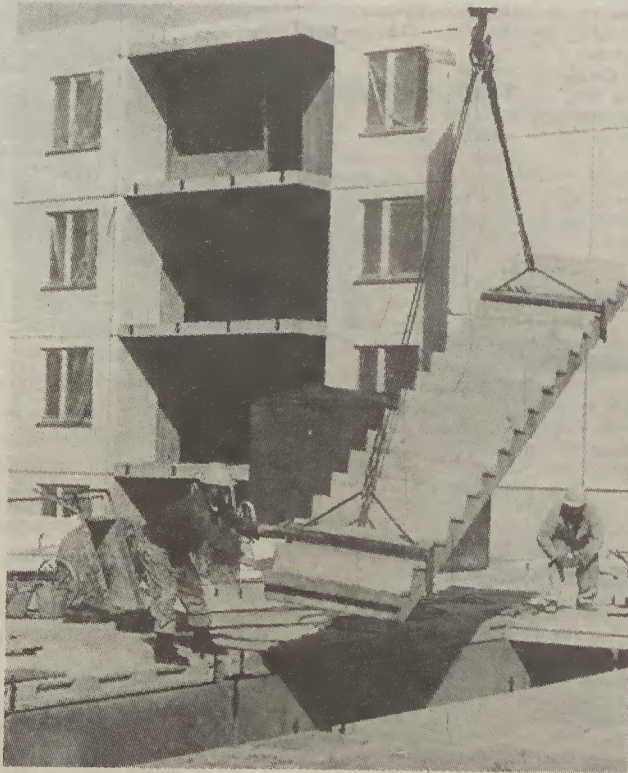
ria afirmou, há três semanas, no comércio de «ren-trée» do PS.

O dirigente comunista sublinhou que, do que Portugal precisa é de uma outra política e não de uma mudança de membros de Governo, uma outra política em relação aos salários, às reformas, às taxas de juro, à defesa e valorização das actividades produtivas em vez das actividades especulativas e financeiras.

Vítor Dias, da Comissão Política do Partido, em nota divulgada anteontem à noite pelo Gabinete de Imprensa, afirma que «toda a história da remodelação confirma as dificuldades em que o Governo está mergulhado, não sendo uma pequena coisa que tenha acontecido hoje tudo aquilo que o engenheiro Guterres garantiu não tencionar fazer há três semanas em Esposende». «Dada a natureza e as razões do descontentamento

popular que hoje cerca o Governo, não tem qualquer credibilidade nem convencerá muitos portugueses a ideia de um suposto novo fôlego do Governo com base numa nova nomeações e trocas de pastas», diz o dirigente comunista, defendendo que «esta remodelação, além de servir para tentar absolver o primeiro-ministro à custa dos ministros sacrificados, é verdadeiramente o recurso à técnica de mudar alguma coisa (várias caras) para que tudo (a política seguida) possa continuar na mesma». «Bem pior que o desempenho de alguns ministros é a política global do Governo e as orientações que teima em manter, apesar de comprovadamente não responderem às preocupações dos portugueses e às necessidades do País», conclui Vítor Dias.

## JCP exige mais casas para Lisboa



«Habitar em Lisboa não pode ser um luxo acessível apenas a alguns. Os jovens lisboetas têm o direito de viver e trabalhar na sua cidade», reclama a JCP, que está a prosseguir as iniciativas para pôr fim à existência de milhares de casas devolutas na capital e a falta de habitação para as camadas mais jovens.

Os jovens comunistas reuniram-se ontem com a EPUL - Empresa Pública de Urbanização de Lisboa e encontram-se na próxima quarta-feira com representantes da Associação Lisbonense de Proprietários, para apresentar as suas propostas.

A primeira defende que o Estado deve intervir como agente regulador e promotor do mercado de habitação,

pois «é possível encontrar uma solução para o problema que seja simultaneamente rentável para os proprietários dos imóveis e compatível com as condições de trabalho e salários dos jovens».

Outra proposta passa pela recolocação no mercado dos muitos fogos devolutos que actualmente existem, redimensionados e adaptados às necessidades actuais dos jovens, singulares ou casais, em busca da primeira casa.

A JCP considera ainda que estes fogos devem servir prioritariamente aos jovens até aos 30 anos, pedindo que «seja criado um programa de habitação sensível aos salários, à grande mobilidade no emprego e às incertezas que temos pela frente».

«Ao longo dos últimos anos, nenhum Governo teve a vontade política e a coragem de enfrentar a situação verdadeiramente escandalosa dos fogos devolutos. A fé no "livre mercado" apenas tem contribuído para desregular e distorcer ainda mais o problema da habitação, reforçando até ao limite o direito à propriedade», sublinha os jovens comunistas num comunicado.

A JCP aguarda ainda a confirmação de reuniões com a Secretaria de Estado da Habitação, a Câmara Municipal de Lisboa, a Associação de Inquilinos Lisbonenses e a Associação de Empresas de Construção Civil e Obras Públicas.

## Congresso das Colectividades em Abril

A Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio marcou o Congresso das Colectividades para 6, 7 e 8 de Abril, em Loures. A FPCCR pretende prosseguir o caminho da unidade, reforço e estruturação do associativismo popular, na esteira do congresso realizado há 7 anos, em Almada.

Desta vez - como salientou na reunião de sábado o presidente da Direcção, Alfredo Flores, citado numa nota de imprensa - a federação quer fomentar uma ampla e profunda reflexão sobre as dificuldades e os sucessos do presente, bem como sobre as soluções que

melhor permitem reforçar as estruturas e preservar os valores fundamentais do movimento associativo, quando a evolução da sociedade lhes é fortemente adversa.

A intenção de reunir novamente as colectividades em congresso figura nos planos dos dirigentes da FPCCR desde 1997. Mais recentemente, foi abordada com a Federação das Colectividades do Distrito do Porto. A proposta alargou-se a federações, distritais e concelhias, constituídas nos últimos dois ou três anos.

Na reunião de 9 de Setembro foi muito clara-

mente expressa a necessidade de trabalhar para alargar o congresso a todas as associações de raiz popular, com actividades de cultura, desporto e lazer, estejam ou não inscritas na federação e estejam ou não já constituídas formalmente.

Ficou constituído um grupo de trabalho que, depois deste ponto de partida para a discussão, vai elaborar uma proposta sobre a forma como vai prosseguir a construção do Congresso das Colectividades.

Do seu trabalho dará conta em nova reunião alargada dos corpos gerentes, que ficou convocada para 30 de Setembro.



00258

51603199000451